

UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Belas Artes

StopNonStop

Contextos Independentes de Produção Criativa e os
seus Processos de Permuta com a Organização Social.
O Caso do Centro Comercial Stop.

Anselmo Canha

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Design da Imagem

Orientador: Prof. Doutor Heitor Alvelos

Porto, 2008

Ao meu Pai Amândio e à minha Mãe Belmira

Agradecimentos

Remete-se o texto de agradecimentos para a versão definitiva deste documento

Abstract

This dissertation will address the active role of Image and Design in the social and cultural fabric, specifically in the context of musical production. The work is centred on the study of a place, the Stop Shopping Mall, whose commercial failure served to open the doors to a progressive occupation of the abandoned shops by music bands. The phenomenon reached such a pitch that now, in 2008, the Mall is effectively a Rehearsal Room Centre.

The research is based on fieldwork in which the researcher assumes a double role as both participant and observer to appreciate the diversity of the place, to lead its residents to confront their situation and to move on to secure a position at the heart of this world. The analysis will focus on a comparison between the various scales of the object of study, from the musical activity to its context within the city, in order to identify particular features and relate behaviours. In conclusion, both the synthesis of the issues and the retrospective look at the process and the objects created will inform the possibilities for future action.

Finally, the work will be conducted within the scope of Image Design and the wider strategies of the hosting venue, which point to an active social role.

Resumo

A presente dissertação aborda o papel interventivo da Imagem e da actividade projectual do Design no tecido social e cultural, nomeadamente no contexto da produção musical. O trabalho centra-se no estudo de um lugar, o Centro Comercial Stop, cujo insucesso comercial abriu portas à progressiva ocupação das lojas abandonadas por bandas de música. O fenómeno atingiu uma dimensão que permite afirmar, em 2008, que este espaço é um Centro de Salas de Ensaio.

A pesquisa tem por base um trabalho de campo em que o investigador assume o duplo papel de membro e observador para reconhecer a diversidade do lugar, para iniciar um confronto dos habitantes com a sua condição, e para avançar na conquista de uma posição no seio deste universo. O trabalho de análise centra-se no confronto das várias escalas do objecto, desde o projecto musical até ao contexto da cidade, para identificar traços próprios e relacionar comportamentos. Na conclusão, quer a síntese das questões quer a retrospectiva do processo e dos objectos criados revertem a favor das possibilidades de acção futura.

Finalmente, procura-se uma acção enquadrada na disciplina do Design da Imagem e nas linhas estratégicas mais vastas da unidade de acolhimento, que apontam no sentido de um papel social activo.

Sumário

- 12. **Introdução**
- 12. **Objecto**
- 14. **Objectivos**
- 15. **Enquadramento académico**

- 18. **Descrição**
- 18. **Enquadramento**
- 22. **De fora para dentro**
 - 24. Da promessa consumista à infra-estrutura musical
 - 28. O ponto de vista externo
 - 32. O CCStop nas redondezas
 - 38. Lá dentro
- 43. **Uma aproximação quantitativa**
- 46. **As bandas e outras relações**
 - 51. As bandas e os espaços
 - 68. Outras associações menos formalizadas: o caso da sala 213
 - 71. A hipótese da comunidade
- 75. **De dentro para fora**
 - 75. Onde se toca
 - 78. A transfiguração do Projecto em Banda
 - 82. Negócios em redor das bandas

- 86. **Análise**
- 90. **O “Projecto” como unidade de análise**
- 93. **A categorização e a indústria do mundo da música**
- 96. **A comparação entre o Centro Comercial e o Rock. Metáfora, coincidência ou causalidade?**
- 101. **O Centro Comercial Stop (e o Rock) como génese de alternativas**
- 102. **O Centro Comercial Stop e a cidade do Porto**

- 110. **Metodologia**
- 112. **Perfil metodológico**
- 115. **O problema da delimitação do objecto**
- 116. **O que se procura revelar**

- 118. **A investigação no terreno**
- 118. **Opções metodológicas operativas**
- 121. **Categorização**
- 121. **Análise**
- 123. **Evolução da abordagem metodológica: primeiras formulações do investigador**
- 127. **Evolução da abordagem metodológica: retrospectiva do trabalho de campo**
- 129. **As duas fases do directório**
- 137. **Avaliação das ferramentas práticas**
- 138. **Desaceleração do trabalho de campo e primeiro desafio**
- 141. **De volta aos princípios metodológicos iniciais**

- 144. **Conclusão**
- 146. **Reequacionamento da natureza da troca**
- 147. **Reequacionamento do ambiente e das práticas**
- 148. **Perfil do CCStop**
- 149. **Trabalho em curso e desafios futuros**
- 151. **Regresso ao enquadramento académico**
- 153. **Bibliografia**

- 155. **Anexos**
- 157. **Anexo 1 . Documento de enquadramento académico**
- 159. **Anexo 2 . Bandas do CCStop acom presença no Myspace em Julho de 2008**
- 177. **Anexo 3 . Diário do investigador**
- 185. **Anexo 4 . Cartazes e formulários**
- 189. **Anexo 5 . Festival Future Places no CCStop**

Introdução

A presente dissertação propõe-se iniciar um trabalho de revelação do Centro Comercial Stop como pólo de produção musical, através da experiência e do registo do seu quotidiano. Trata-se de um estudo de caso passível de transporte para contextos mais vastos, como são a abordagem do papel interventivo do Design e da Imagem no tecido cultural e social. Em termos objectivos, visa-se indagar os contributos deste lugar, quer para uma leitura do presente momento cultural e social cidade do Porto, quer para o seu desenvolvimento futuro.

Objecto

O Centro Comercial Stop nasceu no Porto no início dos anos 80 e revelou-se um fracasso comercial no espaço de poucos anos. Nos últimos doze anos, as lojas abandonadas foram progressivamente ocupadas por bandas de música até podermos dizer que, em 2008, este espaço é um Centro de Salas de Ensaio. A paisagem e o quotidiano deste Centro Comercial compõem-se agora da actividade de algumas centenas de músicos à procura de um papel, de uma identidade e de linguagens que as definam e expressem. Este é um projecto de

reconversão de um espaço construído unilateral e institucionalmente pelos projectistas (um Centro Comercial) em um outro cujos “designers” são as próprias bandas de música, movidas pela energia dos seus próprios anseios.

O interesse do fenómeno não se fica pela questão funcional do surgimento de um núcleo de salas de ensaios de baixo preço. Ele estende-se ao longo da evolução física, funcional, técnica e simbólica de um objecto público. Estende-se ainda pela exibição eloquente de um impulso vital, partilhado por centenas de pessoas, para testar um conjunto complexo de recursos identificadores e expressivos nos domínios da performance, da música e da imagem, ou seja, para experimentar nesses universos processos de apropriação, integração e relação com o mundo.

Na actividade destes pesquisadores sobre a expressão e muito especialmente sobre a auto-expressão, através da relação que estabelecem entre as heranças musicais, o seu repertório e as comunidades da música, ou seja, entre uma história, uma prática e uma relação social, podemos ver reflectido todo um processo passado e futuro de transformação por operações sucessivas de codificação, descodificação e re-codificação; podemos observar o processo de reciclagem de uma cultura. Como que a re-exigir a nossa atenção para o lugar, é o próprio edifício que oferece um processo análogo na sua relação com a cidade: também ele é herança urbana, é e foi prática (ontem comercial, hoje também musical) e joga esses ingredientes numa relação social em evolução contínua.

O Centro Comercial Stop apresenta-se pois como uma fonte de informação especialmente rica, num momento em que os designers, também eles, se vêem confrontados com as suas responsabilidades históricas no mesmo tipo de processo. De facto, hoje, tudo à nossa volta confronta os designers e o Design com a sua lógica original e histórica, aquela que remeteu os objectos e com eles a própria cultura para a ordem do valor de troca/signo, tal como é exposto por Jean Baudrillard em *Para uma crítica da economia política do Signo*.

... objecto não é uma coisa nem mesmo uma categoria, é um estatuto de sentido e uma forma. Antes do advento lógico desta forma/objecto, nada o é, nem sequer o utensílio quotidiano; depois, tudo o é, tanto o prédio como a colher de chá, como a cidade inteira. É o Bauhaus que edifica esta universal semantização do meio ambiente, em que tudo se torna objecto de cálculo de função e de significação.¹

•

1. BAUDRILLARD, Jean – *Para uma crítica da economia política do signo*. Lisboa: Edições 70, 1995. p.192.

Se afinal tudo é signo, então tudo é transcendente e nada radica para além do próprio signo. Somos confrontados antes de mais com a estrutura da virtualidade e da efemeridade.

Desta vez, os designers não precisam de manufacturar o modelo. Ele está aí, apto e aberto à sagacidade de quem o quiser observar. A Música e o CCStop apresentam-se como possíveis chaves do desígnio, campo para a sua procura e, prevê-se, expressão da sua essencialidade.

Encarando a música como um sistema de signos, como e onde podemos ler nela fenómenos de posicionamento numa ordem social? E em que é que os signos correspondem a movimentos de radicalização ou de aculturação? Em que correspondem a relações vividas ou de resignação (consumo)?

Convirá perceber em que medida a música, tal como é vivida no CCStop, se constitui como sistema de objectos/signo em coerência com a lógica de consumo e em que medida é quebra (marginal) dessa mesma lógica. Nesta segunda hipótese, como recupera ela a dimensão simbólica dos objectos tradicionais? Como recupera ela uma ligação, uma relação tangível com a realidade, uma concretização dos projectos em vez da sua resignação em objectos/signo?

Esta é uma dimensão psicológica e social: identidade e relação social.

No Centro Comercial Stop, como se pretende que venha a ficar apontado, entrecruza-se um conjunto de movimentos contraditórios, onde o sonho da fortuna do *hit* calculado coabita, por vezes dentro dos mesmos sujeitos, com a mais dedicada, desprendida e espontânea vivência da música. As vestes da economia do signo revelam neste sítio o seu corpo envelhecido e tornam-se, como que por magia, sinais de evasão à malha hiper-racional que hoje parece omnipresente.

Objectivos

É desde já visível a extensão do contexto enunciado. Torna-se necessário encontrar nesta vastidão o papel adequado e correctamente dimensionado para esta dissertação.

A presente investigação destina-se a mergulhar no local com o único compromisso de o registar no momento presente e de, perante essa acção de registo, indagar as possíveis consequências:

- 1) Reconhecer a diversidade do lugar e, dentro dela, os seus pilares operativos;
- 2) Iniciar o confronto das suas possibilidades internas e de relação com o seu contexto;
- 3) Indagar neste processo o papel da actividade projectual do Design;
- 4) Conquistar um lugar no seio da comunidade que permita a continuidade e o aprofundamento da observação/acção.

Com este primeiro percurso de reconhecimento poderá ter início um processo cíclico de aprofundamento, a concretizar em movimentos sucessivos de aproximação e aprofundamento que correspondem, no fundo, à própria espiral de conhecimento.

Enquadramento académico

O presente trabalho tenta enquadrar-se nas âncoras disponíveis na unidade de acolhimento mas, dada a sua fase ainda embrionária, posiciona-se como um contributo para encetar caminhos em direcção a projectos de investigação concretos. Este é pois um passo inicial. É em si o levantamento e afinação de uma hipótese.

Nesse sentido, as razões do presente trabalho, e muito especialmente as razões da escolha do objecto, vão para além dos motivos já avançados. Do conjunto das áreas definidas pelo Departamento de Design da FBAUP (sob cuja tutela esta dissertação se desenvolve), no seu documento *Áreas de Investigação* datado de Junho de 2007², a escolha do Centro Comercial Stop insere-se em três: “Design no Espaço Público”, “Imagem Narrativa e Documental” e ainda “Design para o Desenvolvimento Social e Cultural”.

Design no Espaço Público: A história e o quotidiano do Centro Comercial Stop atestam uma dinâmica social radical fortemente marcada pela tensão entre o público e o

•

2. FBAUP, Departamento de Design – *Áreas de Investigação*. Porto: Departamento de Design da FBAUP, Jun 2007. Pdf. (ver Anexo 1)

privado, manifestada quer na sua fase inicial como Centro Comercial, quer no presente como centro de ensaios para bandas de Rock, quer na própria narrativa da transição. O conhecimento mais profundo deste local e dos seus utilizadores (ou habitantes) permitirá ponderar futuras contribuições aqui localizadas e destinadas ao desejado “desenvolvimento de contextos públicos de comunicação e fruição através do Design.”

Imagem Narrativa e Documental: O CCStop é um local de grande eloquência e riqueza, seja em histórias individuais, em narrativas da cidade e da sua relação com uma cultura global e globalizante, nas questões urbanas, ou naquilo que é a cultura local em acção abaixo do manto institucional. O processo em curso destas narrativas apresenta riscos de mudança abrupta. Esta precariedade manifesta-se no frágil equilíbrio da sua relação com a lei e no seio dos vários níveis sociais e de forças envolventes. Torna-se urgente um acto de registo, sob pena de perdermos para sempre toda esta riqueza. Este é, antes de mais, um acto ditado por uma consciência histórica, ou seja pela convicção de que o escavar em profundidade e extensão dos factos que fazem o nosso “ser” colectivo é fundamental para nos dotarmos de um discurso poderoso e radicator, seja ele factual ou ficcional.

Design para o Desenvolvimento Social e Cultural: Este é um desígnio que se cumpre por via das áreas anteriores. Aqui está vincado, tal como no espírito do documento citado³, o encaminhamento de toda a actividade de investigação para um papel social activo. Sintonizando esta postura com a premissa que orientou a escolha do objecto de estudo e segundo a qual são as próprias práticas espontâneas actuais que nos podem elucidar quanto ao movimento de um horizonte profissional, estamos então perante um cenário, o CCStop, que é simultaneamente fonte de informação e laboratório, indício e território, conhecimento e acção. O mesmo cenário que nos traz a história da cultura, dos objectos e das significações para as quais temos contribuído, expõe-se e clama por contributos para resolver o seu momento histórico. Completa-se um quadro no qual é possível participar na resposta às exigências de reformulação permanente da prática do Design: que ele **assuma historicamente os seus contributos** para a mudança de horizontes numa determinada direcção, que se **monitorizem tais mudanças** e que se **redefina um papel estratégico** face a uma história passada e futura.

•
3. FBAUP, Departamento de Design – *Áreas de Investigação*. Porto: Departamento de Design da FBAUP, Jun 2007. Pdf. (ver Anexo 1)



Descrição

Enquadramento

O Centro Comercial Stop (CCStop) foi inaugurado a 6 de Novembro de 1982. Dois anos depois, em Dezembro de 1984, surgiu o Centro Comercial Dallas (CCDallas), na Avenida da Boavista. Ainda no início da década de 80 surgiram o Centro Comercial Cedofeita (CCCedofeita), o Centro Comercial Foz e o Centro Comercial Campo Alegre, entre outros de menor dimensão. Antes destes, já o pioneiro Centro Comercial Brasília (CCBrasília) se tornara atracção turística desde 1976. A ligação destes espaços comerciais com a música começou muito cedo, fosse como local de comércio e consumo, fosse como mero ponto de encontro.

Por volta de 1987, eu ensaiava com o Repórter Estrábico no Centro Comercial Dallas, na Avenida da Boavista. A nossa sala de ensaios era a discoteca Lux. Ensiávamos na pista de dança durante a tarde e guardávamos os instrumentos atrás da porta da casa de banho pública. Nunca ninguém nos roubou nada. Nessa altura, andava pelo Dallas uma figureta que se dedicava ao aluguer de salas de ensaio a bandas ditas “de garagem”. Este personagem explorava as salas da Ala Norte, uma zona do Centro Comercial Dallas que resultou em fracasso comercial. Nessa altura, os Centros Comerciais e a música eram unha e carne. Por exemplo, no Dallas, existiam as salas de ensaio, existia o Lux, os bares Lálálá e Splash e uma discoteca na entrada que rodou por vários nomes. No Brasília existia a discoteca Griffons e, ao lado, no Itália, tínhamos o Swing. No Stop existia o 88. E tínhamos as lojas de discos,

que se concentraram também nos Centros Comerciais, encabeçadas pelos respectivos empregados especialistas e os grupos de aficionados.⁴

Nos anos 80, esta ligação estabelecia-se não só com a música, mas com todo um conjunto de aspirações à modernidade presente antes de mais nas classes mais favorecidas e nas gerações mais recentes. Era um novo modo de estar social que emergia, por oposição ou alternativa aos velhos modelos de socialização e comércio tradicionais, sobretudo os cafés e bares da baixa, a Rua de Santa Catarina e a Rua de Cedofeita. Em consequência, a loja de discos Tubitek, mítico ponto de encontro dos aficionados das correntes menos divulgadas, passou a ter concorrentes no CCCedofeita (a Jo-jo's), no CCDallas (a Roll's Rock) e no CCStop (também a Roll's Rock e a Passo Preto). Espaços de espectáculo e entretenimento tradicionais desde os anos 60 como a Cruz Vermelha em Massarelos, o Clube de Leça ou a Assembleia da Granja, onde os concertos de rock se misturavam no programa com bailes de salão, festas com música gravada ou concertos de música cabo-verdiana⁵, passaram a ter concorrência ou a ser substituídos por sítios como o bar Lálálá e o Lux no CCDallas, a discoteca Indústria e o bar Nonsense na Foz, ou o Swing no Parque Itália e o Grifons no CCBrasília, não só porque alguns destes sítios permitiam a realização de concertos, mas também porque foi para lá que se deslocaram os pólos de atracção e confronto das pessoas que assumiam quer a produção quer o núcleo duro da divulgação e do consumo da música. "As pessoas que iam eram sempre as mesmas", comentou José Ferrão⁶. E para onde elas iam deslocava-se o pólo.

No tempo dos velhos espaços, diz José Ferrão, "ganhava-se imenso dinheiro" com a música, tocando com alguma frequência – contratando uma série de fins-de-semana na Assembleia da Granja durante um Verão, por exemplo – e recebendo uma percentagem da bilheteira. Veremos como, hoje, este esquema de pagamento não supre sequer as despesas aos músicos. Por volta de 1979/80, José Ferrão tocava versões dos Velvet Underground, dos Rolling Stones e de outros nomes considerados marginais com o grupo Marca Amarela. Estávamos no tempo de "Ar de Rock" de Rui Veloso e a um ano de "Portugal na CEE" dos GNR ou de "Chiclete" dos Taxi, primeiros contributos visíveis do Porto para o chamado "boom" do Rock Português. Este "boom" inicia pois a sua história

•

4. Anselmo Canha, testemunho escrito em 4 de Abril de 2008.

5. José Ferrão, entrevista em 15 de Julho de 2008.

6. Idem.

no Porto no mesmo momento em que os impulsos de socialização e experiência através da música começam a encontrar nos centros comerciais respostas alternativas, novas e tentadoras. Os espaços dos centros comerciais chegam acompanhados dos pavilhões e dos estádios para darem uma nova dimensão, obviamente mais teatral e mediática, à música rock e pop produzida em Portugal.

Os concertos passaram a ser em campos de futebol e pavilhões, com uns PA's horríveis, um som horrível, aquilo sempre cheio, uma barulheira, ninguém percebia nada, mas as pessoas saíam de lá todas felizes, pá.⁷

“Portugal na CEE”, “Chiclete” ou “A rapariguinha do Shopping” seriam constatações, adesões ou desdém por este mundo novo?

Naquela altura, as bandas de garagem faziam jus ao nome, porque ensaiavam, de facto, em lugares improvisados em casas particulares dos músicos – fossem garagens, caves ou arrecadações – ou em casas desocupadas da família. O acesso, quer a espaços, quer aos instrumentos eléctricos e acústicos necessários para o rock, era bloqueado pela condição da generalidade das pessoas, com poucos recursos de espaço e poder de compra insuficiente para o elevado custo dos instrumentos. Em 1980, uma guitarra eléctrica de baixo valor – mas com qualidade suficiente para iniciar uma carreira – custaria aproximadamente 20 000\$00 (os mesmos €100 de hoje), num tempo em que o ordenado mínimo nacional rondava os 15 000\$00 (cerca de €75). Por isso, as propostas musicais surgiam principalmente no seio das classes mais abastadas, e nas zonas da cidade que estas classes escolhiam para viver, com a Boavista e a Foz à cabeça⁸. Este panorama sofreu grandes transformações ao longo da década de 80 e 90, às quais não serão alheios factores como o desvanecimento das ondas de choque da revolução de 1974 (que concentrara a discussão ético-política na crítica do capital), os contributos dos meios de comunicação para a divulgação e a criação de uma comunidade alargada da música⁹, o sucesso do rock português ou a prosperidade económica trazida pela CEE (a adesão de Portugal dá-se em 1986). Os centros comerciais fizeram parte desta transformação.

•

7. Idem.

8. Os Taxi ensaiavam na Rua Nossa Senhora de Fátima, numa casa particular; os GNR na garagem do guitarrista Victor Rua na zona de Francos; Rui Veloso ensaiava em sua casa; o Marca Amarela nasceu numa casa emprestada, vazia, na Avenida do Brasil.

9. Destacam-se aqui os contributos das rádios pirata desde o fim dos anos 70 até à legalização em 1989, e o do jornal Blitz entre os debutantes, a partir de 1984.

A adesão à promessa da liberdade e da prosperidade, primeiro democrática e depois também europeia, teve grande dose de espontaneidade e pouca previsão estratégica, a julgar pelos rápidos problemas de ocupação que os centros comerciais passaram a enfrentar. O CCDallas nunca esteve ocupado na totalidade, sobretudo o chamado “Sector Norte” que teve sempre uma taxa baixíssima de ocupação e um ar vagamente sinistro, mesmo quando o edifício era novo. O CCBrasília tremeu com a nova dimensão depois de abrir a ala nova a nascente. O CCStop, segundo o actual administrador Dr. Ferreira da Silva, inaugurou “com algumas lojas abertas”, terá chegado a uma ocupação de 100%, mas em 1985 estaria já em declínio com os espaços a vagar.

Estes espaços desocupados foram rapidamente identificados como a solução para um conjunto – agora alargado – de músicos e debutantes sem condições nas suas casas para dar largas aos seus projectos. No início da década de 1990, segundo Jorge Coelho, existia um espaço na cobertura do CCBrasília chamado Poltergeist dedicado ao ensaio de bandas rock. Pelo menos entre 1986 e 1987 circulava no CCDallas um personagem que podemos descrever como músico-empresário e que alugava salas a bandas de rock, como testemunharam Miguel von Hafe e Paulo Lopes em conversas datada de Julho do presente ano¹⁰.

Ao mesmo tempo, era a ruína dos Centros Comerciais, porque isso só acontecia em Centros Comerciais sem sucesso.¹¹

Entre o final dos anos 80 e o início dos 90, uma banda de versões na área do rock progressivo cujo nome já fora “Tilt” alugou uma sala no CCStop para ensaiar. Outras actividades ligadas à música terão acontecido também (fizeram-se menções a aulas particulares). Em 1996, passou a lá ensaiar o Repórter Estrábico, uma banda do Porto com alguma projecção nacional que tinha, entretanto, passado por casas particulares, associações recreativas ou culturais e pelo CCDallas. Estava aberto o caminho para o desenvolvimento de uma infra-estrutura da criação musical que hoje tem uma dimensão assinalável, bem para além da escala da cidade. Segundo Paulo “Congas”, dos Tchakare Kaniembe, foi por volta de 2004 que o CCStop se encheu definitivamente de bandas,

•

10. A estes lugares podem ser acrescentados o Centro Comercial Sirius na Rua 5 de Outubro, o Edifício Chrysler na Zona Industrial, o Sr. Abílio no Bonfim, o Baixa a Tola na Sra. da Hora, o Sr. Augusto na Areosa, a Central Eléctrica em Campanhã ou a Fábrica de Sons na Avenida Rodrigues de Freitas (mesmo junto ao CCStop) como dados de uma possível história e mapeamento dos sítios de ensaio no Porto.

11. José Ferrão, entrevista em 15 de Julho de 2008.

lotando todos os espaços disponíveis. Actualmente, são cerca de 68 salas alugadas a bandas, um número que sustenta uma estimativa de mais de 100 bandas e 300 músicos cuja base operacional é o CCStop.¹²

Já na década de 90, o aparecimento dos grandes centros comerciais da periferia veio mais uma vez reformular os movimentos das populações, e a forma como evoluíram o modo de usar o tempo de lazer. A par da queda dos primeiros centros comerciais, vieram outros fenómenos como a acentuação do esvaziamento da baixa da cidade e o fim dos cinemas tradicionais. O centro da cidade tornou-se mais amorfo e perdeu energia. O acontecimento do Porto 2001 Capital Europeia da Cultura, independentemente de qualquer julgamento, avivou a discussão sobre a cidade e incidiu sobre ela de forma definitiva. No lado próspero da cidade – a Boavista dos negócios, do agora discreto CCBrasília e da modernidade burguesa portuense – nasceu a Casa da Música, refazendo uma polarização de longa data. O ressurgimento dos sinais de prosperidade e investimento nesta zona evidencia o abandono militante, a marginalidade por condição e a malha urbana envelhecida que se observa na Rua do Heroísmo e nas suas imediações desde a Batalha até Campanhã. A militância e a condição são, antes de mais, as das próprias decisões políticas, que parecem esquecer esta zona quando se trata de investir e cuidar da cidade. Mesmo as grandes obras que se vêem, como a Ponte do Infante ou o novo interface de Campanhã, parecem servir-se apenas do sítio como passagem para se dirigirem a outras paragens. Nas ruas vemos os mesmos negócios de há vinte anos, as casas em degradação lenta e muitas delas à venda, as pessoas novas a tornarem-se, conformadas, nas mais velhas. Aqui, o Porto 2001 não deixou consequências.¹³

De fora para dentro

Quem passa hoje na rua do Heroísmo e olha para o CCStop vê um edifício bizarro e deslocado. Vê uma história por contar. As cores recentemente impostas pelo Júlio (um dos mais antigos arrendatários do CCStop que faz girar a sua actividade em

•
12. O Centro Comercial Dallas foi encerrado em 1999 por alegadas questões legais e de segurança. Seria interessante saber se, nesta data, existiu um fenómeno de migração para o Centro Comercial Stop.

13. Miguel von Hafe Pérez lembrou que nessa altura se investiu num alojamento para actividades criativas numas antigas instalações da EDP, a Central Eléctrica do Freixo, abaixo de Campanhã. Estas instalações ainda estarão em uso ao serviço da comunidade e até com uma ou outra banda a ensaiar. Mas o que se passa lá? Quem usufrui hoje em dia daquele investimento?



torno de um negócio de roupas góticas) acentuam essa bizarria, mas marcam, de facto, uma era de prosperidade e esperança para o lugar¹⁴. Se falarmos a este respeito com um dos seguranças ou com o Sr. Freire (o braço operacional da administração) saberemos que, hoje, o CCStop foi pintado de fresco porque respira alívio e até alguma esperança de progresso. Para estes homens, os dias repetidos em anos recentes que morriam na incerteza do ordenado ao fim do mês, deram agora lugar a outros mais descontraídos nos quais a única preocupação é saber como manter o negócio das bandas a funcionar e livre de problemas. Não duvidemos: eles estão agradecidos às bandas. Um dos seguranças do Centro declarou peremptoriamente que o seu sonho actual é ter um sistema de identificação que lhe permita filtrar as entradas no espaço: “É das bandas? Mostre-me o seu cartão se faz favor. Pode passar.” Ele já assumiu que esta é a actividade do Centro e que os principais problemas, para ele, vêm de zonas externas ao mundo do Rock.

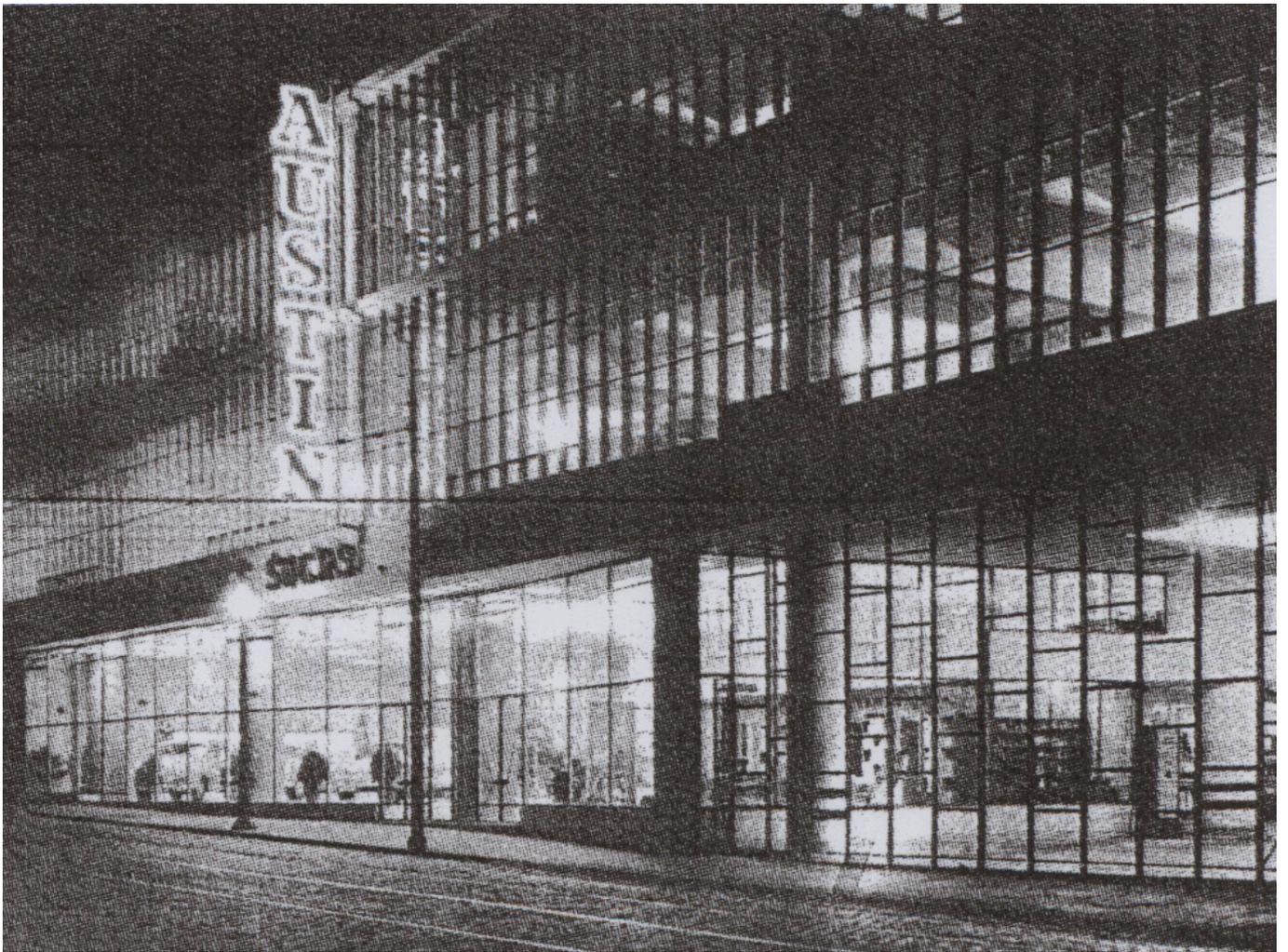
Da promessa consumista à infra-estrutura musical

O edifício do CCStop é uma reciclagem da Garagem Austin do Heroísmo, uma construção modernista da autoria do arquitecto Alves de Sousa. As escadas circulares, que hoje dão acesso às lojas em cotas progressivas, seriam antes as rampas de acesso dos carros aos pisos superiores. A proposta comercial era a de criar um pólo de atracção para as populações a oriente da cidade: Gondomar, Ermesinde, Valongo, Rio Tinto¹⁵. Podemos imaginar o raciocínio irrefutável: se o Brasília merecia excursões de Espanha ao fim-de-semana para fazer compras, então o CCStop poderia nascer como o grande aliciante para quem entrava pela cidade a oriente. O conceito actual de Centro Comercial, tratado em si como uma empresa e uma marca, não foi aqui chamado. Nada de planeamento de marketing, lojas-âncora ou acções de continuidade e fidelização. O edifício foi simplesmente vendido em fracções aos lojistas que acreditaram na promessa de sucesso dos centro comerciais que tinha no CCBrasília o seu brilho maior.

Como consequência, o tipo de negócio predominante não deixou nunca de ser o tradicional. Ou seja, o modelo das lojas do bairro foi levado para dentro de um espaço

•
14. A este respeito pode ser consultada a notícia JN datada de Julho de 2007 em http://jn.sapo.pt/PaginalInicial/Interior.aspx?content_id=697431.

15. A iniciativa pertenceu à empresa J. J. Gonçalves, proprietária da garagem e representante de marcas britânicas de automóveis em Portugal. Esta empresa passou a sentir dificuldades financeiras depois da revolução de Abril e tomou esta iniciativa como um meio para as combater.



fechado e concentrado. A sinergia e o poder de atracção de um Centro nunca emergiu à escala necessária para criar o pólo. O CCStop não precisou da chegada dos grandes centros comerciais da periferia para entrar em falência. Quando abriu o primeiro hipermercado em Matosinhos¹⁶, já o CCStop estava em declínio. Com os negócios e as salas a fecharem, os proprietários viram o seu investimento tornar-se uma despesa pesada. O condomínio e, eventualmente, também alguns encargos bancários continuavam a precisar de ser pagos e a receita tinha desaparecido. O processo de esvaziamento começou nos andares superiores e foi descendo até ao piso térreo. Pelo meio, restaram apenas empresas de serviços ou representações que não dependiam do sucesso do Centro Comercial para existir. É neste panorama que se inicia o processo de povoamento pelas bandas.

Na generalidade, os actuais condóminos do Centro são os primeiros proprietários que assistiram à derrocada. Mas são poucos os que permanecem intimamente ligados ao Centro. O condomínio é composto de 147 fracções e o número de proprietários não andará longe. Destes, segundo a administração, apenas cerca de 30% marca presença nos momentos de decisão em assembleia. No entanto, o poder de decisão não está assim tão disperso: se somarmos o parque de estacionamento (34,465% na posse do Banco Português de Investimento) o espaço dos antigos cinemas (8,116% na posse da Portugal Telecom) e o espaço da danceteria no último piso (7,26% na posse de dois investidores de Arcos de Valdevez) obteremos praticamente metade da propriedade. Quanto aos restantes proprietários, podemos distingui-los entre os que, à distância, se resignam ou até apostam na solução oferecida pelas bandas de rock, os que, não aderindo às bandas, não apresentam qualquer alternativa, os muito poucos que ainda mantêm um negócio no local e um grupo mínimo (fala-se, em surdina, de três proprietários sem mencionar quais) que é manifestamente contra o actual caminho do CCStop, e que defende a oferta do local para venda na sua totalidade. Mas a verdade é que não existem ofertas. O actual administrador, Dr. Ferreira da Silva, afirmou que a única insinuação de oferta de compra para aquele espaço foi tão baixa que não mereceu sequer atenção, e acrescentou ainda que rumores sobre interesses da Sonae, do El Corte Inglés ou de alegados investidores espanhóis ligados aos negócios fúnebres,

•
16. O Continente de Matosinhos é o primeiro hipermercado português e abriu em 1985.



são falsos. O *core business* do Centro Comercial Stop é actualmente ser **infra-estrutura de apoio e prática musical**.

O ponto de vista externo

O transeunte pode ser um peão, um automobilista, um jornalista, um arquitecto, ou um vereador camarário, para quem o CCStop será apenas mais um edifício incógnito e eventualmente sinistro, a não ser que se lhe atravesse no caminho.

Em Agosto de 2007, um jovem foi morto à facada no interior do Centro Comercial Stop, à saída do bar Kizomba¹⁷. Logo se mereceram algumas considerações e conversas de café sobre o assunto, entre tentativas (completamente infundadas) de ligação às cenas de violência no Porto resultantes de lutas entre gangs de seguranças da noite portuense. Logo se lançaram mais sombras sobre a reputação do local.

Um vizinho contactado pelo JN diz que o Centro Comercial, “principalmente ao domingo à noite, parece o faroeste, com miúdos menores a exhibir armas de fogo à cintura, e outros a limpar as unhas com facas e navalhas. É um bar que tem grande mistura racial, o que por vezes dá confusão”.¹⁸

O CCStop está, de facto e desde há muito, com o flanco aberto às mais variadas críticas, sobretudo presentes nos discursos mais legalistas.

A violência e os assaltos são uma constante, desde alguns anos para cá, os seguranças furtam-se a qualquer medida de auxílio aos clientes ou lojistas, e inquiridos sobre os acontecimentos negam qualquer ocorrência, até lhes ser apresentado o número do auto-policia, a comprovar que existiu violência no local. (as equipas de segurança são contratadas pela administração...). (...) A polícia teme agir, porque tal como já foi relatado, os grupos (que os administradores conhecem bem), fazem frente às autoridades. (...) Os clientes habituais são conotados como violentos, pertencentes aos mesmos grupos, conhecedores do ambiente e portanto vão ao C. Comercial por sua conta e risco. Quanto aos restantes têm “azar” ... (...) O que se estranha é que a fiscalização, esqueça, como esquecem outras autoridades o que se passa dentro das grades do Stop. O C. C. Stop tem que ser urgentemente renovado, impostas as condições de segurança e salubridade necessárias, tem que ser vigiado por profissionais de segurança competentes, tal como foi exigido a outros C. Comerciais (Cedofeita, Brasília).¹⁹

Este é um discurso onde poucos se reverão, já que o grau de alarme não encontra correspondência nos factos. Mas a verdade é que o Centro Comercial enfrenta problemas

•
17. Ver notícia em http://jn.sapo.pt/Paginalnicial/Interior.aspx?content_id=705661.

18. Idem.

19. Cristina Santos, http://www.porto.taf.net/arquivo/2005_02_13_blogporto.htm, 14 Fevereiro 2005.



de segurança, não referentes aos assaltos ou a violência, mas sim ao cumprimento das normas impostas por lei aos edifícios públicos. Este é um problema que importa ter presente, já que se exigem níveis mínimos, em primeiro lugar, de garantia de integridade física dos frequentadores do lugar, mas também de harmonia com os códigos sociais vigentes. Quanto à existência de um ambiente ameaçador, ele poderá ser atribuído a um desencontro simbólico trazido pelos adereços e corpos menos ortodoxos exibidos, quer por muitos dos músicos, quer pelos seguranças da danceteria, quer ainda, em última instância, por um ou outro *junkie* que ainda por lá passam. Mas existem outras perspectivas:

Tudo que nasça espontâneo tem que ser enquadrado, legalizado, fiscalizado. O Stop não foge à regra. A rapaziada do Stop devia estar bem vestidinha de copo na mão num bar de preferência na Foz, desenhado por arquitecto com todas as regras de segurança. Aconteceu o mesmo nos idos anos 80 com o lendário lodo (Lodo para os amigos) em Francelos, onde centenas de gajos feios e mal vestidos comungavam a mesma vontade de desatinar. Logo a GNR veio enquadrar e fiscalizar. Aconteceu o mesmo com o boom fantástico das rádio pirata no Porto há uns bons anos atrás. Logo as autoridades vieram enquadrar e fiscalizar. Preparem-se rapaziada do Stop, que a régua, o esquadro e a autoridade vão acabar com a vossa festa!²⁰

Por último, reveja-se a atitude do transeunte numa assembleia camarária:

O Senhor Vereador Rui Sá referiu-se às queixas dos moradores do Bairro Novo da Pasteleira relativamente a situações de insegurança. Fez referência à falta de condições de funcionamento do Centro Comercial STOP, na Freguesia do Bonfim. Abordou novamente a questão das famílias a viver em pensões, dizendo que (...)
O Senhor Vereador Lino Ferreira disse que os assuntos referentes à Freguesia do Bonfim, onde se inclui a questão do Centro Comercial STOP, estão ainda em estudo.²¹

O discurso sobre o CCStop neste documento acaba aqui. Esta reunião teve lugar em 2006. Em Julho de 2008, circularam pelo CCStop dois polícias municipais à paisana, indagando dados junto dos músicos como o regime de aluguer, a venda ou outras negociações de bens, a antiguidade como inquilinos da sala ou o número de contribuinte. Estariam a dar sequência ao estudo? A verdade é que qualquer intervenção intransigente da Câmara Municipal teria suporte legal para encerrar o Centro.²² Presume-se que, contido neste silêncio, exista uma dose de bom senso que aconselha a manutenção de um *status quo*

•
20. Lino Cabral, http://www.porto.taf.net/arquivo/2005_02_13_blogporto.htm, 15 Fevereiro 2005.

21. Acta da 34ª reunião pública da Câmara Municipal do Porto realizada em 21 de Novembro de 2006, às 10h.

22. A este respeito, o Dr. Ferreira da Silva alega que “não convém agitar muito as águas” já que a ilegalidade diz respeito a alterações muito difíceis de remediar feitas em 15 lojas na fase de construção.



que, apesar dos riscos, ainda traz à cidade valor que a própria Câmara Municipal, por ela, não conseguiria proporcionar. O CCStop vive nesse **equilíbrio entre um benefício social e cultural de dimensão assinalável e a sua marginalidade que é simultaneamente endógena e exógena.**

O CCStop nas redondezas

O edifício impõe-se sobre a rua como uma massa colorida. Aquilo que outrora (no tempo da garagem Austin) fora um “edifício transparente”, tornou-se agora um volume opaco que a nova pintura trata de acentuar em conflito com o típico granito portuense do Museu Militar à sua direita, e das casas em ruínas à esquerda. Nestas, oferece-se uma passagem para as traseiras onde encontramos um descampado com garagens e armazéns abandonados, uma ou outra oficina ainda em funcionamento, carros estacionados que fogem à pressão da rua, e a vista traseira do grande volume do centro comercial, aqui destituído de qualquer prurido estético. Todo este baldio faz fronteira a oeste com o Cemitério do Prado do Repouso.

Temos então o CCStop como uma península, rodeado de sinais de morte e ruína por todos os lados menos por um, o lado Norte. Os antigos canhões da guerra colonial, os escombros do Palácio Ford, os gatos nas casas em ruínas ou os habitantes do cemitério não se queixam, obviamente, com as sessões mais entusiasmadas de *punk-rock* à uma da manhã. O mesmo não pode dizer-se dos ocupantes das habitações do outro lado da rua, aos quais é necessário reconhecer razão. As salas mais próximas da rua, pouco isoladas, debitam para a rua um nível sonoro inaceitável para quem quer descansar. As visitas da polícia por volta da meia-noite são frequentes, mas têm decorrido sem incidentes. Os volumes são controlados ou as bandas visadas acabam o ensaio, até uma próxima oportunidade. Existe, apesar de tudo, uma postura de condescendência que terá, um dia, o seu limite.

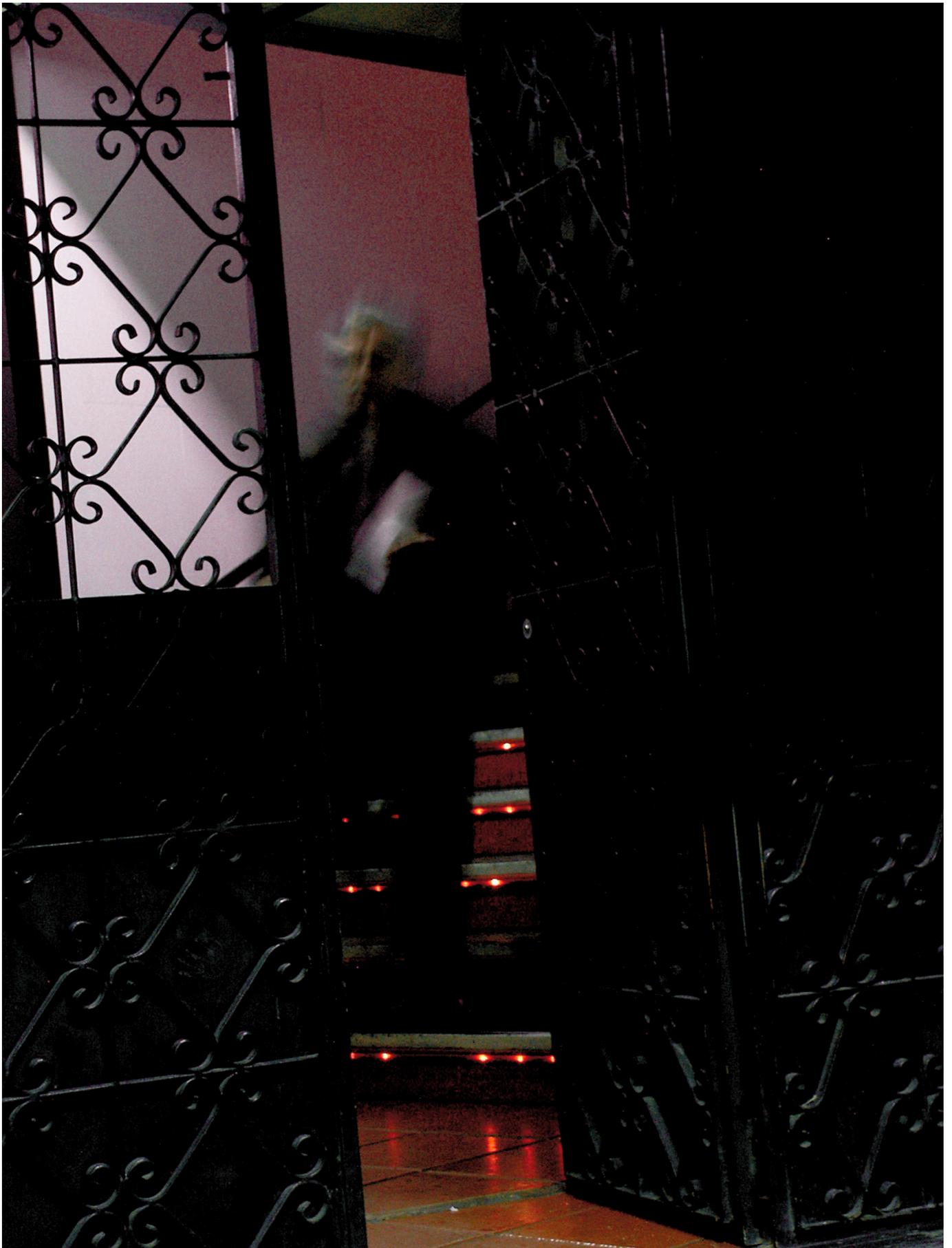
O ar de abandono geral que se respira no Centro Comercial condiz perfeitamente com as redondezas. Nesta zona abunda a prostituição e o nível de vida é, em geral, baixo. No Centro, as únicas lojas activas que não se dedicam ao Rock apoiam as senhoras das redondezas, seja com arranjos de roupa, venda de perfumes ou tratamentos de beleza à escala do bairro popular que é este. Nas noites de quinta-feira, ou nas tardes de sábado,











serão estas mesmas senhoras que se farão acompanhar dos maridos num pé de dança na danceteria Porto à Noite, no terraço do edifício. Com estes pares entrarão também famílias, algumas relações clandestinas e uma ou outra prostituta acompanhada de um cliente mais íntimo e romântico. Por estes motivos, filmar ou fotografar estas pessoas é um assunto delicado.

A precariedade social da zona é de longa data, e terá também tido a sua influência naquilo que foi o Centro Comercial na sua origem e na sua derrocada. Luís Camanho, habitante na zona ao longo da sua infância e adolescência nas décadas de 80 e 90, referiu como o consumo de droga e a prostituição foram contexto e causa de degradação de muitos agregados da sua vizinhança. Reportando-se ao CCStop, lembrou a afluência de bandos vindos das Fontainhas, das Eirinhas ou de Campanhã, e cuja presença no CCStop constituiria motivo de afastamento por parte das pessoas mais pacatas. José Maria Lopes, estudante das Belas-Artes entre 1985 e 1990 que morava por perto, testemunhou o “aspecto sombrio, escuro” do lugar. Das descrições e das memórias fica a imagem de pequenos grupos que ensombavam as escadarias mais longínquas do Stop, namorando e desdenhando entre baforadas de fumo. Os “gunas”²³ tiveram o seu papel no descrédito do Centro. Curiosamente, embora hoje ainda por lá passem, não conseguem abalar uma reputação de seriedade que os músicos conseguiram já impor, apesar de não serem de todo avessos nem ao consumo de substâncias ilícitas, nem à exibição de indumentárias e poses virtualmente agressivas para os cidadãos mais conservadores.

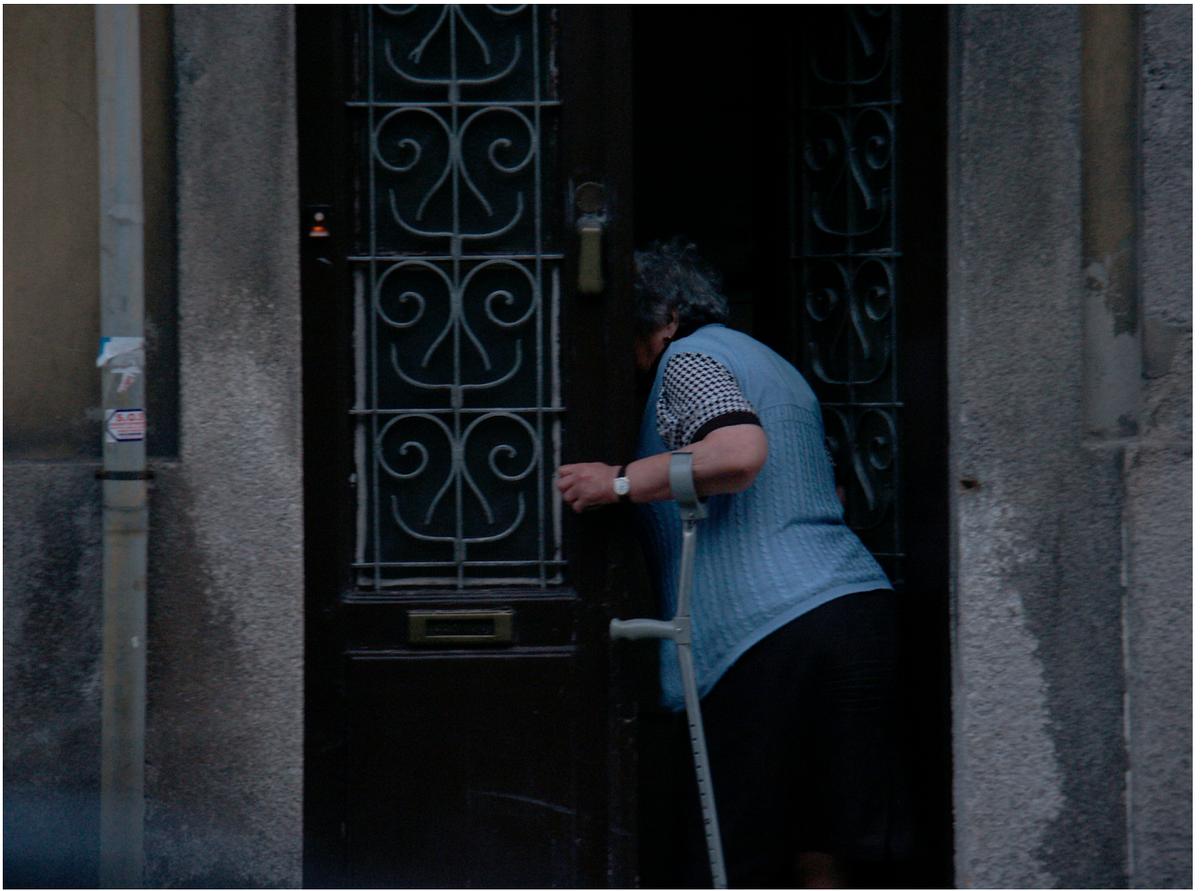
A verdade é que, problemas de ruído nocturno à parte, acabam por ser raros os sinais de animosidade em relação ao contexto e à comunidade musical que aqui se vem estabelecendo. Pelo contrário, começam a sobrar razões para este fenómeno ser encarado como **uma luz possível nesta zona sistematicamente esquecida.**

Lá dentro

No Stop circulamos em torno das lojas que se mostrariam através das superfícies vidradas para fascínio do passeante. Mostrariam, porque seria esse o desígnio original. O centro

•

23. Termo usado no Porto e de significado flutuante mas que, em geral, se usa para classificar rapazes com uma relação difícil com a escola e o trabalho, frequentemente provenientes de agregados familiares precários, e que cultivam com frequência expedientes de sobrevivência à margem da lei. Atribui-se ao “guna” uma pose desdenhosa e uma aparência extravagante, normalmente juntando à acne da adolescência sinais visuais de estilos variados, desde a indumentária Hip-hop ao penteado do futebolista do momento.



comercial, outrora conjunto de lojas destinadas à devassa do olhar, é hoje um condomínio de singularidades escondidas, pequenos espaços fechados onde cada condómino ajeita o seu mundo. As escadas circundantes oferecem agora um passeio lúgubre entre vidros opacos, pontuados com vestígios de tais mundos. Vagueamos pois numa fronteira larga, como se os casulos se tivessem encolhido para melhor se protegerem, enquanto ouvimos os seus ecos. No entanto, quando nos cruzamos com os vários indígenas, o olhar é estranhamente próximo, como se o simples estar naquele sítio criasse um elo entre desconhecidos, toque singular deste cosmopolitismo à escala de bairro. (...) O Stop é imagem diluída pela sua própria fragmentação (textura), pelo tempo e pelo acaso, realidade banida e no entanto familiar.²⁴

O edifício do Centro Comercial é o grande aparato técnico que determina a forma desta comunidade musical. Todo o espaço de circulação escamoteia o exterior e se vira sobre si próprio em movimentos circulares de deambulação labiríntica com uma só saída.

O Centro é caótico aqui fora [fora da sala]. Nós temos que puxar pela imaginação para nos sentirmos bem aqui dentro [dentro do Centro]. Quando saímos é uma alegria. Isto é um buraco.²⁵

Os “favos” das antigas lojas, de dimensões variáveis entre os dez e os quarenta metros quadrados, são a unidade base do espaço. A sala serve ora como base privada e íntima de uma só banda, ora como motivo de pequenas simbioses entre bandas baseadas no pragmatismo e na economia, ora ainda como charneira de circulação de turbilhões de projectos que se formam, entrecruzam, evoluem e desaparecem. Em qualquer caso, os ocupantes submetem cada sala a um mesmo processo de isolamento e personalização, acentuando uma fronteira muito clara entre o espaço comum e os espaços privados. Para o exterior, restam muito poucos sinais visuais do que se passa lá dentro. Como resultado, vemos nas horas mortas um centro comercial fantasma cheio de lojas abandonadas e, nos momentos de presença dos músicos nas suas celas, vemos o próprio terreno dos corredores tornar-se lugar íntimo, um pouco à imagem das “ilhas” portuenses onde, ao circular pelas vielas, se sente o pisar do espaço alheio. Esta sensação reforça-se quando uma porta entreaberta desvenda algo dos ambientes privados que se escondem para lá das caixilharias e das parafernálias de isolamento. Mesmo as ligações que se estabelecem entre músicos e bandas se esgueiram para lá destas frinchas. É muito raro ver estes habitantes a ocuparem o espaço comum e normalmente apenas o fazem em horas tardias. O que interessa acontece nos favos. Querirão as bandas perpetuar

•
24. Anselmo Canha, Casa Stop Música, texto apresentado na aula de projecto MDI, Fevereiro de 2007.

25. Paulo Congas, Tchakare Kaniembe, entrevista em 26 de Junho de 2008.





a sua própria clandestinidade camufladas pelo ar abandonado do Centro Comercial? Recearão as bandas uma apropriação definitiva do espaço, num momento em que até já a administração do Centro assumiu que é a música a sua actividade principal? Recearão as bandas associar o CCStop ao seu nome por questões de reputação? **A comunidade do Stop caracteriza-se pela sua invisibilidade, através da qual acaba por recusar um papel no seio de um contexto mais largo.**

Uma aproximação quantitativa

O inventário de uma realidade móvel como esta, feita de arritmias, entradas, desistências, convulsões e humores terá que ser, ele próprio, muito dinâmico. No presente estudo, a ideia de inventário foi usada como instrumento e pretexto quer para o contacto com as pessoas e as bandas, quer para um grau necessário de sistematização da informação (ver capítulo “A investigação no terreno”).

Ninguém melhor do que os seguranças do Centro – que distribuem os recibos do condomínio pelas salas e fazem as cobranças difíceis – para ajudar a um dimensionamento aproximado deste universo. Ao longo de um percurso sistemático na companhia de um segurança, foram identificados 77 espaços dedicados à música, dos quais: 1 loja de instrumentos e apoio logístico; 1 fabricante e reparador de guitarras; 1 bar-concerto dedicado ao metal; 1 danceteria de cariz popular; 1 armazém de uma banda de baile; 4 estúdios de gravação; 1 professor de baixo. Das 77 salas, pelo menos 68 albergam bandas de música. Ao longo do trabalho de campo, foram obtidas informações sobre 40 destas salas – em primeira e segunda mão, em graus muito variados de profundidade e certeza – nas quais foram identificados 63 projectos musicais²⁶. É a partir destes dados (63 projectos musicais em 40 salas) que podemos estimar um número superior a 100 bandas cuja sede é o Centro Comercial Stop (em proporção teríamos 107 bandas para 68 salas).

•

26. Estes números serão sempre incertos também porque existem projectos cuja origem e sede não é certa mas passa de algum modo pelo CCStop. Acredita-se que estes 63 têm efectivamente a sua sede no CCStop.

Uma pesquisa no Myspace sobre os 63 projectos identificados resultou em 52 registos cujos dados²⁷ nos permitem extrair alguns contributos para a definição deste universo.

Entre os nomes das bandas encontramos 10 em português e 25 na língua inglesa. Ou seja, a maioria das bandas parece considerar que o seu projecto se exprime e define melhor através daquela que tanto podemos considerar a língua universal e apátrida – e aqui teríamos uma vocação de abertura e relação com o mundo – como a língua original do Rock – e aqui poderíamos pressentir um fenómeno de anulação de um ponto de vista original em favor dos “standards” do *rock’n roll*. Em contraponto, a proveniência da banda é quase invariavelmente assinalada como “Porto, Portugal”. Alguns grupos chegam a exibir a proveniência dos membros (Sun of a Beach Blues Band – “from: Porto, Matosinhos, Valongo, Gaia, Portugal”) ou até a zona que define a banda (The Mad Dogs – “from: PORTO-Bolhão, Portugal”), conferindo uma importância acrescida à proveniência geográfica específica. Poucos grupos mencionam apenas Portugal. As palavras Porto ou Oporto aparecem em conjunto 88 vezes, contra 78 da palavra Portugal e seus derivados.

Numa contagem de palavras, a palavra Rock liderou com 80 presenças, contra 42 de Metal, 11 de Alternativa/Alternative, 11 de Experimental, 10 de Jazz, 9 de Blues, 8 de Punk, 7 de Pop, 5 de Reggae, 2 de Electrónica e 1 de Hip-hop. Esta contagem confirma a observação no terreno. O Rock, com especial presença das várias áreas do chamado Metal, domina um universo onde foi identificado um só colectivo em cada uma das áreas do Hip-hop, Folclore e Disc Jockey (DJ)/Electrónica (Dealema, Mandrágora e Original Pressure, respectivamente), duas que assumem o seu estatuto Pop (Repórter Estrábico e The Portugals) e três que se identificam com influências e cruzamentos multiculturais (Dyabara, Tchakare Kanyembe, Fábrica de Sonhos).

Só uma banda, Nanook, refere o CCStop nas suas apresentações. Este dado não coincide com algum orgulho discreto em pertencer a esta comunidade e que é ostentado por muitos dos músicos.

•
27. Ver Anexo 2, *Bandas do CCStop com presença no Myspace em Julho de 2008*. Foram recolhidos os campos “Name”, “From”, “Profile Views”, “Last Login”, “Agenda”, “Songs Like”, “Influências”, “CD” e “About”.



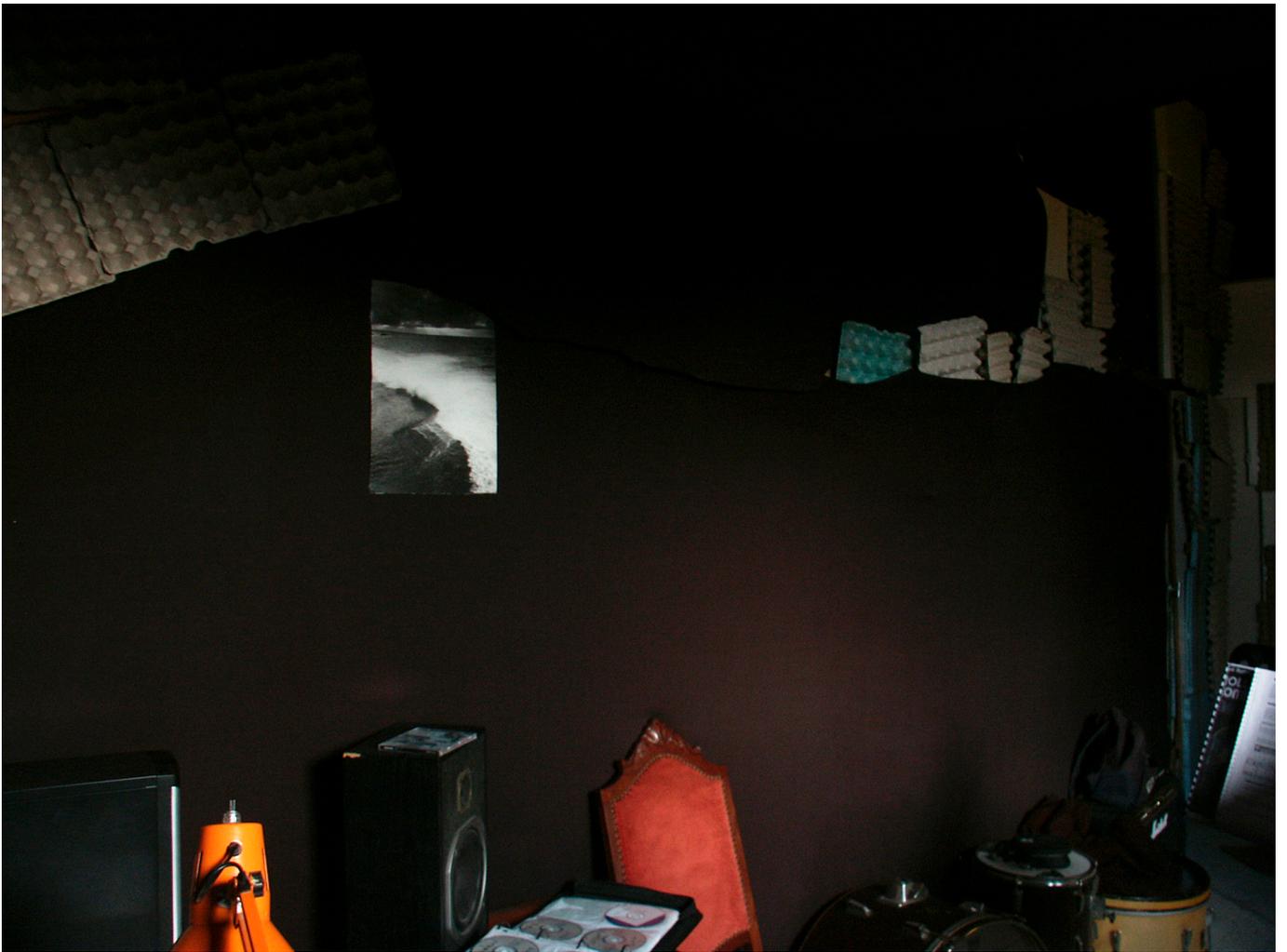
As bandas e outras relações

A unidade estrutural da comunidade do CCStop é o **Projecto**. Alguns músicos chamar-lhe-iam “a minha” ou “a nossa cena”. O Projecto não corresponde obrigatoriamente nem a uma banda nem a um indivíduo. Poderíamos chamar-lhe desígnio, mas torná-la-íamos demasiado filosófica e abrangente. A palavra “Projecto” confere um equilíbrio aceitável entre a prática e o desejo, entre o caminhar e o chegar, entre as tácticas e a missão. O Projecto traduz histórias, vontades e anseios íntimos dos seus protagonistas em acções concretas. Nele se esgrimem forças internas cujo desenho se torna a referência que orienta a relação com o Outro. Tal como num giroscópio, essa dinâmica interna cria a inércia necessária ao sistema para que ele possa avançar com o seu rumo próprio. No entanto, é necessário encarar esta ideia em formas variadas e abertas.

Na fronteira entre o Projecto e o vazio está o caso do grupo de amigos que se reúne sem data nem frequência certa. Simplesmente gostam de ter um local onde, quando calhar, poderão dar largas à sua veia musical. Mesmo nestes casos, a partir do momento em que estes eventos tomam um papel activo e continuado nas histórias individuais, podemos tomar estas formas vagas de organização como Projectos.

Roger, vocalista, guitarrista ou baixista em função das bandas em que participa, pode ser encarado como um Projecto em si e simultaneamente membro de outros Projectos. Todas as suas valências assumem uma marca nos Projectos em que se integra, seja pelo estilo de execução do instrumento, pelas referências que transporta, pelo modo como participa na condução da produção musical ou, simultaneamente, pela independência que insiste em assegurar perante tudo e todos. O valor e a inércia da sua dinâmica interna conferem-lhe uma autonomia perceptível.

Rodolfo é um músico com formação técnica avançada que instalou no CCStop um estúdio de gravação. Os testemunhos falam de um lugar preparado com rigor e de um profissionalismo exemplar. A sua reputação ecoa no Centro, enquanto a sua silhueta se esgueira nos corredores (de facto, não foi possível visitar este local durante o trabalho de campo). O estúdio do Rodolfo é um Projecto de uma pessoa só.







José Marrucho, baterista finalista da ESMAE, partilha com o Ruca, baterista e guitarrista, uma sala no segundo piso do CCStop. O José Marrucho investe ali diariamente várias horas de treino, enquanto o Ruca utiliza a sala para ensaio da banda Mesa com a qual tem uma colaboração. O Marrucho empresta a sala e colabora no ensaio de uma prova final de trombone na ESMAE, enquanto o Ruca traz um grupo de amigos para testar sonoridades em conjunto. Estes são apenas exemplos da flexibilidade de uma sala que já foi dos Mosh e dos Insert Coin, onde passaram recentemente os Supernada e, esporadicamente, os já referidos Mesa, entre outros projectos menos definidos. Ela funciona segundo uma lógica mista de partilha de interesses, desenvolvimento de projectos, rentabilização de meios e pesquisa individual. José e Ruca são, cada um deles, um Projecto. Simultaneamente, a sala é um Projecto conjunto.

Com isto não queremos nem podemos dizer que cada músico é, em si, obrigatoriamente, um Projecto. Bem pelo contrário. De facto, a essência do Rock, da Pop e da própria ideia de Banda (os formatos que, apesar das variantes, dominam a actividade do CCStop) assenta na submissão das histórias e desígnios individuais a uma fusão singular e válida, inatingível por cada uma das partes separadamente. Mesmo quando existe uma liderança, a dependência de um resultado conjunto é notória²⁸. É o abandono dos possíveis desígnios individuais no tabuleiro colectivo do Grupo que gera a sua tensão dinâmica e, conseqüentemente, a sua inércia própria.

É esta lógica que domina também no CCStop. Por exemplo, não existem razões para duvidar da competência profissional e do valor individual de cada um dos músicos da Fábrica de Sonhos, uma banda com nove elementos que ensaia no Piso 01 e cuja produção é recheada de influências como o Funk, o Circo ou a Música Cigana. Na sua performance, as sequências cénicas e os fraseados musicais revelam a sua interdependência. A intervenção de cada músico contribui para a construção do todo de um modo decisivo e visível. As posturas e personalidades dos músicos encaixam-se para erguer um campo emocional específico. A música, tanto como a energia global da performance, estão reféns do entretecido interpretativo do conjunto. Como podemos presenciar a banda e considerar cada um dos seus elementos como um projecto isolado?

•
28. Pense-se nos casos de iniciativas a solo de membros carismáticos de bandas e das diferenças que, em regra, significam em relação ao trabalho nas bandas.

Seria uma peça sem encaixe possível e sem sentido, ou um mero pedaço de estereótipo apto a ser usado segundo interesses alheios.

Podemos observar o mesmo tipo de interdependência tanto num grupo que teve a sua origem em serões de amigos universitários, como a banda Tetris, como numa banda formada por experientes músicos com provas dadas em projectos anteriores, como os Plus Ultra, onde se juntam o ex-vocalista dos Zen, um guitarrista dos Mosh e o ex-baterista dos Ornatos Violeta. Presenciar um ensaio desta banda faz-nos reconhecer como mesmo instrumentistas carismáticos se submetem a um desígnio que é o do grupo, mesmo quando dentro do seu desenho de forças internas de definem posições hierárquicas quanto à condução do Projecto. Toda a linguagem musical, corporal, emocional, enfim, todo o resultado estético depende de todos e cada um dos matizes introduzidos por todos os músicos. Por outro lado, estes contributos têm o seu reverso no equilíbrio de uma relação pessoal que é também fundamental para a sobrevivência do grupo. Sobressai na ideia de Banda um padrão de relação que aposta na complementaridade e no poder extra-matemático da soma, onde as iniciativas individuais se expõem ao confronto e à procura de afinidade. A ideia de Banda vive da sinergia de repertórios e personalidades, e fortalece-se na medida em que estes se fundem na energia do todo.

As bandas e os espaços

O Projecto não se manifesta apenas na execução musical. A ocupação do espaço incorpora um conjunto significativo de dados, quer quanto às forças que sustentam os grupos, quer quanto ao modo de relação que estes se propõem estabelecer com o Outro. O primeiro sinal é o modo como o Centro é ocupado. Cada Projecto tem o seu espaço (ou "o meu espaço"), uma espécie de ninho privado esporadicamente dado à partilha. Quando vemos, por exemplo, dois músicos a sair para o corredor depois de uma sessão de ensaio, exaustos e em tronco nu, entre exultações e comentários esbaforidos, compreendemos que o que se passa lá dentro tem um grau elevado de intimidade. Esse é o espaço para a experimentação e a pesquisa, para o erro, para o confronto, para a libertação. A privacidade é uma condição para a liberdade, tal como o é a sensação de conforto e de apropriação do espaço.



Quando uma Banda chega a uma sala, trata imediatamente de a tornar sua. Começa com a preocupação do isolamento visual e acústico. Cumprido o passo essencial da privacidade julgada necessária, passa-se à decoração e aconchego do espaço: o sofá quase omnipresente, os *flyers* e cartazes dos concertos próprios e das bandas de culto, os cachecóis, troféus, pichagens, mensagens e adereços, povoam a paisagem de referências visuais. Esta acção de apropriação avança com três ordens de questões: a da gestão dos recursos materiais, a da relação público/privado, e a da revelação de ingredientes constitutivos da estrutura da banda e da sua relação com sistemas associados.

Os músicos têm, em geral, pouco dinheiro. Por isso, toda a operação de tratamento do espaço recorre a processos variados e imaginativos. Ao lado de uma sala cujo único isolamento é uma camada de cartão canelado composta de caixas de supermercado espalmadas, podemos encontrar uma outra na qual foi construída uma sala interna – uma caixa dentro de outra caixa – feita com cartão-gesso e lã de rocha. A forra das paredes com caixas de ovos impera, mas existe também cortiça, sobras de panos e cortinados velhos, estrados recolhidos nos desperdícios do mercado e forrados com cartão canelado, ou revestimentos de edifícios recolhidos em entulhos de obras de recuperação. Entre os móveis, encontramos os que já não serviam em casa da família, as recuperações do lixo ou o mercado de segunda mão avariado ou de baixo preço. Entre os adereços, é o espólio das referências e das histórias próprias que se exhibe. Em todo este processo imperam, a par de algum espírito colecionista, os procedimentos fundamentais da redução e da reutilização, em perfeito acordo com aquilo que as bandas fizeram com o Centro Comercial Stop: evitar um resíduo monstruoso e incómodo, reutilizando-o segundo uma lógica nova.

Em consequência da disparidade das soluções de isolamento, mas também por via da natureza da construção do edifício (os espaços estão divididos por caixilharias de vidro e alumínio ou paredes finas de tijolo), existem graus muito variados de interferência sonora, quer no espaço público do corredor, quer nas salas vizinhas onde também se ensaia, quer ainda para o exterior do edifício. Mas podemos afirmar que o isolamento acústico é, em geral, fraco. Para a maioria das bandas, o isolamento visual parece ser o mais importante e suficiente para dar a sensação de privacidade. A partir daí, parecem considerar reunidas condições mínimas para funcionar. O som que sai para o espaço público não deixa de ser uma benesse, já que é a única manifestação externa do que se











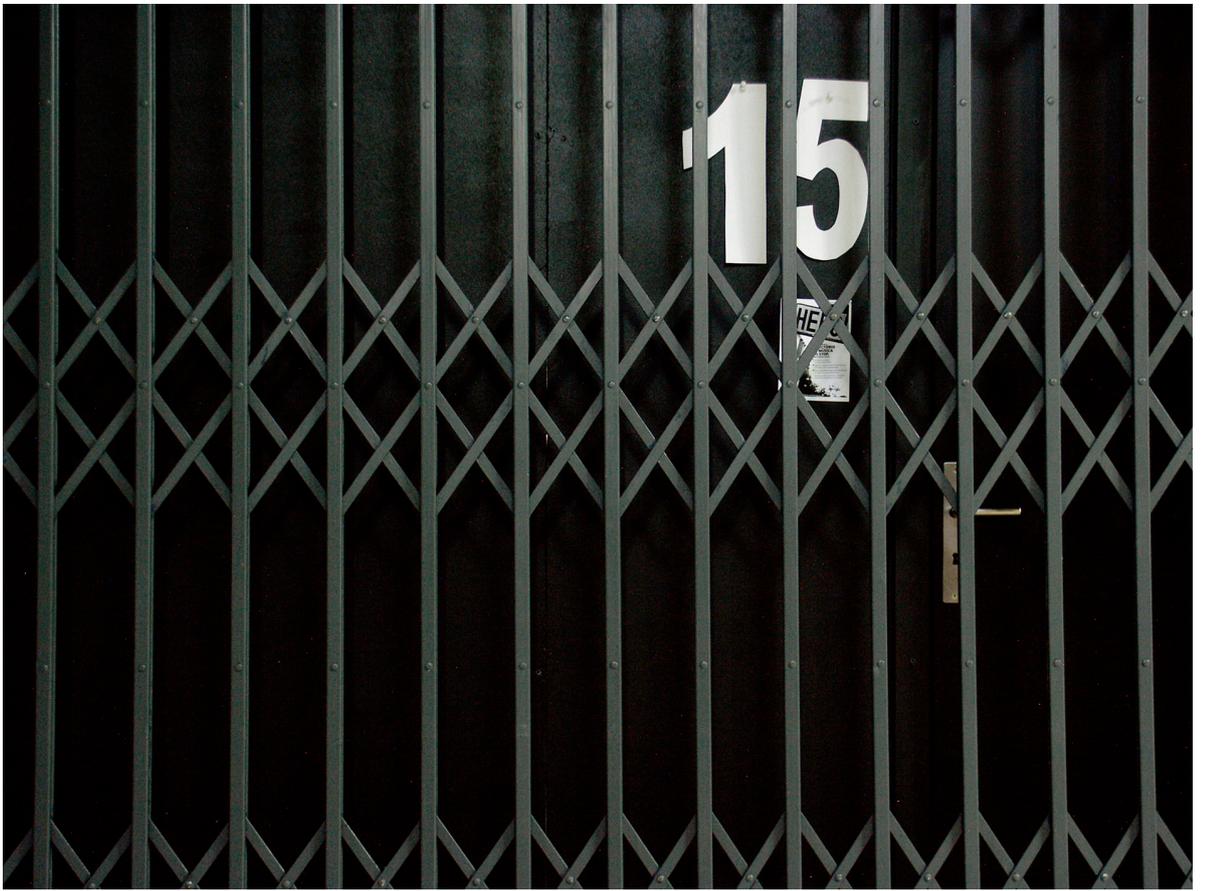
passa no Centro. Mas a benesse tem, obviamente, um reverso, quando o som das salas viradas para a rua causam incómodos nas casas das pessoas que moram em frente, particularmente a partir das dez horas da noite. Em consequência, a polícia visita com alguma frequência o Centro, por volta da meia-noite, para ordenar a colocação dos volumes em níveis aceitáveis.

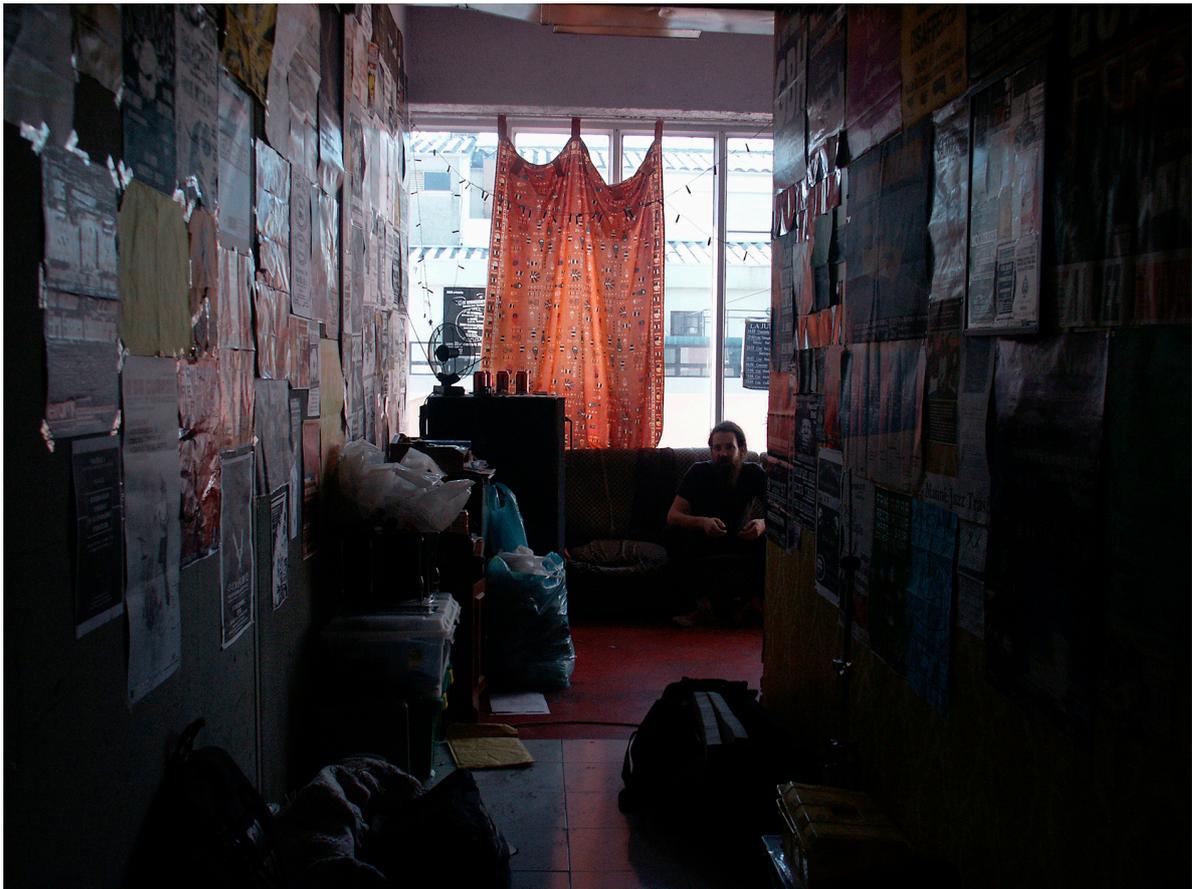
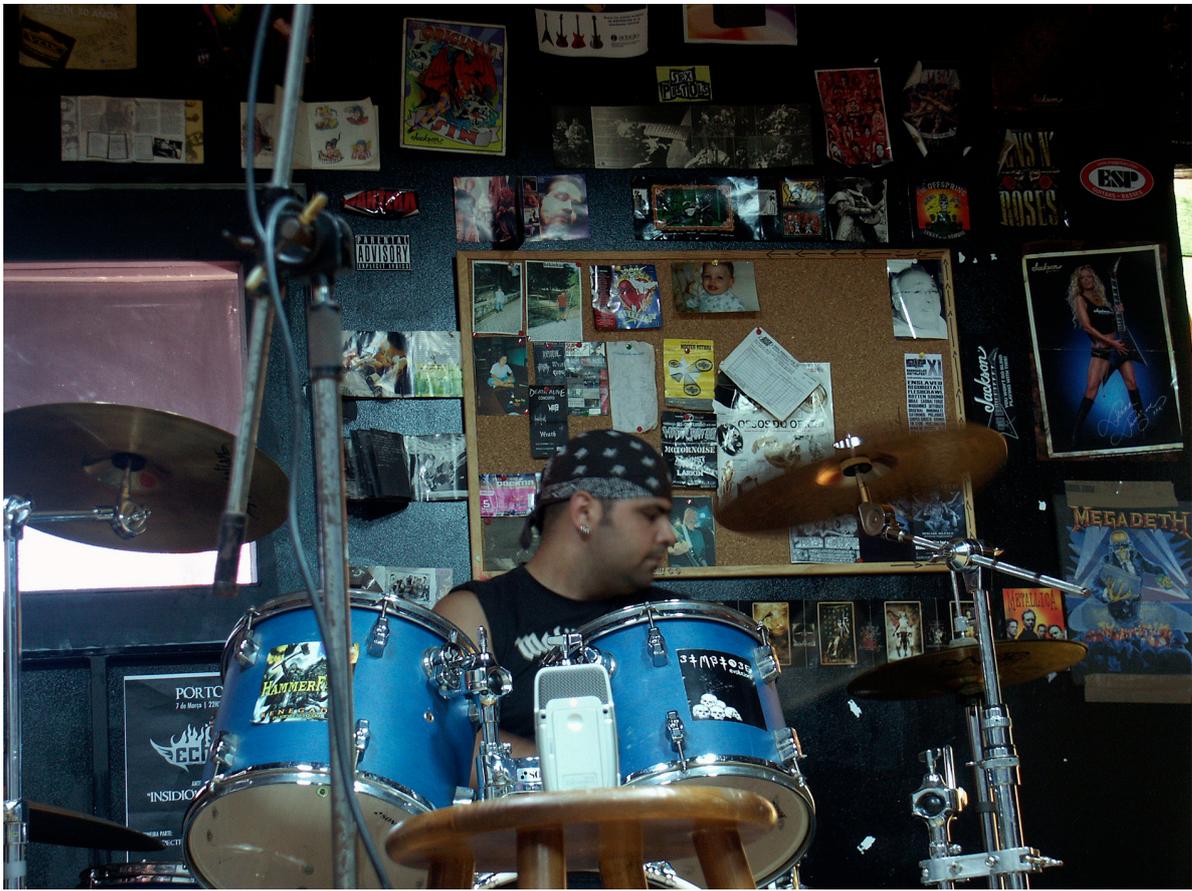
Mas há outras vizinhanças. O mesmo som das bandas que sai para o exterior e para os corredores também se projecta nas salas contíguas e, reconheça-se como exemplo, não é muito agradável para uma banda com sonoridade semi-acústica tentar ensaiar ensanduichada entre duas bandas de Rock pesado. As bandas em geral vão escamoteando este problema recorrendo a doses consideráveis de tolerância. As desculpas da falta de meios e da inaptidão do edifício juntam-se a alguma moderação em momentos mais tensos para manter o curso do funcionamento, até ao dia em que o cansaço falar mais alto.

É para dentro do seu mundo que, em geral, as bandas se viram. Quando, durante o trabalho de campo, foi afixado um convite/ficha a participar no directório do Stop, esse comportamento ficou evidente. As fichas mantinham-se, dia após dia, no seu sítio como se não existissem. Em algumas das salas percebeu-se a não existência de movimento (aliás, em algumas delas não foi detectada actividade em qualquer momento do trabalho de campo e o registo de bandas nesses espaços baseia-se apenas no testemunho do segurança). Noutras salas confirma-se como, de facto, as bandas encaram o corredor do Centro Comercial como se da rua se tratasse: um convite colado na montra da sua loja já não lhes diz respeito. O seu espaço é da porta para dentro.

Aí, muitas delas têm rotinas bem implementadas, com dias fixos da semana para se reunirem na sala de ensaios. A sala dos Secrecy, que é também a dos Loss Spectra of Pure, do DMG e Negative Gain, exhibe um quadro branco na parede onde são afixados os horários para cada banda. Nesta como noutras salas, seja no regime de um ensaio por semana, dois, ou até de segunda a sexta, as bandas cumprem o ritual do encontro. Quando não tocam, conversam, relaxam, passam o tempo, limpam e reparam a sala, resolvem os seus problemas, decidem passos futuros, sonham em conjunto. Fora dos compromissos musicais, estuda-se, namora-se, ouve-se música. Para os que têm na banda a sua ocupação principal, trata-se do quotidiano profissional. Para os que têm







outras ocupações, é o momento do compromisso extra que é tanto o contraponto aos rigores e violências do trabalho como o alimento do sonho da prática musical no seu ponto mais alto: tocar ao vivo, ter um confronto sistemático com um público. Esta é a definitiva coisa boa do Rock que tem a sua preparação e antecipação nos momentos de liberdade passados na sala de ensaios. Olhando para as paredes vemos o que acalenta estes projectos e estes momentos: bandas míticas, universos culturais e musicais específicos, as experiências que já aconteceram, manifestações de humor, expressões de relação com o mundo externo, interesses e subversões. Nestes ambientes se começa a compilar o vocabulário e a edificar a encenação da actividade, que terá continuidade quer na composição e execução musical, quer na prestação ao vivo. A música tem muito de teatral e os músicos tornam-se mestres a lidar com adereços, expressões corporais e outros ingredientes visuais para construir uma imagem de si próprios. As bandas mostram, pelo modo como lidam com as referências, os estereótipos e os signos, a natureza do seu projecto. Reprodução ou pesquisa? Ironia ou hiper-codificação? Citação ou fusão? A resposta estará na relação dos sinais com as práticas. Na negociação de forças que faz a dinâmica do Projecto, muitas vezes difícil e dolorosa, acaba por ser mais fácil encontrar um consenso em torno de alguns estereótipos reconhecidos por todos do que construir a relação assente em horizontes incertos. Em todo o caso, estes músicos tornam-se exímios na teatralização da própria imagem e exercem essa especialidade perante os colegas do grupo, o microfone ou o instrumento e o público.

É interessante ver como é que nós nos recriamos. Quantas facetas é que nós não temos, quantos arquétipos não vamos buscar para nos encaixarmos. Às vezes numa questão de segundos.²⁹

Outro dos elementos reveladores no seio das bandas é a sua disposição na sala que, regra geral, corresponde à posição em palco e à distribuição de funções pelos músicos no decurso da performance. O grupo de Rock Slow Motion Beerwalk endereça todo o protagonismo para a sua vocalista. Quando os outros músicos falam dela, sente-se o reconhecimento deste papel. Ao vivo, é ela que assume toda a relação com o público. Na sala de ensaio, ela senta-se num banco alto, no meio da sala, rodeada pelos músicos da banda. O Repórter Estrábico também apresenta uma disposição assente no

•

29. Paulo Congas, Tchakare Kaniembe, entrevista em 26 de Junho de 2008.





protagonismo do cantor, tanto na liderança do espectáculo como do percurso da banda, em palco como na sala de ensaios. A Fábrica de Sonhos vive da interacção entre todos os músicos, mas sente-se a predominância de dois deles, quer na instigação do processo de composição, quer na condução da dinâmica ao vivo. Na sala, a posição destes dois elementos é mais aberta (também graças ao instrumento que tocam), dando-lhes mais hipóteses de variar o ponto de vista e a intervenção.

Verifica-se que na dinâmica interna das bandas existem sempre hierarquias e distribuição de tarefas, entre as quais a tarefa de liderar. Estas estruturações podem ser mais ou menos dispersas, mais ou menos assumidas, mas a sua aceitação, ainda que tácita, assegura a evolução da banda. Renato Oliveira abandonou uma carreira na área dos recursos humanos para se dedicar à música. Actualmente toca digeridoo nos OliveTreeDance, banda na qual assume hoje toda a gestão, desde a angariação de concertos à divulgação e à presença na Internet. Ele consegue uma actividade regular para a banda, não só porque sabe navegar no mundo das relações comerciais à custa da sua actividade anterior, mas também porque a proposta dos OliveTreeDance reúne uma série de atributos que a tornam apetecível: uma formação insólita de digeridoo, baterista e percussionista; uma música que apelidam de “trance acústico” e que coloca toda a energia da execução percussiva ao serviço de batidas regulares e hipnóticas; um formato físico muito simples e portátil, do qual faz parte uma bateria compacta de design sueco, e que permite montagem fácil e rápida, seja em grandes concertos, em festivais de rua ou em pequenos bares. Esta banda estimou cerca de 50 concertos no último ano, incluindo presenças em Itália e na Holanda, já que o Renato não limita as suas acções de divulgação a Portugal, manejando atentamente a Internet. O baterista, Pedro Vasconcelos, estudou percussão clássica e tem experiências anteriores em bandas amadoras e no Casino de Espinho. O percussionista, Tito Silva, tem formação musical institucional, mas frequentou-a apenas o tempo suficiente para se sentir dotado de sentido crítico e de capacidade de fazer. Estes dois instrumentistas, embora tenham uma preparação superior como músicos, parecem reconhecer a liderança do projecto do Renato. É este que assume as esperanças da banda:

Nós estamos numa fase muito inicial. (...) Ainda não temos pessoas que trabalhem na produção executiva como uma equipa que funcione para muitas frentes. Temos poucas probabilidades de entrar no mercado, neste momento. Embora tenhamos uma que é muito forte, que é termos um som diferente, termos uma energia que é muito “power” e essa é a grande oportunidade que a gente tem. As pessoas procuram-nos porque gostam e se



querem OliveTree sabem que querem OliveTree por algum motivo. Não contratam porque a gente faz publicidade. (...) Eu acredito que vai ser possível.³⁰

Os momentos de crise das bandas correspondem muitas vezes à quebra de estruturas deste tipo, ou porque a liderança é posta em causa, ou porque uma determinada função deixou de ser cumprida como era esperado, ou ainda porque alguém manifesta insatisfação com o seu papel. Estas estruturas são muito frágeis e por vezes violentas para os membros, exigindo grandes doses de anulação e generosidade em favor do grupo. Não é de espantar que as bandas tentem preservar estes equilíbrios filtrando cuidadosamente as entradas no seu círculo íntimo.

Não conseguimos aquele equilíbrio emocional entre os membros da banda e chegamos mesmo a um ponto em que preferimos pagar [a dois músicos convidados] para fazerem o que nós queremos e para cumprirem a cem por cento com as obrigações do que termos mais um membro a destabilizar e a remar em sentido contrário.³¹

A forma da sala, tal como a forma de banda, são infra-estruturas essenciais à produção do Rock e, simultaneamente, grandes impulsionadores do seu próprio fechamento.

Outras associações menos formalizadas: o caso da sala 213

A forma de banda é dominante, mas outras formas, ou proto-formas, vão existindo e circulando, fazendo incidir também a sua influência na dinâmica do todo. Existem músicos que insistem, ano após ano, em formar, interromper, acabar e reformar projectos, e que nunca se deixam fixar numa só iniciativa. Existem grupos de amigos que se juntam esporadicamente, com formações incertas, mas que não abdicam do seu ninho no CCStop. Existem ainda músicos de carreira que, não tendo qualquer projecto fixo, utilizam o CCStop como sala de prática e de acolhimento de projectos esporádicos nos quais participam.

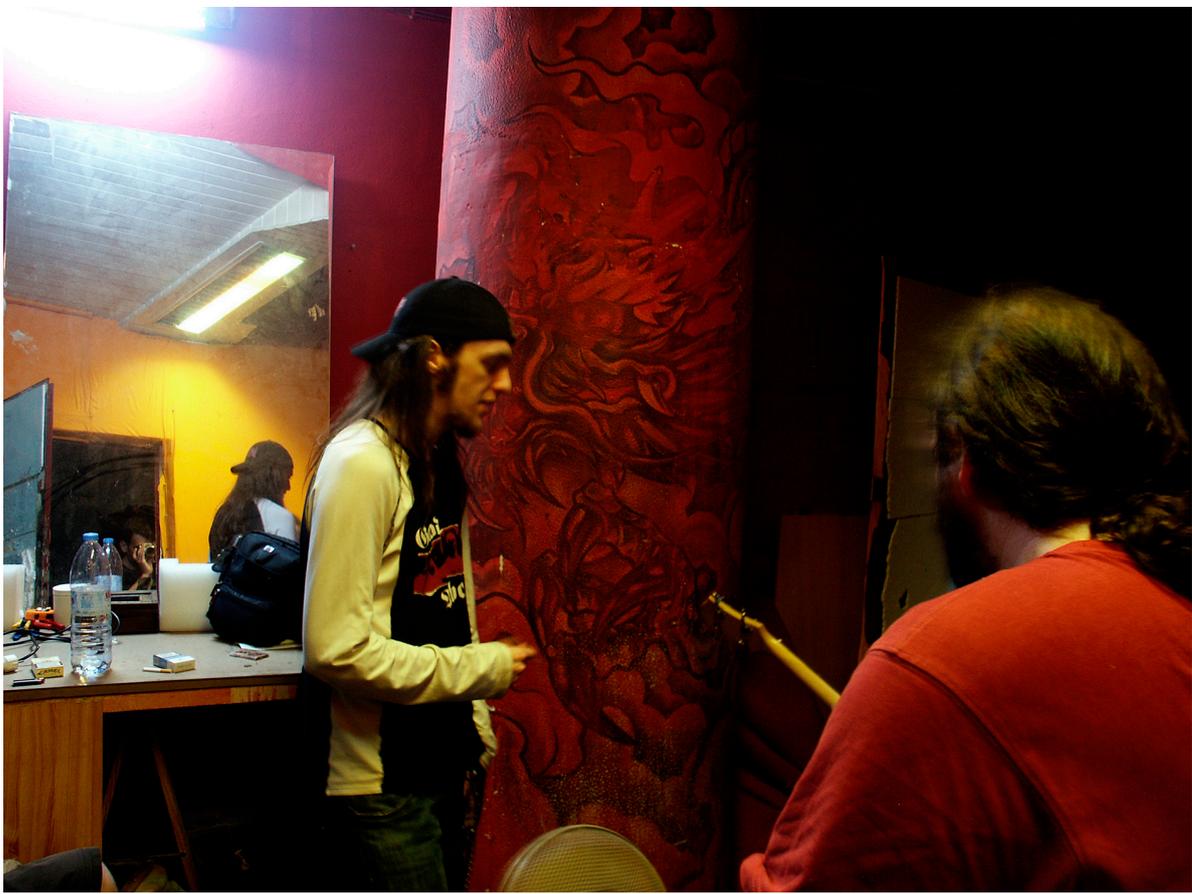
Existe ainda uma ténue excepção ao habitual regime de fechamento das bandas: a Sala 213. Ensaiam quatro bandas na sala: os Dealema, os Heavenwood, July Thirteen, e uma banda reggae cujo nome não chegou a ser apurado, nem mesmo pelos colegas de sala. A sala tem o plano de ocupação semanal bem definido. Nisto não difere de outras

•
30. Renato Oliveira, entrevista aos OliveTreeDance em 2 de Maio de 2008.

31. Bruno Silva, entrevista na sala 213 em 2 de Maio de 2008.

com o mesmo tipo de organização: normalmente existe um elemento ou uma banda responsável, que tem o contacto com o senhorio e com a administração do condomínio, e que trata de cobrar aos outros a renda e de estipular as regras de utilização do espaço. Quem cumpre esta tarefa na sala 213 é o Bruno, músico dos Heavenwood e July Thirteen. Mas o Bruno faz mais do que isso: ele traz uma reputação consigo, quer como músico – os Heavenwood tiveram um sucesso assinalável entre 1998 e 2001 e estão prestes a lançar um novo álbum – quer como ex-promotor de eventos do Hard Club, de onde trouxe múltiplas relações com as bandas. Quando os Heavenwood e os July Thirteen montaram um mini-estúdio de uso privado, começaram a surgir os pedidos para gravar maquetas e discos. Este estúdio é simplesmente uma parede de materiais leves que divide o espaço de ensaios de um pequeno hall de entrada onde estão instalados um computador, uma placa de som e uma pequena escuta. As coisas passaram-se e passam-se ali de maneira muito pouco formal. O Bruno disponibiliza grande quantidade de tempo para estar na sala a partir do fim da tarde, seja a fazer gravações para bandas do universo do Stop, seja simplesmente a conversar com os amigos que por lá passam e bebem uma cerveja. A partir das sete da tarde é frequente ver músicos cá fora, no corredor, a conversar. Lá dentro, mas com a porta aberta, pode estar um músico a gravar uma linha de baixo, o Bruno a fazer uma edição no computador, ou toda a banda a fazer a escuta crítica de uma gravação. Pessoas de outros projectos entram e saem, sentam-se e ouvem, conversam, fumam. Com este tipo de comportamento e abertura, a sala acaba por ser uma ponte entre pessoas, um sítio aberto ao estar descomprometido, onde as conversas que se costumam passar no seio de uma só banda se abrem um pouco a um círculo que se estende, pelo menos, às bandas das Lojas 306 e 319, mas por onde passam inclusivamente músicos sem banda, à procura de oportunidades. Fica a sensação de que este espaço alude (embora sem escala nem abrangência) a um sítio no Centro Comercial que proporcione conforto, luz e abertura para o diálogo.

Acontecem coisas semelhantes em outras salas: músicos que assistem a ensaios de bandas vizinhas, conversas de corredor no intervalo das sessões, grupos que criaram o hábito de admitirem amigos nos ensaios. Mas estes são acontecimentos em escala reduzida, concentrados em horas tardias, e que parecem não quebrar círculos naturais, centrados em afinidades estéticas ou em amizades de outras paragens. **O CCStop, em si, não parece fomentar a partilha.**



A hipótese da comunidade

Já muitas pessoas olharam para este universo e lhe pressentiram o potencial. Para além de uma certa atenção por parte dos meios de comunicação social, como reportagens da TVI e do Jornal de Notícias aludidas no trabalho de campo, e mesmo para além da utilização do sítio como objecto de estudo académico, como já aconteceu pelo menos na área do jornalismo, têm vindo a sentir-se movimentos dirigidos à visão do CCStop como um todo, ou pelo menos como um colectivo onde a inter-relação entre as partes tem presença e sentido. Sentem-se os movimentos, mas não os resultados. Por exemplo, a reclamação óbvia de que os cinemas agora fechados são espaços ideais para que as bandas possam expor os seus projectos e simultaneamente dinamizarem o Centro Comercial não passam de lamentos vestidos de reivindicação (esta reclamação foi ouvida e lida várias vezes, mas não se conhece qualquer passo efectivo no sentido de tal intento). Reivindicações práticas como o funcionamento dos elevadores ou a higiene das casas de banho nunca terão peso junto da administração, porque também não parecem passar de queixas esporádicas e desgarradas. Ouve-se falar da necessidade de uma voz colectiva, mas a verdade é que, das duas tentativas conhecidas para formar uma associação de bandas, nenhuma vingou.

A primeira foi já há alguns anos, mais de três, certamente. Circulou no Centro Comercial um grupo de pessoas que, mesmo sem pertencer a qualquer banda do CCStop, se dispunha a estudar modos de formalizar ali uma associação que pudesse organizar e angariar oportunidades e vantagens para as bandas. Os impulsionadores da iniciativa percorreram o CCStop a recolher opiniões das bandas e chegaram a falar de uma reunião geral. Desta iniciativa não se apurou qualquer continuidade.

No fim de 2007 avançaram novas acções, com outros protagonistas, visando a formação da Associação de Bandas do Stop. Nesta outra iniciativa estão ligados os esforços conjuntos de alguns músicos e de um personagem que tentou recuperar o espaço onde funcionou o malogrado bar Kizomba³² para aí fazer um bar-concerto apoiado e dedicado às bandas. Nessa altura, surgiram tentativas de representação do CCStop

•

32. Ver pág. 28.

online, nomeadamente um sítio no Hi5, um outro no Myspace e um fórum no SomXL.

Foram ainda convocadas e realizadas reuniões entre bandas.

Boas

Depois da reunião, eu e o grupo de bandas que estavam representadas resolvemos levar o Stop para outro nível.

Está na hora de nos juntarmos, termos voz e condições. Para tal estamos a criar uma associação de bandas, músicos e todos ligados ao Centro. Dentro em breve avançaremos para a apresentação formal do projecto e contamos com a colaboração de todos. Qualquer dúvida ou sugestão, contactem-me.³³

Boas

Venho por aqui apresentar um projecto que está prestes a sair do papel para passar a ser uma realidade.

Como a grande maioria dos músicos do Porto sabem, o CC Stop é um local virado para a música e artes, sendo sem dúvida o maior “viveiro” de música do Porto, e um dos maiores do país. Como tal, e no seguimento de uma reunião com a administração do centro comercial, resolvemos avançar para a constituição de uma associação de músicos, bandas e qualquer outra actividade ligada a vida do nosso centro.

Depois da legalização da associação (já em vias de ser legalizada), iremos procurar apoios, sendo que alguns já estão apalavrados, de modo a promover todos os associados, recuperar e melhorar o CC Stop, trabalhar para isolamento e melhorias de condições para as salas, criação de um circuito de concertos, criação de um festival de música...

É um projecto arrojado, e que precisa do vosso apoio.

Para apresentarmos a associação, estaremos 2ª Feira dia 4 de Fevereiro, na abertura de um espaço criado a pensar nas necessidades do CCS, no próprio CCStop, O Clube das Artes.³⁴

Houve adesões e respostas, e a Associação tem até um esboço dos estatutos.

Mas, por algum motivo não explicado ou talvez apenas por não haver “tempo para tudo”, como deixou no ar Francisco, sócio da loja Stop Store e um dos cabeças da iniciativa, o movimento esmoreceu. António Vinhas, fabricante e reparador de guitarras e associado à loja Stop Store, diz que irá fazer ressurgir a iniciativa, e que ela terá sem dúvida sucesso.

Francisco diz a este respeito:

Isso é uma ideia já longa... (...) as bandas vão ter que tomar conta, entre aspas, do Stop, para não acontecerem coisas como acontecem diariamente (...) há muita coisa que tem que mudar, que pode mudar, e que só não muda porque não há um grupo de pressão, constituído oficialmente e que será a futura Associação de Bandas do Stop. (...) Estamos em maior número mas temos menos força do que qualquer outro lojista.³⁵

33. Post de Ricardo Gonçalves no grupo do Hi5 Amigos do Centro Comercial Stop – A verdadeira Casa da Música em 19 de Dezembro de 2007. <http://hi5.com/friend/group/2302965--9030403--Amigos%2Bdo%2BCentro%2BComercial%2BSto----topic.html>.

34. Post de Hypermnesium no fórum som, em 31 de Janeiro de 2008. <http://forum.somxl.com/index.php?s=ed680e254c4dbda448106436678c16cc&showtopic=54828&st=0&p=877587&#entry877587>.

35. Francisco, sócio da Stop Store, entrevista em 24 de Junho de 2008.



Registe-se ainda o exemplo de uma iniciativa de conciliação de interesses entre a danceteria Porto à Noite e as bandas. A abertura deste espaço durante apenas três dias por semana terá sido decidida em função da procura, mas desperdiça quatro sétimos do seu potencial. Por isso, o gerente deste sítio propôs que as bandas lá organizassem concertos. Foi feita uma reunião para o efeito, mas não chegou a haver acordo ou continuidade. A administração, que apoiou o encontro, alega que as bandas demonstraram ter “muitos castelos no ar” e pouca capacidade de acção. Para o Dr. Ferreira da Silva, requeria-se a organização de uma “grande festa” que desse visibilidade à nova actividade do CCStop. Da parte dos músicos, ouviu-se a alegação de que seriam necessárias condições de amplificação que o bar não se dispõe a angariar, o que inviabiliza qualquer prestação por parte das bandas. O espaço da danceteria tem uma proporção estranha, muito baixa para a área que ocupa, e os materiais (especialmente o do chão) tornam o ambiente frio e fazem prever grandes dificuldades no controlo do som. Percebem-se as reticências das bandas, mas estará a ser perdida uma boa oportunidade de cruzamento criada por este sinal de abertura de um negócio que se tem mantido como um caso à parte dentro do universo do CCStop?

A verdade é que as iniciativas apoiadas em objectivos abstractos ou que obriguem os músicos a fazer um pouco mais do que a sua rotina sem resultados imediatos, tendem a esmorecer rapidamente quando surgem os trabalhos e os obstáculos. As cumplicidades geram-se mais facilmente em torno de questões práticas, imediatas e com interesses tradicionais das bandas em jogo: gravar uma maqueta, participar numa gravação, contratar um concerto no qual o papel da banda seja simplesmente tocar. Todos os movimentos em direcção à consolidação de uma comunidade no CCStop que fogem deste grau de pragmatismo arriscam perder-se no acto da sua enunciação.

Existe aqui uma latência que será um dos pontos essenciais para a orientação de qualquer passo futuro: **toda a dimensão e sinergia do sítio tende a esfumar-se no limiar de uma verdadeira comunidade.**

De dentro para fora

Onde se toca

Cada banda encontra (quando encontra) o seu tipo de circuito de concertos próprio, em função do que tem para oferecer, das suas aspirações e do seu percurso. As bandas mais recentes, ainda sem experiência de concertos nem material reconhecido publicamente, limitam-se aos concursos ou, com sorte, a pequenos bares periféricos. Grupos em ascensão como os Dogma – grupo Rock/Pop que colocou recentemente uma canção na série “Morangos com Açúcar” – têm acesso ao circuito das lojas Fnac, a alguns bares e já aspiram a concertos de maior dimensão, como seja uma festa de recepção ao caloiro. O circuito do Metal mantém uma actividade regular entre bares, salas médias e festivais de maiores dimensões. Bandas como os OliveTreeDance ou os MotorNoise cultivam sistematicamente um círculo de contactos internacionais e conseguem com isso fazer esporadicamente séries de espectáculos em países como Alemanha, Holanda ou Itália. Mas os OliveTreeDance atingem actualmente uma dimensão maior, quer porque a sua especificidade os coloca em festivais temáticos de *Trance*, quer porque a sua aceitação junto de um público mais alargado já lhes dá acesso a festivais de maior dimensão, como seja a Maré de Agosto em Santa Maria, nos Açores. Mas a generalidade das bandas (incluindo as já mencionadas) alimenta antes de mais um circuito local de bares onde se incluem, no Porto, a Fábrica de Som, o Metalpoint, o Porto Rio, o Maus Hábitos, Chã das Eiras, Plano B, Uptown, Altar, Contagiarte, Armazém do Chá, O Meu Mercedes, Passos Manuel e, mais longe, outros como o Bláblá em Matosinhos, a Tertúlia Castelense na Maia, ou a Azenha perto de Vila do Conde.

Cada sítio tem a sua especificidade, quer pelo tipo de bandas que agenda, quer pelos públicos que congrega. Por exemplo, projectos mais experimentais ou marginais encontrarão facilmente melhor aceitação na Fábrica de Sons, no Maus Hábitos ou, num registo mais selecto, no Passos Manuel; o Metal, para além do óbvio Metalpoint, parecer boas possibilidades também no Porto Rio e na Azenha; o Uptown vocaciona-se para a comunidade dos músicos através das suas “jam sessions” semanais; e bares mais descomprometidos em termos estéticos como o Plano B centram mais a sua atenção nos genéricos Rock, Pop, Reggae ou derivados da Soul. Em função destes espíritos variados, também o cariz dos espectáculos se molda, até pelas mais ou menos subtis diferenças



que os públicos lhes conferem. Nota-se, em todo o caso, uma característica transversal a todos eles: o concerto tradicional tende a tornar-se pano de fundo, passatempo descontraído, ou curiosidade momentânea. O formato dos espaços, com o palco e as luzes a marcar o protagonismo dos músicos, parece contrastar com esta relativa indiferença do público. Apresentam-se três exceções que, curiosamente, convidam também a rever o formato de concerto, cada um a seu modo.

A vinte e três de Junho de 2008, véspera das festas de São João no Porto, a banda Fábrica de Sonhos deu um espectáculo no auditório de uma colectividade portuense, na Rua Duque de Loulé. O concerto encerrava um festival de cinema e começou com a presença de um público interessado mas discreto e em número reduzido. Sem desprezo para com a cativante prestação da banda, foi já perto do final que o espectáculo fez sentido, quando um bando de adolescentes irrompeu pela sala dentro vindo do arraial da rua e transformou os escassos dois metros que separavam a plateia do palco numa pista de dança.

A vinte e um de Junho do mesmo ano os Echidna, grupo de Metal que ensaia na sala 132, fizeram o concerto de apresentação do seu álbum no Porto Rio. O concerto foi precedido de uma primeira actuação de um grupo debutante, os Cold Fear de Vila do Conde. Embora com as devidas diferenças de intensidade que privilegiam a banda principal, como parece ser protocolo, os corpos repetiram nas duas actuações, incansáveis, os gestos vigorosos do *mosh*, a oscilação violenta das cabeças fazendo voar os cabelos compridos, e a agitação dos braços no ar exibindo códigos internos. No entanto, aquilo que parece um acontecimento pleno de adrenalina, capaz de deixar os espíritos desassossegados horas a fio, é precedido e sucedido por sereníssimas poses de conversa, namoro e contemplação. Como se o concerto se tornasse subitamente ausente da narrativa colectiva. Ou será que a intensidade que transpira para o observador durante o acontecimento não passa da repetição de gestos que, de facto, mais não são do que uma formalidade?

Em Novembro de 2007, teve lugar uma sessão de DJs dedicada ao Afrobeat na cave do Contagiarte. A meio da noite, a sala estava moderadamente animada, entre conversas e ensaios de passos de dança, quando três dos músicos do Tchakare Kanyembe se esgueiraram para o meio do público – onde estava já uma bateria e um baixo encostados – e rapidamente começaram a fundir as suas intervenções com a música gravada. O vocalista do grupo juntou-se ao colectivo de músicos e a música gravada desapareceu de cena. O

que se passou de seguida foi o abandono de todos os presentes ao improviso, ao ritmo, às palavras de ordem e à dança, numa festa que não deixou ninguém indiferente.

O concerto de Metal frequentado pelos adolescentes cobertos pela capa do negro, da tatuagem, do *piercing* e dos cravos, indicia os mesmos comportamentos formatados de um baile tradicional. A suposta espontaneidade de um concerto de Rock, requerida de um e do outro lado da fronteira do palco, parece afinal acontecer quando essa fronteira se esbate. As capas formais do concerto standardizado descolam-se, de modo cada vez mais evidente, dos corpos que revestem.

A transfiguração do Projecto em Banda

Detalhando o modo como os grupos se expandem e relacionam com o exterior, chegamos às formas como encaram a sua actividade para além da música. A gestão, a comunicação, o negócio. Quase todas as bandas têm um sítio no “Myspace” razoavelmente organizado. Mas quase todas elas esgotam também aí o seu esforço de organização de uma imagem destinada ao exterior. São muito raras as que têm um *manager* ou uma editora. Normalmente é um dos elementos do grupo – por vezes mais do que um – que assume o esforço de angariar os espectáculos e de acertar os negócios. E quase todos são unânimes. É muito difícil sobreviver no panorama actual. Mesmo grupos com uma projecção razoável e com números de concertos invejáveis nos últimos tempos reconhecem que apenas ganham, com sorte, para as despesas. Os concertos de maior dimensão, normalmente rentáveis, são raros. De resto, funcionam os bares e clubes onde os negócios são precários. Os bares, normalmente, não assumem o concerto como uma mais-valia para a casa e transferem o risco para o lado das bandas, que tocam a troco da cobertura das despesas ou de uma percentagem da bilheteira. De facto, mesmo em bares de sucesso, acontece frequentemente os concertos serem marcados para o início da noite, quando o público ainda está nas esplanadas ou nos cinemas. As bandas fazem o concerto para os amigos e aficionados, alguns deles não-pagantes. Quando o concerto acaba, o bar começa a encher, porque mesmo os clientes mais madrugadores chegam a gastar alguns minutos no exterior aguardando a hora de entrar sem pagar bilhete. O concerto é encarado como um apêndice destinado a preencher as horas mortas do bar e o negócio acaba por ser sempre mau para as bandas. Num cenário drástico, podemos imaginar um grupo que vai tocar a um bar em Lisboa, confiante na bilheteira.



Arrisca-se a ter uma receita na ordem dos duzentos euros para pagar uma viagem a Lisboa com carrinha de material e carro para os músicos incluídos. Já aqui a receita fica comprometida. Mesmo que a casa pague refeições e aceitando como normal que a banda regresse ao Porto de imediato depois do concerto para poupar despesas de estadia, não resta margem sequer para pagar a um técnico de som que defenda o trabalho da banda no comando do *Public Address system* (PA)³⁶. A relação é precária económica e artisticamente. Hugo, o dono do Metalpoint, é músico e gerente da sala de concertos em simultâneo. O seu ponto de vista é curioso: “ninguém vive disso” (do dinheiro que a banda ganha). “Nós não andamos aqui para ganhar dinheiro, é mesmo pelo gozo (...) e não perder.” Questionado sobre o que ganham as bandas quando vêm tocar ao Metalpoint, responde: “Tudo o que sejam despesas gerais. (...) Falar em cachets é impossível. É impossível gerir um bar deste género, totalmente ‘underground’ de outra forma. Mas tudo o que a banda gasta é pago”³⁷. Esporadicamente, Hugo também disponibiliza para as bandas uma percentagem da bilheteira (uma boa casa significa mais de 100 pessoas a cinco euros, para dividir por três bandas).

Ainda assim, os contratos com bares são já uma conquista para muitas bandas. Na cauda estão as bandas que ainda palmilham os concursos e se vêm nas mãos de organizações de câmaras municipais, colectivos “culturais”, simples empreendedores privados, marcas como a Fnac, a Festa do Avante ou até os próprios colegas de ofício³⁸. Nestes concursos, fica no ar uma sensação de aproveitamento da ingenuidade e inexperiência das bandas para arrecadar dividendos de várias ordens. Até os concursos mais mediáticos e conceituados, como foi o caso do Termómetro, deixam dúvidas quanto à sua honestidade: a Fábrica de Sonhos, vencedora da edição de 2007, ainda hoje aguarda o prémio a que tem direito. Mesmo assim, vemos muitos grupos – alguns mesmo com edições *Extended Play* (EP) lançadas e um nome já minimamente projectado – confiarem alguma da sua sorte e sucesso neste tipo de iniciativas. Numa das investidas do trabalho de campo deu-se uma discussão curiosa na sala de uma das bandas. O grupo tinha estabelecido contacto com a Festa do Avante no sentido de lá se exhibir na edição de 2008. Delicadamente, a organização da Festa do Avante respondeu remetendo a banda

•
36. Como o termo inglês indica, trata-se do sistema que envia o som produzido pela banda para o público.

37. Hugo, Metalpoint, entrevista em 8 de Julho de 2008.

38. A banda Butterfly organizou um concurso de bandas para animar as primeiras partes dos seus concertos. Este concurso, ao contrário de outros e segundo testemunhos de participantes, parece ter remunerado honestamente as bandas.



para a candidatura ao “Concurso de Bandas” no “Palco Novos Valores”. Na discussão, a banda esgrimia a sua condição de projecto com provas dadas, que dispensa ser posto à prova em competições de debutantes, com o desejo de estar lá e de se mostrar a todo o custo, na esperança de isso ser um passo importante na projecção da banda. Esta é uma fragilidade facilmente explorável.

A este cenário nada promissor da compensação dos músicos não podem ser alheias nem as incidências do sistema mediático da música – que tende a concentrar a atenção do público em meia dúzia de propostas acessíveis – nem as qualidades das propostas musicais provenientes do CCStop – que carecerão de argumentos de interpelação. Mas podemos observar estes factores de dois modos. Podemos pensar que é assim que as coisas têm de funcionar, e é assim que o mercado serve de ferramenta de selecção para a promoção dos melhores. Ou podemos pensar que é precisamente a submissão aos formatos instalados que impede o caminho a novas propostas, quer artísticas, quer de relação.

A verdade é que as bandas parecem perdidas entre os dois pontos de vista e, logo, submetidas ao primeiro, já que não chegam a constituir-se como alternativa. E aí, no jogo mediático e na relação dos negócios submetida às leis do lucro, denotam a sua fragilidade e a sua falta de capacidade para navegar. Veja-se como até a presença na Internet, normalmente remetida para o *Myspace*, se resume ao afogamento no mar global das propostas, na esperança remota de um qualquer fenómeno viral e inesperado de expansão.

Negócios em redor das bandas

Existem no CCStop os pequenos negócios e expedientes destinados a subsidiar as rendas e as despesas das bandas. Aluguer esporádico da sala – há quem o faça a um Euro por cabeça – admissão de bandas residentes para partilha de custos, aulas de instrumento, gravação de maquetas. Recentemente, as hipóteses e a escala dos negócios cresceram, graças à dimensão actual da massa crítica.

A **Stop Store** nasceu apenas com a ideia do apoio logístico que inclui o aluguer de amplificação e a angariação de técnicos e roadies. Essa era a experiência trazida pelos seus sócios que, para além de serem músicos (todos eles ensaiam em bandas que ocupam a sala 125), tinham já acumulado experiência e formação em domínios técnicos. O negócio evoluiu para o formato de loja sem perder os outros serviços que, associados à

construção, reparação e afinação de guitarras por António Vinhas, completam uma oferta assinalável. Este colectivo tem assumido uma vocação de apoio ao universo do Stop e não só, quer sentindo a obrigação de estar constantemente disponível, especialmente fora das horas do comércio tradicional, quer recolhendo e espalhando informação, quer até pela iniciativa de associação de bandas que abraçaram. Num espírito de abertura que parece ser a alma do negócio, qualquer músico entra e sai da loja, espreita os pedais, experimenta guitarras e pergunta por novidades, perante a presença interessada mas algo displicente dos responsáveis da loja. As coisas estão ali para serem tocadas. Pelo seu lado, António Vinhas usufrui de um contacto diário com os guitarristas. Ouve as suas necessidades e assume um papel didáctico acerca dos segredos e das possibilidades abertas no desenho e na afinação dos instrumentos. Este é, pois, um negócio em que o sentido de oportunidade se deixa envolver num saudável sentido de reciprocidade.

A loja é, possivelmente, o negócio com mais credibilidade do Centro. De algum modo, o aparecimento da loja institucionalizou a presença da música no Centro.

O **Metalpoint** é um bar dedicado à música na área do Metal que abriu em Novembro de 2007, entre o rés-do-chão e o primeiro piso do CCStop. É uma iniciativa do Hugo, baterista em quatro bandas que ensaiam no CCStop. Hugo já ensaiava no Centro antes de tomar a iniciativa de abrir o bar, e passou por experiências profissionais que incluíram a gestão de negócios de restauração e ginástica. Daí terá saído a preparação para montar o negócio.

É uma ideia muito antiga. Já tenho esta ideia, sei lá, há dez anos. (...) Tive sempre a paranóia de fazer um sítio só para Metal. (...) Para além do divertimento e do gozo que nos dá, temos que ter sempre por trás a veia empresarial.³⁹

Segundo Hugo, este é o único sítio em Portugal que assegura um concerto todas as semanas na área do Metal. Todas as sextas ou sábados se repete o ritual da concentração da tribo do Metal à porta do Centro Comercial, depois de jantar, em ameno convívio, à espera da hora do concerto. À medida que a noite avança e o concerto lá dentro eleva os níveis de euforia, os seus resquícios fazem-se sentir cá fora, mas sempre dentro de um registo tolerável. No entanto, alguns copos de cerveja no chão são motivo suficiente para a gestão do Centro reclamar trabalho extra por parte do serviço de limpeza.

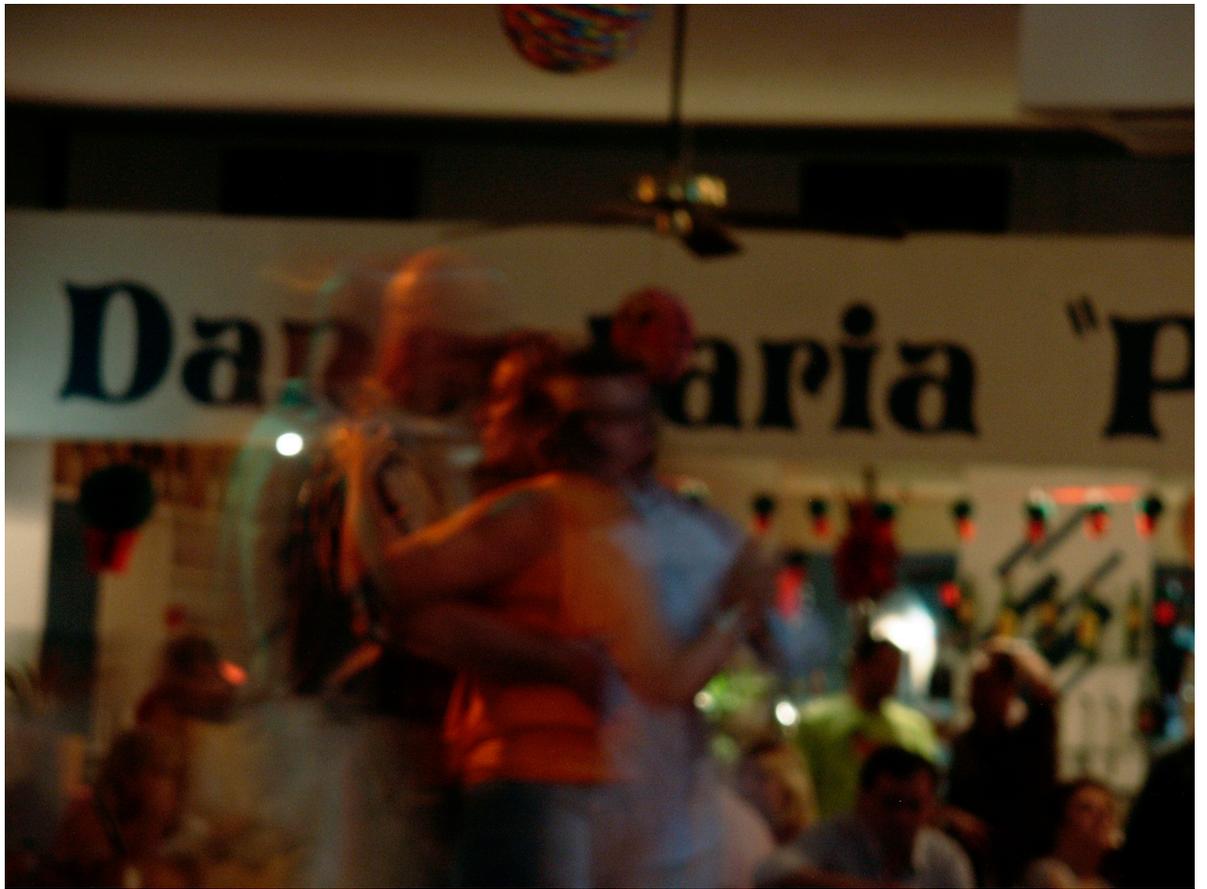
•

39. Hugo, Metalpoint, entrevista em 8 de Julho de 2008.

Uma oferta de programação como a do Metalpoint é possível tendo um corpo de dezenas de bandas a um ou dois pisos de distância. Hugo fala em meia dúzia de bandas de Metal no CCStop, mas elas são seguramente mais. Quer estas bandas, quer outras de outras áreas, asseguram o funcionamento deste negócio, não só pela disponibilidade para assegurarem uma oferta artística, como também no consumo que fazem ao longo da semana, fora de horas, para recuperar forças. O bar está discretamente aberto. Lá dentro, num ambiente de penumbra, é possível pedir uma bebida para consumir ao som de Metal ou para levar para a sala de ensaios. Mas não restem dúvidas: este negócio consolida e expande a actividade do CCStop concentrando-se na sua especificidade, sem almejar qualquer grau de abrangência ou consenso.

A danceteria **Porto à Noite** é uma benesse para os populares do bairro, nomeadamente para as gerações acima dos quarenta anos. Sessões de baile às quintas-feiras, sábados e domingos são animadas por grupos de baile contratados ou pela banda residente. Os pares, os homens solitários, as senhoras cuidadosamente vestidas e as famílias completas, acumulam-se à porta um pouco antes da hora de abrir. Lá dentro, sentam-se em torno da pista naquele que é, seguramente, o maior espaço coberto do Centro Comercial. As pequenas mesas mais perto da pista estão reservadas pelos clientes mais assíduos e consequentemente privilegiados. Todo o espaço circundante da pista está preenchido com mesas, não só aquelas pequenas mas também grandes mesas corridas cobertas com toalhas azuis. A pista enche-se pausadamente quando se inicia uma nova música, e esvazia-se abruptamente quando esta termina. Enquanto estão na pista, os corpos seguem o ritual calculado e simultaneamente libertador. Este é um mundo à parte no contexto actual do CCStop, mas porventura importantíssimo no equilíbrio da sua relação com a comunidade envolvente. Sem este elo é fácil imaginar a formação de processos de hostilização de difícil resolução.

Finalmente, uma palavra para o **Rei dos Lanches**, o pequeno café localizado na entrada do Centro Comercial e que, por isso, não pode escapar ao papel de se constituir como a primeira imagem do CCStop e, nesse sentido, uma imagem a necessitar de revisão com alcance simbólico: do ar sisudo para a comunicabilidade, da receita "fast food" para um pouco de criatividade culinária, da postura fechada para o sentido de comunidade.



Análise

O Centro Comercial Stop proporciona a problematização da actividade projectual, por exemplo a actividade de toda uma equipa que projecta um Centro Comercial, sob um ponto de vista peculiar. Não estamos directamente perante o nível tecnológico de ponta em que a projectação dos objectos é exercida com base numa sistematização hiper-racional da própria humanidade, correspondente na era “semiúrgica” à engenharia de produção industrial da era “metalúrgica”⁴⁰. Já vimos pela história do Centro Comercial e pelas razões da sua criação que se tratou, isso sim, da simples fé nessa hiper-racionalidade. Estamos perante reflexos secundários e escamoteados do formato dos centros comerciais ou, sob o ponto de vista contrário, perante as suas reais consequências. A actividade persistente de racionalização e cálculo por parte dos projectistas resulta no gesto de reduzir todas as potencialidades a uma só ordem lógica, a um código que se propaga em ondas virtuais. Estamos perante um nível de abstracção em que é a actividade projectual, ela própria, que se substitui à realidade como produtora de sentido. Baudrillard coloca o Design no centro da produção deste código e logo na posição do unilateral, do “tirano”.

•

40. BAUDRILLARD, Jean – *Para uma crítica da economia política do signo*. Lisboa: Edições 70, 1995. p. 191.

Por detrás (...) do esquema geral de síntese (arte/técnica, forma/função), o que se efectua é (...) a (des)articulação (...) num significante e num significado (...) surgindo, no mesmo acto, o design como projecto da sua articulação ideal, a resolução “estética” da sua equação. Porque o estético não é senão o que vem selar, como por acréscimo, esta semiologia operacional.

(...) Um conjunto estético é uma mecânica sem lapsos, sem falha, onde nada vem comprometer a interconexão dos elementos [segundo as leis arbitrarias do sistema] e a transparência do processo: a famosa legibilidade absoluta dos signos e das mensagens – ideal comum de todos os manipuladores de código, quer sejam ciberneticistas ou designers. Esta ordem estética é uma ordem fria. (...) Nada a ver com o prazer (...) cuja característica própria é, inversamente, desgarrar-nos das exigências racionais e mergulhar-nos numa infância absoluta (não numa transparência ideal, mas na ambivalência ilegível do desejo).⁴¹

Design é então, segundo esta visão, reduzir a signo, permanecer signo, existir como signo. Os objectos passam a falar uma língua universal, o “esperanto racional do design”, que ignora ou elimina os dialectos, os estilos, as práticas. Passa a valer apenas o código arbitrário, o sistema racional e “coerente”, que só aparentemente foi afastado pelo pós-moderno, pelo avanço das discussões semiológicas, ou pela explosão e “democratização” da produção à escala planetária. Se considerarmos que a forma deste código único é a do seu esqueleto e não a da sua pele, veremos que a abundância e diversidade de informação e de bens apenas ilude o que verdadeiramente interessa, que é a submissão à ordem do valor de troca. Assim, o Design como produtor de signos dentro do sistema do valor de troca/signo está longe do primado do valor de uso. É antes uma “ramificação do **human and social engineering**”⁴². É antes o construtor de um ambiente, o das estruturas abstractas e da comunicação, que substitui os conceitos de “natureza” ou “meio” e cujas leis substituem o físico, o biológico, o sociocultural.

O percurso em espiral no qual o valor de troca conferido pelo uso é superado pelo valor-signo e em que o valor de uso passa a referir-se antes de mais ao signo presente no objecto, este percurso, dizia-se, é o da economia global de hoje: mais caro, mais presente, mais desejado (e sim, é aqui, no desejo, que está a sua função). Este é um percurso de sentido sempre positivo, ou seja, um percurso artificial, contrário à Natureza e à própria natureza original da troca: nada se ganha, nada se perde, tudo se transforma. Metaforicamente, ao desafio olímpico “mais rápido, mais alto, mais forte” corresponde a noção de que nunca chegaremos lá. O desejo despojado da sinuosidade do trajecto não será nunca consumado. É aí que reside a perda. Esta é a prova do equívoco.

•

41. BAUDRILLARD, Jean – *Para uma crítica da economia política do signo*. Lisboa: Edições 70, 1995. p. 193-195.

42. BAUDRILLARD, Jean – *Para uma crítica da economia política do signo*. Lisboa: Edições 70, 1995. Bilingue na versão consultada.





O que é que, hoje, conseguimos desligar completamente desta trama? Aparentemente, qualquer tentativa de esquivar ao valor de troca/signo adquire automaticamente um valor de signo e, conseqüentemente, uma posição no código. Esta aparente inevitabilidade não impediu a esperança da esquivar por parte da presente dissertação, ao decidir navegar em níveis mínimos de mediação, para que seja a realidade a ditar a sua própria tradução. Por isso também, a circunscrição do trabalho está feita inclusivamente na própria sequência metodológica e restringe-o à formulação de perguntas e hipóteses. A ligação entre as duas decisões é óbvia e manifesta-se no factor tempo: é a permanência no terreno que marca o ritmo das análises, das acções, das traduções e das decisões. Pressionados pelo tempo, precipitaríamos o nível de abstracção que o próprio objecto nos oferece e assim cairíamos na armadilha que queremos evitar. Na data presente, estamos simplesmente em condições de apurar as perguntas e será então neste sentido que importa dirigir a análise.

Se apontamos para uma matriz genuína do lugar, devemos antes de mais distinguir nele o que lhe é imposto do exterior, e cuidar do que resta. Por outras palavras, será útil, a partir do conjunto de memórias e de registos no terreno, apontar para a distinção entre as consequência da citada hiper-racionalidade dos ambientes e dos formatos, e aquilo que será concretização genuína destes seres humanos e sociais dentro do universo do Stop. Nos parágrafos seguintes, o exercício visa, quer cada uma das unidades “Projecto” – conforme foi definida na descrição – “Música” e “Centro Comercial”, quer ainda o seu confronto. Finalmente, a totalidade do CCStop é projectada no contexto da cidade, por se considerar esta a escala onde o objecto deve ganhar sentido em primeiro lugar. De facto, é à escala da cidade que ele pode ensaiar as suas explorações de confronto com a diversidade num elevado grau de experiência directa e baixa interferência das mediações. É ainda à escala local que se podem encontrar as razões, as motivações e os ingredientes para a concretização de linguagens e práticas próprias que projectem também sentido em escalas mais amplas.

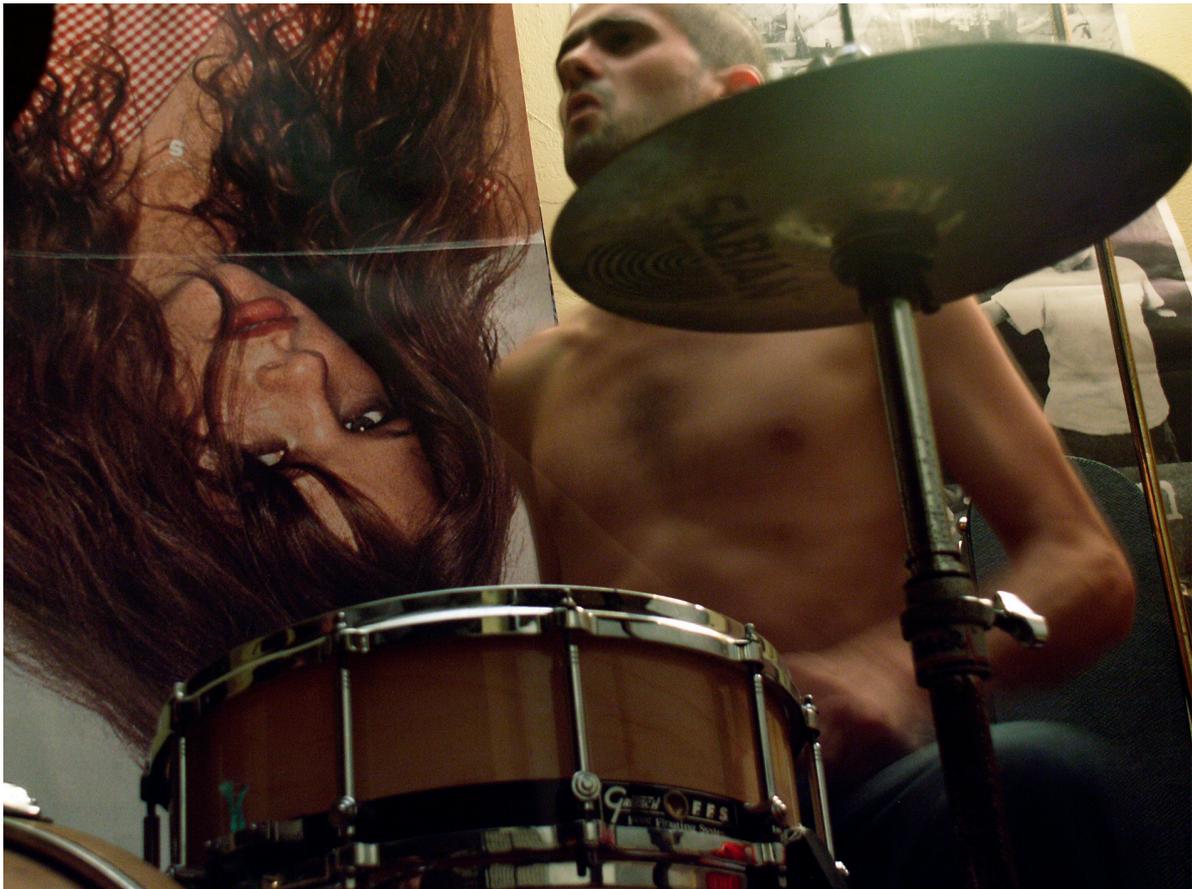
O “Projecto” como unidade de análise

Quando, na descrição do objecto, se definiu o Projecto como unidade mínima da comunidade do CCStop, cuidou-se de atribuir uma definição aberta a esse papel. Perante

uma mole de objectos diversos, não se pretende agrupá-los segundo subcategorias estanques, mas sim ter em conta a sua lógica interna comum e a sua co-habitação.

Quanto à lógica interna, a génese do Projecto é sempre um impulso individual de auto-expressão, de auto-realização e de socialização. Os dois primeiros impulsos sujeitam-se historicamente e inevitavelmente ao terceiro pela conjunção de dois movimentos: num sentido, o gozo da experimentação e a conquista de resultados na sala de ensaios levanta imediatamente a possibilidade do confronto público; no outro sentido, o contexto social baliza o repertório em que o projecto pode ser entendido e, portanto, molda o sentido das experimentações e a forma como podem ter lugar público. Ora, o que circula no espaço público como determinação das possibilidades é a supremacia de um conjunto de formatos e não a ambição da sua subversão através do regresso permanente à experiência original. Toda a lógica da eficiência que domina o ambiente hiper-racional é paradoxalmente avesso ao risco: um concerto tem um palco, uma canção Pop ronda os três minutos e trinta segundos, a rádio apenas pode passar as bandas que se destinam inevitavelmente a ser institucionalizadas, os estilos são acalentados como instrumentos de segmentação do mercado, para citar alguns exemplos. Em consequência, os projectos já nascem submissos por via do seu legítimo destino à experiência do confronto público. À questão “como posso eu desenvolver um conjunto de recursos expressivos através da aprendizagem e do domínio dos sons?” passa a sobrepor-se uma outra: “como posso eu integrar um formato vigente, de modo a encontrar aí uma possibilidade de expressão individual e de integração social?”. Sob as aparentes exigências da eficiência, destinadas a capitalizar maiores probabilidades de aceitação na engrenagem, não encontramos sequer um domínio técnico, profissional ou comercial, pois a maioria destes projectos é sustentada em horas vagas, dedica muito pouco tempo à sua relação com o exterior, ou assume-se fora de qualquer sistema sem lhe ser verdadeiramente alternativa ou problematização. Encontramos antes as consequências da cisão original provocada pelo choque com o social e o público. Repentinamente, o impulso original é traído pela sua própria resolução.

Isto coloca-nos imediatamente perante uma evidência: **o confronto dos anseios e da energia individual dos músicos com a esfera pública é um ponto fulcral a ponderar em qualquer passo de mudança.**



A co-habitação dos projectos no CCStop sofre destas circunstâncias. Nunca esteve em causa o confronto das descobertas e das experiências, mas sim o estudo e reprodução de fórmulas em condições controladas. Por isso, os projectos mais não precisam do que reunir dentro de si as competências necessárias para essa reprodução. Afinal, tudo se resume à manutenção de uma ficção que emula até uma realização pessoal através dos modelos cristalizados da música, num cenário onde o confronto aberto de possibilidades não tem lugar. Aquilo que poderia ser um universo de contaminações e germinações decorrentes da presença massiva e diversa num mesmo espaço aproxima-se da coexistência indiferente, pontuada aqui e ali por ligações casuais, estabelecidas entre elementos com a mesma matriz. Mas existe um reverso extraordinário: a dedicação, a capacidade de auto-organização, o talento e, em alguns casos, a entrega total aos projectos e à música que é possível observar no interior das lojas do CCStop, apresentam-se como matéria e energia **disponíveis**. Ao fechamento protegido dentro da banda e do estilo escapa uma curiosidade momentânea e uma lucidez intuitiva sobre o futuro limitado das propostas. **Existem pois todas as condições internas para avançar para a construção de repertórios próprios e radicados no lugar.**

A categorização e a indústria do mundo da música

É óbvio que, ao refrear a fragmentação artificial do seu universo, a presente dissertação não elimina aquela que está presente no próprio objecto. O expediente da catalogação pertence à linguagem e à vida quotidiana. No universo profissionalizado do mercado da música, tal ferramenta é cultivada com finalidades claramente alheias às questões criativas. O objectivo é obviamente condicionar os comportamentos e torná-los previsíveis, pois é assim que se seguram os negócios. Da segmentação da indústria, que opera desde o negócio de instrumentos aos catálogos de edição centrada nos estilos, passando pela comunicação e pelo *marketing* dos países, passa-se rapidamente à criação de dogmas que circulam na comunidade e cuja origem, fundamento, e pertinência já não se conhecem. Vemos disto prova tanto na supremacia do conjunto Guitarra/Baixo/Bateria/Voz como no conjunto díspar de definições que se ouviram a propósito de alguns sub-estilos do Metal, como ainda na adopção de certos sinais visuais para caracterizar e representar os estilos respectivos, para citar alguns exemplos. Este comportamento



é em tudo semelhante à fé que levou uma empresa nos idos anos 80 a fazer a sua aposta no formato do Centro Comercial para resolver problemas financeiros: o repertório de respostas às questões internas submete-se acriticamente aos referentes sociais formatados na esperança do sucesso.

Mas, se recuarmos o foco, deixamos de fechar a discussão na definição do Afrobeat, do Trash Metal ou da Pop, para observar, no modo como os projectos se formam na ordem social, as suas reais inevitabilidades. Nos contextos sociais contemporâneos, a música, em Portugal com o Rock à cabeça, é o meio de emancipação mais disponível e mais sugerido pelo discurso público. Este movimento, aparentemente selvagem, dirige-se ao vazio da organização social, que deixou de marcar a introdução do indivíduo na vida pública, abdicando pois de lhe dizer quais os horizontes vitais sob os quais será balizada a sua existência em comunidade. Este vazio é preenchido pela indústria. O Rock proporciona todos os ingredientes para a cerimónia, sem grandes custos: instrumentos acessíveis, baixa exigência técnica, formatos que sugerem uma socialização controlada e apoiada – onde a banda é simultaneamente o espaço para a libertação em privado e o apoio para o confronto público – e, claro, um conjunto de modelos e heróis disponíveis, quer para identificação, quer como prova da eficiência do formato. Portanto, passam a ser estas as balizas do comportamento comunitário. O verdadeiro sentido e a origem da música mantêm-se na prática, mas deixam de ser objecto quer de experiência quer de investigação.

Em boa verdade, os músicos acabam por agir em função da herança cultural que receberam, e tratam de lhe dar continuidade. Pergunta-se é se lhe fazem uma crítica. Coloca-se o problema da genuinidade dessa herança a montante e a jusante – pode-se perguntar, por exemplo, como faz sentido o Hip-hop no Porto como interacção no tecido social. Coloca-se ainda o problema da clarividência sobre o processo criativo num estado originário – perguntar, por exemplo, porque é que a tradução em música de elevados níveis de disponibilidade física e choque emocional tem que sustentar-se em fórmulas como o Trash Metal. Está em causa a consciência dos efeitos das práticas musicais num processo de produção onde a música se transformou em mercadoria e a mercadoria tomou o lugar de mediador quase único da cultura. Por um lado, não é possível evitar as heranças e as realidades sociais tal como elas se nos apresentam. Por outro, o estado actual de submissão ao mercado envolve todo o processo em paradoxos: para o músico,

a rebelião exerce-se num regime de submissão; para a indústria, os formatos que fazem a sua racional eficiência estancam as possibilidades de produção; para a comunidade, a realização dos indivíduos deixa de se dirigir a um sentido social.

A libertação intuitiva mantém-se sob esta estrutura racional. A experiência real passa-se na sala de ensaios nos momentos de maior expansão e dedicação; a expressão pública acaba por acontecer no espectáculo, mas apenas no interior do músico que realiza o desafio do seu confronto público. Já a audiência vê-se sistematicamente privada de algo para além do cumprimento ritual e virtual porque, no fundo, é a isso que adere formalmente tal como é solicitado pela indústria e pelo mercado⁴³. Os heróis próximos, tangíveis – locais – desaparecem por via da indústria. Será por razões desta ordem que a música ao vivo, incluindo os grandes festivais e os grandes nomes, tendem a ser mero contexto para a socialização e a realização individual? Será que, ao assumir a música apenas na lógica do valor de troca/signo ela tende a perder a disputa de valor com outros consumos?

A comparação entre o Centro Comercial e o Rock. Metáfora, coincidência ou causalidade?

Como será já claro, do mesmo modo que o CCStop é sucedâneo da abstracção arquitectónica e comercial hiper-racional chamada Centro Comercial, adoptado para tentar suprir o tipo de necessidades a que se destina o modelo (neste caso o sucesso económico), a adopção da fórmula do Rock é sucedâneo que tenta suprir um conjunto de necessidades auto-expressivas e de socialização por via de um modelo mal assimilado, porque assimilado apenas na sua forma visível e fixada através da mediação. No contexto mediático e mercantilizado, não interessa o facto de aquela cristalização ter a sua origem em pesquisas individuais imbricadas em repertórios locais. No entanto, a tomar um modelo, seria precisamente o modelo desta consciência da prática individual em sobreposição parcial aos repertórios comunitários como comportamento estrutural que permite a sucessiva evolução do tecido criativo.

•
43. Vejam-se na descrição os exemplos de espectáculos referidos, pág. 75-78.



No paralelo entre os formatos, o sonho de sucesso dos investidores no CCStop que olhavam deslumbrados para o Brasília corresponde, por parte dos Projectos, à procura do “hit” da rádio ou da Internet, feito à imagem dos outros que já lá circulam e que vai definitivamente resolver todos os dilemas internos e externos da banda. Nesta esperança não vemos sequer grandes indícios de resignação ao consumo. Trata-se de uma fé genuína mas, como tal, com elevado potencial de equívoco.

Em contrapartida, a dedicada, desprendida, espontânea e anónima vivência da música, simboliza a capacidade de libertação desses mesmos formatos. Os músicos têm as suas razões neste aspecto: o anonimato protege-os parcialmente da voracidade do mercado, que capta para si qualquer manifestação que se preste à simplificação e reprodução mediática. É interessante ver como os músicos do CCStop condescendem perante o facto de serem observados, um pouco à imagem dos animais das reservas naturais que já se habituaram à presença dos turistas, sem no entanto darem razões para a visita seguinte. Não se trata de um reflexo inocente. É antes uma atitude condescendente de quem tem perfeita consciência de ter uma condição especial que importa preservar. Embora a prática musical sobreviva no limiar da submissão, a experiência do quotidiano processa-se ao abrigo de males maiores e encontra no anonimato e na privacidade as possibilidades de libertação.

A aversão ao confronto público fora da situação controlada do concerto é de tal modo notória que as bandas não fazem qualquer apropriação do espaço comum do Centro Comercial. Por sua vez, a estrutura física do edifício junta-se às próprias necessidades técnicas, psicológicas e sociológicas das bandas para promover o fechamento dos pequenos “negócios” e nada existe para contrariar este movimento. A vertigem da espiral sempre ascendente do mediatismo e do consumo aparece finalmente como aberração, perante a necessidade de um espaço físico e social onde seja possível dar largas a um treino expressivo, emocional e humano.

É sintomático para esta análise observar como este Centro Comercial, mesmo tendo sido projectado a pensar na população local e nos públicos que, com naturalidade, poderiam estabelecer afinidades com o lugar, resultou num fracasso⁴⁴. Vimos o modo como, nos primeiros anos, o CCStop preencheu a carcaça progressista feita de escadas rolantes

•
44. Ver descrição. p. 24.

e alamedas de lojas onde a chuva não cai: ocupou-a com o comércio tradicional. As propostas percorriam um espectro diverso, desde a pequena loja de informática lúdica – então emergente – à mais tradicional loja de roupa. No entanto, o que falou mais alto foi a estrutura. O local passou a ser de passeio e não de compras (aliás, tal como nos centros comerciais de hoje); lugar de confrontação social para além de lugar de consumo; ou, porventura, colocando o espaço do Centro Comercial ele próprio como produto consumível, lugar de confrontação social mediada pelo consumo. Neste confronto, os “gunas” levaram a melhor e acabaram com o comércio. O que eles foram para lá dizer foi “esta modernidade é nossa porque sim”. O que estava em causa não era cada uma das lojas, mas sim a afronta da proposta global. Tomaram-na de assalto sem lhe tomarem a responsabilidade. A derrocada já não foi nada com eles.

Mantendo a analogia inicial, e à luz da insignificância das pequenas lojas face à dinâmica do Centro, pergunta-se que sentido tem cada uma das bandas dentro do edifício do Rock⁴⁵, tal como se pergunta o que se pode esperar deste formato histórico nos dias de hoje. Não duvidemos: os públicos que povoam as salas de concertos, os *sites* e a generalidade do espaço público em torno da música vai, antes de mais, esgrimir a sua posição social através do consumo (pagante e não pagante). Cumprida esta missão, avançarão para o formato seguinte. No final, restarão escombros aptos a serem reocupados. A prática privada dos músicos do CCStop converte o ciclo, como que por magia, em sinal de evasão à malha hiper-racional que hoje parece omnipresente. Os imperativos do mercado deram com a falência do CCStop como darão na falência de todas as suas empresas, Rock incluído, já que nada pode crescer indefinidamente. No momento em que a economia do signo revelou neste lugar a sua fragilidade, os sectores menos bafejados pela sorte comunitária deram-lhe uma utilidade nova. O insucesso tornou-se o espaço vazio disponível para o avanço. É sem dúvida uma atitude económica, política e de planeamento inteligente, mais eficaz do que qualquer decisão institucional. Foi essa a grande lição prática dos músicos ao reutilizarem o Centro Comercial. Eles são os urbanistas, eles são os designers.

•

45. Toma-se a liberdade de utilizar o Rock como representante simbólico de toda a actividade musical do CCStop, quer porque este é o género dominante, quer porque ele se pode considerar charneira com ligações a todas as ramificações da música popular moderna contemporânea.



O Centro Comercial Stop (e o Rock) como génese de alternativas

Fora da vida doméstica, fora da igreja, e fora do governo, existe um espaço para as pessoas discutirem sobre vida. Habermas chama isto de esfera pública onde ideias são examinadas, discutidas e argumentadas. O espaço desta esfera pública tem diminuído sob a influência das grandes corporações e do poder da mídia. Uma implicação óbvia é que isto é uma estratégia de divisão e conquista. Um recente evento interessante é o surgimento da Internet como uma nova esfera pública.⁴⁶

Não é difícil observar no Porto a liderança das vantagens individuais perante o bem comum. A cidade torna-se sucessivamente mais agreste através de gestos como o abandono das casas que deram carisma à cidade, os percursos enviesados impostos por projectistas ou as demolições decididas à margem do património humano que se apaga. Neste estado evolutivo comunitário, são os cidadãos a cuidar de criar contextos de uma outra natureza mais afável, humana e fértil que, ainda assim, não encontram eco nem consequência fora da sua escala. Não obstante, perante a importância destas iniciativas escondidas, perde interesse, no caso do CCStop, a avaliação da música que se produz à luz do sistema de valores vigente. É mais importante, no momento presente, o que esta realidade tem de marginal ao sistema de valores instituído, aquilo que nela é verdadeiramente alternativo e novo.

Quando, no trabalho de campo, se afixou uma planta do Centro Comercial, foi toda a extensão do universo bem como a sua fragmentação, ocultação e anonimato quase militante que se tornou evidente. Em simultâneo, vislumbram-se as vontades para partilhar universos, para criar um espaço comum. Existe a consciência de que o isolamento não é saída: não é um sintoma generalizado, mas é suficiente para avançar nesse sentido. Há que ultrapassar a mera questão do directório e ir em direcção à ideia de mapa, passar da listagem para a relação, da fragmentação para o ensaio das combinações.

As possibilidades de parentesco já existentes no CCStop parecem ainda submetidas às categorias da indústria, demasiado frágeis para terem significado, e limitadas nas possibilidades e nas consequências. Afastada a ordem mercantilista de valores, importa decidir o que são os recursos e as utopias que podem servir como factor aglutinador para esta comunidade, como motivação para avançarem na construção dos seus repertórios. Não é só a Internet que se afigura, no presente, como um espaço

•

46. <http://www.geocities.com/Eureka/2330/habermas.htm>

privilegiado de ampliação e revitalização da esfera pública. Aliás, se confiarmos apenas na Internet para o fazermos, perderemos o contacto directo entre pessoas como parte essencial da socialização. A Internet será instrumento essencial de posicionamento à escala global. Mas antes disso é necessário que realidades como esta se traduzam em estruturas alternativas de investigação e experimentação capazes de reverter evidências estruturais para a comunidade. A música, as imagens, a produção, os objectos, virão em consequência. Hoje em dia essa é a parte mais fácil; e o CCStop tem já todos os meios.

O desafio é que, nessas produções, se leia toda a reversão do edifício da produção musical. Do mesmo modo que os músicos recuperaram o edifício do Centro Comercial identificando o vazio e preenchendo-o, podem iniciar a pesquisa dos espaços vagos de respostas criativas e iniciar o seu preenchimento com novas e inteligentes práticas.

O Centro Comercial Stop e a cidade do Porto

Em Julho de 2008 foram apresentadas as conclusões de um estudo denominado *Desenvolvimento de um cluster das Indústrias Criativas na Região do Norte* que estabeleceu como objectivos “a avaliação do impacto destas actividades na região, conhecer a sua evolução e o papel que desempenham e poderão vir a desempenhar na economia e na sociedade.”⁴⁷ Podemos encarar este estudo como um porta-voz fiável do pensamento oficial e institucional sobre o papel futuro que locais como o CCStop podem ter dentro da comunidade. De facto, a iniciativa do estudo pertenceu à Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, foi promovido pela Fundação de Serralves, em parceria com a Junta Metropolitana do Porto, a Casa da Música e a Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense, e teve como missão concretizar uma visão para o sector das Indústrias Criativas para a Região Norte de Portugal. É na qualidade de pensamento político oficial que o seu Relatório Final se apresenta na presente análise, como ferramenta de confronto, enquadramento e projecção futura do lugar.

O documento reconhece quer a importância da produção criativa para a economia e o futuro das regiões, quer o informalismo e espontaneidade onde as iniciativas mais válidas e surpreendentes surgem. O tecido económico reconheceu há muito a importância dos

•
47. <http://www.serralves.com/gca/?id=3070>. O relatório final deste estudo está disponível online.

recursos expressivos que se geram espontaneamente nas contracorrentes obscuras e até ilegais. É o próprio paradigma do consumo a colocar os seus destinos na criatividade do consumidor, desde que devidamente apropriada: Naomi Klein, no seu livro *No Logo*⁴⁸, refere agências “caça-talento” dedicadas a trazer para o círculo corporativo e mediático essas novas descobertas expressivas; recentemente, na área da publicidade, a publicação multi-plataforma *Advertising Age*, de grande projecção mundial nas áreas da publicidade e dos media, elegeu o consumidor como a melhor agência do ano em 2007; como exemplo já histórico temos o Hip-hop como expressão periférica que passou a funcionar como “motor” da indústria musical norte-americana. Até a criatividade colocada espontaneamente a circular na Internet se torna negócio concorrente com as grandes indústrias do entretenimento. Mas convém olhar para este último caso com maior detalhe. Vemos, neste meio, o vídeo amador a funcionar como alternativa interpretativa e expressiva independente e, simultaneamente, a criar novos impérios do negócio de massas, como é o caso do YouTube. Na Internet, é especialmente crítica esta convergência da expressão individual e da massificação, da invenção e da reprodução, do marginal e do institucionalizado. Passada a fase do acesso reservado à Internet, em que apenas os nichos tinham expressão, a dinâmica entre os dois mundos tornou-se inevitável e natural. É para esta condição de convergência que importa trazer o caso do CCStop.

A articulação de criatividade e economia é problemática, antes de mais, ao nível semântico. Enquadrar as iniciativas criativas como indústrias é um paradoxo formalizado na expressão “modelos de negócio inovadores”. Quando a ideia de inovação é estabelecida como objectivo, o próprio termo “modelo de negócio” parece fechar as possibilidades. Na base de um resultado inovador, seja ele um negócio ou outra coisa, está a resposta a um desafio de vida, a uma experiência única que se radica nessa mesma inovação. Os modelos são instrumentos processuais que apenas revelam utilidade na condição de serem permanentemente questionados e periféricos, sob pena de ignorarem o próprio efeito transformador. Quando se trata de inscrever no âmbito do percurso cultural de uma comunidade, não é possível desviar o centro das essências mais profundas e legítimas. O epíteto “modelo de negócio inovador” pode assentar bem no comércio de um bem utilitário, sem que este seja obrigatoriamente parte das indústrias criativas tal como elas são aqui definidas. E, naturalmente, o negócio do

•

48. KLEIN, Naomi – *No Logo*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2002. Tradução de: Pedro Miguel Dias. ISBN 972-708-673-X.

mesmo bem utilitário pode fazer a sua inscrição no trajecto cultural de uma comunidade. Quando se fala de criatividade, fala-se, de facto, desta capacidade de influenciar um percurso cultural e, aqui, persistir nos modelos pode ser persistir no equívoco. O mesmo documento acaba por relativizar os modelos: ...“muitas estratégias de desenvolvimento urbano com base no turismo cultural têm enfrentado grandes críticas. Algumas cidades e regiões começaram, deste modo, a procurar modelos alternativos: a Criatividade tem-se tornado uma das maiores apostas.”⁴⁹ Recorde-se o relato que tem vindo a ser feito sobre a armadilha dos formatos externos a que a produção musical do CCStop se tem maioritariamente sujeito.

A leitura do Relatório foi feita com o ponto de vista centrado no CCStop. Por seu lado, o Relatório flui todo de uma perspectiva político-económica. A diferença de perspectivas solicita uma articulação, apesar das muitas confluências de missão.

Por um lado, fala-se de aproximar a cultura à economia, “reconhecendo que a criatividade, o conhecimento, a inovação e o acesso à informação são os motores de desenvolvimento no mundo global”; por outro, o discurso aponta sistematicamente o objectivo do sucesso económico como o ponto de convergência das medidas e do próprio estudo, o que não traduz obrigatoriamente a ordem estrutural dos actores visados. Por um lado, fala-se de perscrutar e mapear as emergências criativas e culturais; por outro, **o CCStop – seguramente próximo do topo de uma lista de concentração de projectos criativos – não é mencionado.** O inventário passa rapidamente pelo Grande Porto para se fixar no Centro Histórico do Porto e no eixo já mediático e institucionalizado Baixa – Casa da Música.

A análise tem vindo a acentuar como a perspectiva fechada do mercado e do negócio se torna promotora dos formatos e avessa ao risco. Trata-se de cativar as audiências segundo formatos específicos para garantir a segurança e a previsibilidade do negócio. Com esta perspectiva, qualquer acção se destina à cristalização e a ignorar os contextos essenciais à criatividade. É visível, no CCStop, a sobreposição quase sistemática entre o talento criativo e a marginalidade que roça muitas vezes a indignação. O facto observa-se não especialmente no todo, mas em muitos dos actores em particular. Percebe-se facilmente como as propostas musicais mais respeitadas traduzem maiores rupturas e provêm dos actores que introduziram na sua própria narrativa um corte mais drástico com a ordem social vigente.

•
49. Cita-se aqui o mesmo relatório final disponível em <http://www.serralves.com/gca/?id=3070>.

Em oposição, a produção destinada a satisfazer premissas de mercado comprovadas (como, por exemplo, limite uma canção destinada à série “Morangos com Açúcar”) parece resignar-se ao consumo como realização virtual e suficiente.

Nesta mecânica, as margens criativas acabam por funcionar como provedores de matéria que nunca chegam a beneficiar da sua produção. Para inverter esta lógica, uma “ecologia criativa”⁵⁰ que não queira encerrar a sua história à partida terá que saber inverter a ordem de valores e colocar o lucro como consequência e não como farol primeiro e único. É que, possivelmente, a virtualidade das respostas ao nível político e económico também se arrisca a sofrer da mesma postura acrítica que se assinalou nas práticas musicais. A discussão tem que se desviar dos modelos para os contextos e as experiências de facto, forçando uma posição externa, inclusivamente, ao modelo social vigente, altamente contaminado pela economia de mercado. Reportando ao CCStop, é à experiência tangível e genuína da sala de ensaios que interessa regressar, para daí voltar a lançar propostas. No Relatório Final citado, esta revela-se a maior dificuldade, porque a inércia de todo o sistema vigente impele em sentido contrário. Ao mesmo tempo que se referem os contextos e as especificidades da actividade criativa, permitem-se abordagens semânticas que, indicam a sua submissão. Vejam-se as características definidas como desejáveis para os actores deste *Cluster*:

Os empreendedores criativos

- Demonstrem real interesse em construir uma empresa e não apenas um feito artístico baseado em projectos individuais;
- Focalizem-se em descobrir e proteger o valor comercial dos conteúdos criados e demonstrem possuir uma clara vantagem competitiva que produza valor para potenciais investidores;
- Procurem adoptar práticas de negócio e gestão tão boas como as de outros sectores.

Os Investidores Privados

- Reconheçam as elevadas taxas de crescimento do sector e o seu potencial emergente para a geração de significativos retornos comerciais;
- Reconheçam que se trata de um sector em desenvolvimento, que pode beneficiar no futuro de informação, conhecimento e aconselhamento, particularmente se baseados na experiência de outros sectores mais estabilizados;
- Ganhem familiaridade com o sector e identifiquem o potencial de elevado crescimento através do estabelecimento de redes com negócios criativos.

Desde a expressão “feito artístico baseado em projectos individuais” às próprias categorias “empreendedores criativos” e “investidores privados”, o casamento dos universos

•

50. Expressão usada no mesmo documento.

mostra-se ainda em formação, porque ele não será possível senão num verdadeiro regime de sala de ensaios, onde os equilíbrios se esgrimem reportando à realidade social e não sendo pressionados pela sua cristalização, e onde o talento e o treino técnico exercitam possibilidades no início de um trajecto destinado a determinar a esfera pública e a cultura de um modo genuíno. O mapa da actividade criativa no Centro do Porto que, por força de uma linha de fronteira artificial e determinada por ideias instaladas, exclui uma realidade como o CCStop, não contribui para este tipo de regime criativo.

Em todo o caso, reafirma-se que as essências coincidem. Quando se promove o cruzamento de universos científicos, empresariais e académicos, ou quando se fala na necessidade de todo o potencial criativo existente reverter para o bem da comunidade de um modo muito mais efectivo, o que implica sensibilidade e preparação técnica concretizadas em práticas novas, está a dar-se indicações coincidentes com as que decorrem da observação feita no CCStop. O nível semiológico, o nível económico ou o nível expressivo revelam-se interdependentes e partilham os mesmos dramas. Se um projecto criativo não se reger pelo próprio acto de criar, entra em contradição. Se um projecto criativo não reverter para o bem comum, não cabe no sentido social. Entre uma indústria que se concentra em retirar lucro da actividade criativa e uma prática expressiva que abdica do seu potencial alcance, poderemos tentar responder à pergunta: que expressões podemos testar e configurar como resposta nova e válida às novas e velhas ânsias da nossa comunidade?

É necessário salientar que o CCStop não é (apenas) o recurso de pessoas com menos talento, um centro de produção dedicado à reprodução de estereótipos ou um mero escape de fim-de-semana musical. Este lugar é opção para quem funciona com padrões próprios que carecem de lugar e, em todo o caso, de um sentido comunitário simultaneamente mais largo e mais local. Apostas que apontam novas estruturas, como a dos OliveTreeDance, pesquisas empenhadas em novas abordagens musicais através da re-mistura de idiomas musicais e de novos sentidos para o espectáculo, como é a da Fábrica de Sonhos, e até iniciativas de enriquecimento da nova conjuntura como a loja, os estúdios ou o fabrico de guitarras apontam caminhos. O estado constante de abertura a outras lógicas é o ponto-chave do CCStop, que se define no próprio processo de reconversão do Centro Comercial.

No entanto, importa incrementar as escalas: internamente, a atitude de pesquisa pode tomar um peso maior no espectro das práticas ligadas à música; perante o exterior, a comunidade do CCStop tem oportunidade para encontrar interlocutores aptos a um confronto frutuoso, próximo do contexto de génese criativa da sala de ensaios; o espírito de abertura deve incluir contributos externos que reflectam sobre os processos de radicação social das produções, dos quais o negócio da música é uma parte ou um resultado.

Na última fase do trabalho de campo, foram entrevistadas personalidades ligadas a instituições-chave do espectro cultural da cidade. Especialmente naquelas que envolveram responsáveis da Casa da Música e da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE) foi evidente, por um lado, o reconhecimento da energia e do potencial do lugar e, por outro, a pressão para que existisse um qualquer processo de institucionalização que dotasse a comunidade de uma voz única. Será este um dilema a resolver, pois esta necessidade trazida pela lógica social externa não pode destruir o que queremos preservar. Não está em causa, obviamente, cristalizar os comportamentos actuais; bem pelo contrário: trata-se de os fazer crescer preservando e acalentando o contexto favorável à criatividade onde têm que valer, a todo o custo, a liberdade de expressão e iniciativa individual, a possibilidade de confrontação e organização espontânea e ainda um generoso espaço para a subversão. Mas a comunidade terá obrigatoriamente que resolver este enigma, pois é também nos cruzamentos locais que pode expandir as possibilidades de pesquisa e, em última instância, encontrar a resposta para o seu momento de crescimento.

O contributo visual para a identidade de um lugar assim presta-se mais a um trabalho de Design da Imagem do que a uma abordagem de identidade corporativa clássica. Trata-se, na realidade, de:

- reflectir sobre os processos sociais e as suas traduções em imagem;
- estabelecer uma relação entre a memória, o presente e o futuro do lugar que radique uma narrativa própria;
- reflectir e intervir sobre a Imagem ligada à prática musical, seja como participante no processo e resultado criativo, seja como portadora de valor simbólico.





Metodologia

Frequentemente estabelece-se uma equivalência entre metodologia e o conjunto de técnicas, usadas ou disponíveis, numa dada ciência. Pensamos antes que a metodologia corresponde a um corpo misto de conhecimentos onde se interligam, para além das técnicas próprias de uma disciplina científica ou apropriáveis por ela, elementos teóricos e epistemológicos subjacentes quer àquelas quer à prática no seu conjunto da investigação disciplinar,⁵¹ de modo a traçar a lógica de aproximação à realidade.⁵²

Qual o interesse de separar e nomear tribos, achar a média de ensaios semanais das bandas, ou achar o elemento gráfico mais utilizado na identidade de bandas de rock, se estas ou outras classificações não surgirem submetidas à narrativa do todo, em concordância com a sua lógica interna mais do que com as suas estruturas aparentes? Não é aceitável reduzir o Stop a uma espécie de reserva natural, facto exótico conservado para a observação e sistematização dos curiosos, sustentadas no ponto de vista externo. Se o Stop é externo, afinal, quem observa quem? Quem é exótico para quem? Aceita cada sujeito ser esquartejado segundo uma grelha generalista? O que legitimamente se aproxima de uma ordem e de um entendimento é a procura de um modo de relação com

•
51. O autor remete aqui para PEDRO DEMO, *Metodologia Científica em Ciências Sociais*, S. Paulo: Ed. Atlas, 1981, sobretudo p. 7-11 e 55-64.

52. ESTEVES, António Joaquim – A investigação-acção. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 252.

o Stop (ou, se quisermos ser mais ambiciosos, “no Stop”), e não um modo de organizar a realidade ela mesma. Esta consciência é mais fácil de escrever do que de praticar. É necessário, no mínimo, tempo.

Estabelecer uma relação é intervir numa imagem, ou melhor, nas imagens recíprocas dos intervenientes. Nesta tarefa, qualquer tentativa de rigor terá que procurar ultrapassar o limite dos vocábulos, conferindo ao discurso as possibilidades de interligação que permitam ao leitor edificar uma complexidade comparável à realidade estudada. Deduções lógicas, teorizações, ou abstracções deverão, mais do que fechar as leituras, revelar as pontas segundo uma estrutura que facilite a criação de conjectura, de complexidade por parte do leitor. O todo não pode ser nomeado, apenas rodeado, alimentado. Quando Gao Xingjian afirma que “é sob a máscara da ficção que se pode dizer a verdade”⁵³, parece remeter não só para o uso da narrativa ficcional ou para uma eventual situação de censura, mas também para a condição fragmentária da própria linguagem. Isto é Design da Imagem.

A comunidade científica, supõe-se, aproxima-se, na sua vida organizada, da “situação linguística ideal” que para Habermas encerra quatro condições típicas: recusa da violência, eliminação de barreiras entre linguagem pública e privada, reconhecimento da possibilidade de problematizar os símbolos tradicionais e regras do discurso e, por fim, igualdade de oportunidade para falar. É neste contexto que a comunidade científica enfrenta o primeiro problema-desafio: o entendimento da “racionalidade” e, dentro deste, da cientificidade.⁵⁴

Qual é a abordagem linguística ideal para comunicar a realidade do Stop? Quais as condições a impor neste discurso? Habermas aponta para um contexto de verdadeira liberdade linguística. É este o ponto de partida para algumas linhas de orientação, seja desta dissertação, seja das acções seguintes.

- As tipologias de leitura e tradução do objecto são as principais fontes de sentido no contexto de uma determinada acção. Por isso, qualquer redução da realidade do Stop ao esartejamento indexado e fechado de significantes e significados será considerada opressiva e contraproducente. Em acordo, todo o discurso fará por deixar sempre em aberto o espaço dos outros pontos de vista.

•

53. Gao Xingjian citado no *Público* de segunda-feira, dia 4 de Agosto de 2008, P2. p. 3, rubrica “Escrito na pedra”.

54. ESTEVES, António Joaquim – A investigação-acção. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 259.

- Todo o discurso e toda a acção se destinam a uma partilha efectiva por parte de todos os interlocutores, os primeiros dos quais são os residentes no Centro Comercial Stop. Por isso, a interpretação do texto não pode depender de uma qualquer preparação técnica especializada e a participação em acções não pode conduzir a alienações de qualquer ordem.
- Adopta-se como primado de toda a acção aquilo que se considera, até proposta em contrário, a energia vital do Centro Comercial Stop: a liberdade. Esta liberdade manifesta-se antes de mais pela problematização das regras e dos códigos.

Perfil metodológico

Neste sentido de aproximação ao papel da linguagem e ao pôr em evidência as estruturas produtoras de sentido, a actividade do Designer aproxima-se da das Ciências Sociais, o que pode traduzir-se não só no recurso ao seu corpo de conhecimento, indispensável justamente na medida do seu papel sociocultural (aliás como vai sendo reconhecido desde longa data nos currícula dos cursos universitários), mas principalmente na partilha de um problema basilar que é o da relação do investigador com a sua matéria. Temos a fatalidade comum de fazermos parte da matéria investigada, porque esta é sempre, em última instância, matéria humana. Por um lado, fica desde logo evidente a existência de um ponto de vista, o que relativiza os resultados. Por outro, a interferência do investigador na sua matéria de estudo não é um factor descontável nos resultados mediante fórmulas e cálculos. **A interferência do investigador na sua matéria de estudo é a sua metodologia e o seu objecto.** Poderemos reconhecer e aprender com uma prática científica das Ciências Sociais que apresentam já uma prática e um corpo de conhecimento registado muito substancial.

A metodologia que se propõe recolhe o contributo de várias abordagens das Ciências Sociais, mas tenta envolvê-las naquilo que é o seu ponto de vista legítimo e, conseqüentemente, o seu contributo ímpar no conjunto das abordagens possíveis.

António Joaquim Esteves fala da investigação na/pela acção, também denominada **investigação-acção participativa**, distingue-a da **observação participante** e contrapõe

a estas duas a **observação militante**⁵⁵. As duas primeiras apresentam-se como favoráveis à captação da subjectividade através de uma presença prolongada no terreno. Mas enquanto a observação participante assume as transformações no objecto de estudo como inevitáveis, leva-as em conta, mas estas não são o seu objectivo, a investigação-acção coloca essas transformações como sua razão de ser. A terceira é apresentada como um exemplo de posicionamento na fronteira das duas:

Entendo por isso uma verdadeira síntese entre o estudo do processo de mudança social e a participação nesse mesmo processo. Mas não, como tantas vezes acontece, do ponto de vista do administrador, de um manipulador externo ou do visitante participante mas passageiro (variedade comum do antropólogo aplicado). Seria, pelo contrário, uma participação que se situaria mais ao nível do organizador político, do agitador social (no sentido mais nobre desta expressão já gasta) ou do “peixe na água” para retomar a metáfora chinesa adequada. Assim, acção e investigação associar-se-iam no intuito de melhorar o conhecimento e de contribuir para a mudança.⁵⁶

O exercício de observação sobre o CCStop acha-se em viagem entre os vários lados da fronteira. Ele visa a recolha de informação que **poderá** ser conducente a acções, enquanto assume obviamente a recolha desde logo como acção/provocação. Voltando a António Joaquim Esteves:

Bronfenbrenner visa com a sua proposta deslocar a investigação psicológica do “laboratório” para o “quadro da vida real”, no contexto de um “modelo ecológico” e dando cumprimento ao conselho do seu mestre W. F. Dearborn: “Se queres compreender uma certa realidade, procura mudá-la”. A uma metodologia imbricada na questão “o que é a realidade” ou “como é que a realidade se tornou o que é?” contrapõe-se uma outra conduzida pela questão “como é que a realidade se pode tornar no que ainda não é?”.⁵⁷

Sendo que a resposta a esta última pergunta tem que ser dada, em última instância, pelo próprio objecto. É importante que fique claro que, quer na presente investigação quer nas acções sequentes, não existe cliente (isto é uma constatação à parte de qualquer discussão sobre a legitimidade da investigação ao serviço de interesses particulares). É o objecto que tutela e é para ele que devem reverter os resultados da investigação. Esta dedica-se antes de mais à participação, ao registo e à identificação de perguntas num processo sem dono, sem posse, sem valor de troca. Repare-se que o problema

•

55. ESTEVES, António Joaquim – A investigação-acção. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 251-278.

56. STAVENHAGEN, R., Comment décoloniser les sciences sociales appliquées. In COPANS, J. (org.), *Anthropologie et impérialisme*, Paris, Maspero, 1975. p. 417, citado em ESTEVES, António Joaquim – A investigação-acção. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 270.

57. ESTEVES, António Joaquim – A investigação-acção. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 255.

inicial levantado não reporta ao objecto em si, mas ao desconhecimento sobre ele. Este não pode ser o cavalo de Tróia dentro do qual seguirão um conjunto de premissas colonizadoras completamente desadequadas e que eliminariam qualquer chance de retirar deste reconhecimento o que nele pode ser realmente novo. Por outro lado, assumir uma posição neutra de não interferência não nos envolve na realidade ao ponto de a conhecermos de facto, nomeadamente de entrarmos na sua subjectividade.

Teremos assim uma linha de orientação metodológica que:

- Assume o objecto de estudo dentro de um predomínio subjectivo e simbólico;
- Assume a investigação como uma pesquisa de terreno assente em sequências de acções/provocações que têm a dupla missão de captar o objecto na sua subjectividade e de testar na prática a sua real apetência para processos de introspecção, extroversão e mudança (tal como agitar a poeira nos permite simultaneamente observar o pó, o vento, a luz e o resultado da sua interacção);
- Assume o investigador na posição do agitador, na consciência de que, como tal, provocará simplesmente eventos esporádicos cujo resultado dependerá maioritariamente das forças presentes no contexto, recusando assim sistematicamente o papel do manipulador, do administrador ou até, no limite do possível, o de organizador;
- Não obstante, o mesmo investigador assume a possibilidade de, na medida de um conhecimento aprofundado e envolvimento reconhecido, encontrar sequência na participação em iniciativas ditadas pelo objecto na sequência do seu próprio processo reflexivo e das circunstâncias que entretanto forem inevitavelmente surgindo. Estas sequências não têm obrigatoriamente de assumir uma ordem temporal, ou seja, o trabalho de observação pode prosseguir enquanto acções estão já a ser tomadas na sequência de resultados e integrações anteriores;
- Assume que os consensos serão sempre impossíveis como acto de respeito pela diferença. Assim, quer as acções/provocações quer quaisquer outras acções que surjam em sequência desta investigação não poderão ficar reféns de uma unanimidade impossível;

- Assume que tais processos se poderão dar nos vários níveis organizacionais, desde os dilemas individuais até à relação do CCStop com o exterior, seja ele a vizinhança, a cidade ou o mundo;
- Assume que o contributo para o corpo de saber científico será feito antes de mais pela revelação de factos respeitando a sua natureza subjectiva (**investigação**) e também através da reflexão sobre os procedimentos adoptados, submetida a uma perspetivação dos seus resultados (**inovação**);
- Assume ainda que a persecução de um processo deste tipo numa disciplina como o Design da Imagem pode contribuir para a **formação de competência** na sua abordagem a realidades sociais. Ficariam assim cobertos os três tipos de objectivos propostos por António Joaquim Esteves.⁵⁸

Mas – digamo-lo directamente – [a observação participante] é um método violento. Violento, para quem começa a ser observado; violento, para quem observa. É uma relação onde a suspeita etnocêntrica é normalmente introduzida. E, para acabar com a suspeita, o investigador de campo é ritualmente introduzido, pelo grupo que estuda, dentro desse mesmo grupo.⁵⁹

O problema da delimitação do objecto

A escolha do objecto deverá evitar ser, já em si, um acto artificial inadvertido. Ela não pode corresponder ao seu isolamento, sob pena de deixarmos o ciclo linguístico incompleto. O recorte do objecto serve condicionantes de carácter operativo (delimita um campo de acção, foca o problema, o discurso e o exercício, demonstra a sua validade...), mas necessita de um movimento de retorno à continuidade do todo sob pena de operarmos sobre uma ilusão de realidade. Ao recortar, que quantidade de contexto deixo de fora? Qual o papel do ponto de vista global – em que o objecto aparece inserido no seu contexto – e da aproximação que expõe o detalhe isolado? A fotografia, por exemplo, insinua que o detalhe se torna facilmente algo de meramente formal, quando a privação do contexto equivale à perda de sentido. Esta perda solicita compensação, solicita algo

58. ESTEVES, António Joaquim – A investigação-acção. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 271.

59. ITURRA, Raúl – Trabalho de campo e observação participante em antropologia. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 157.

novo e válido que surja com essa descontextualização, com essa nova escala. Por vezes, uma nova escala contém em si a outra e acrescenta, assim, sentido ao todo. Noutras, a nova escala exige uma autonomia própria. Neste sentido, declara-se a necessidade de focalizar um conjunto de escalas do objecto que assegurem quer a penetração na complexidade do objecto quer a sua visão integrada.

O que se procura revelar

Diga-se que a descoberta não é o bizarro exótico, mas sim o que necessita de ser mostrado para que as linguagens se encontrem com a realidade, apesar de qualquer formatação mediática de segundo, terceiro ou quarto grau. Fazer cair os formatos tradicionais de mediatização deverá ser uma consequência de novos processos. Por isso, a intenção não é fazer algo semelhante a uma retrospectiva ordenada dos grupos que ocupam o Centro Comercial, mas sim explorar a potência da matéria escondida através de uma aproximação, de uma intimidade inusitada. O procedimento será o do fotógrafo que se envolve com a comunidade até que o dilema dos actores sociais – que é antes de mais um dilema de edificação de uma imagem, de uma identidade, seja ela individual ou de grupo, perante um estranho, uma câmara ou um gravador – até que este dilema, dizia-se, passe a um estado de domínio por parte de todos os intervenientes no qual deixe de se constituir como um excesso accidental de mediação. De que outra forma seria possível? É o mergulho em conteúdos invisíveis que conduzirá, no futuro, a uma experimentação dos formatos e do seu potencial semântico.



A investigação no terreno

Opções metodológicas operativas

Changing Order, according to Harry Collings, involves irrationality, craftsman's knowledge, negotiating reality rather than hypothesising about it, above all tacit knowledge rather than propositional knowledge (...).⁶⁰

Já ficou estabelecida esta investigação como uma pesquisa de terreno. Neste tipo de pesquisa, o "principal instrumento de pesquisa é o próprio investigador e os principais procedimentos são a presença prolongada no contexto social em estudo e o contacto directo, em primeira mão, com as pessoas, as situações e os acontecimentos"⁶¹.

António Firmino da Costa, ao enunciar um "primado epistemológico da pesquisa de terreno"⁶², começa por reforçar a primazia da presença do investigador e da observação directa e prossegue estabelecendo-lhe quatro condições: 1) a gestão da questão da interferência, 2) a possibilidade de recolhas em múltiplas dimensões – que, devidamente

•
60. FRAYLING, Christopher. *Research in Art and Design*. London: Royal College of Art, 1993.

61. COSTA, António Firmino da – A pesquisa de terreno em sociologia. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 137.

62. Idem. p. 141-143.

confrontadas, analisadas e integradas proporcionam um “efeito de redundância” e portanto de despiste do erro, 3) o “efeito de saturação” que se serve da exaustão da recolha para garantir que a realidade fica suficientemente coberta e, finalmente, 4) a possibilidade que o investigador tem de, “informado pela organização conceptual da epistemologia e das teorias científicas”, associar recolhas de discursos dos actores (por exemplo, em entrevista) à observação directa dos seus comportamentos e da sua materialização num determinado universo simbólico.

1) **A gestão da questão da interferência.** O sujeito apresenta-se como habitante do Centro Comercial Stop, frequentador do CCStop desde 1996 como membro activo da banda Repórter Estrábico mas que, no início do trabalho, não tinha contacto com qualquer outro habitante do Centro Comercial à excepção dos seguranças e funcionários de balcão. Apresenta-se ainda como designer de comunicação há 19 anos, quase exclusivamente dedicados à prática no seio do chamado tecido industrial e comercial (por oposição à tradicionalmente chamada área cultural, mas salvaguardando a dose cultural da indústria e do comércio, assim como a dose industrial e comercial da cultura). A dupla qualidade de membro e estranho exigirá um duplo movimento: de afastamento em relação ao familiar, para que ele possa ser observado em toda a sua extensão e contexto, e de aproximação ao que se depara como exótico, para o desvendar na sua complexidade. Seja como for, a questão da identidade do investigador perante a comunidade está resolvida à partida uma vez que este já faz parte. Apenas o papel da investigação necessita de solução. A pergunta que se imagina por parte dos habitantes do CCStop é: “Por que razão uma pessoa que ensaia aqui há 12 anos, que nunca esboçou qualquer gesto de relacionamento, de um momento para o outro, começa a deambular por aqui, a fazer perguntas e a intrometer-se?”

Esta é a pergunta que não pode ser respondida com discursos impenetráveis sobre os grandes desígnios do Design da Imagem. É necessário um ponto de partida, uma primeira agitação da poeira que permita ao investigador incluir-se no habitante no seio da comunidade. Este ponto de partida deve ser alavanca para a desejada captação dos acontecimentos, das rotinas, das histórias, das vontades, das utopias.

2) **O despiste do erro através da multiplicidade de recolhas.** Os tipos de informação dependem muito da capacidade do investigador para, fazendo uso do seu estatuto de

membro da comunidade e no decurso das suas incidências, accionar as provocações, as presenças e os mecanismos de registo que permitam a sua diversificação. Será sempre a evolução das relações pessoais e a provocação (espontânea, premeditada ou organizada) das oportunidades que ditará essa diversidade: entrevistas marcadas, visitas informais às salas de ensaio, encontros fortuitos no café, na rua ou num concerto, participação em actividades, solicitação de serviços, registos de imagem e som, são vias possíveis de diversificar a recolha. Aqui se demonstra a alta influência do investigador e do seu papel nos resultados. Será necessário não só agir dentro do Centro Comercial como viajar para o exterior e aí também procurar a diversidade dos pontos de vista, seja na rua, junto de observadores externos potencialmente interessados, ou mergulhando na Internet.

3) **O efeito de saturação.** A partida para o terreno recusa qualquer estabelecimento prévio de categorias ou amostras redutoras e aposta exactamente na exaustão da recolha. Considera-se esta uma das condições essenciais para a fidedignidade da Imagem, ainda com a ressalva de que a realidade nunca estará suficientemente coberta. Pura e simplesmente acaba algures a capacidade para a abarcar e é necessário delimitar artificialmente o interesse.

4) **Análise utilizando a associação entre recolhas organizadas e observação directa de comportamentos.** Todos os tipos de análises estarão sempre submetidos à problematização das regras e dos códigos e à procura de estruturas de representação que respeitem a ambivalência do simbólico. Quer isto dizer que se recusarão à estereotipagem ou à decomposição artificial e unidireccional de significantes e significados.

De qualquer modo, não são exigidos nesta fase nem um efeito de saturação, nem um despiste do erro, nem uma análise sistemática, mesmo que relativizados por imperativos teóricos, porque: 1) não há tempo e logo não há exaustão nem diversidade – não esquecer que a presença prolongada no contexto social não equivale a dois meses de trabalho esporádico mas sim a um ou dois anos de trabalho regular; 2) qualquer sistematização terá que ser cuidadosamente levada a cabo sob o edifício teórico pelo qual se orienta o presente trabalho – mesmo que este edifício venha a ruir, terá que ser a acção no terreno a ditá-lo).

Categorização

Privilegia-se um registo aleatório e até caótico, guiado pela evolução do estatuto do investigador no seio da comunidade e pela hibridez das unidades no seio do objecto. Que outra postura poderia respeitar os princípios já enunciados? Não será uma postura completamente aberta a única capaz de captar novas ligações, chegar a outros níveis de organização? Não, portanto, ao alimento da discriminação dos géneros musicais, das formas de vestir, das classes sociais, das proveniências geográficas e sim à identificação dos modos de operar, sim ao seu contributo para uma matriz genuína de funcionamento, e sim a uma categorização mínima sustentada na evidência: Projecto, Música, Centro Comercial e Cidade.

Análise

Para navegar na realidade evitando níveis excessivos de mediação e permitir que a permanência no terreno marque o ritmo das análises, das acções, das traduções e das decisões, é necessário gerir, quer as expectativas de resultados, quer o factor “tempo”, sob pena de precipitarmos o nível de abstracção que o próprio objecto nos oferece e assim cairmos na armadilha que queremos evitar. Por isso, a circunscrição do presente trabalho faz-se inclusivamente na própria sequência metodológica e restringe-o à formulação de perguntas e hipóteses. Será então neste sentido que importa dirigir a análise. Tomam-se como elementos de confronto as categorias definidas, Projecto, Música, Centro Comercial e Cidade, mantendo, todavia, a matéria em estado aberto. Importa fazer incidir sobre ela as hipóteses relacionando dados, escalas, comportamentos e tipos de espaço para identificar traços próprios que possam reverter para uma síntese de questões e passos futuros, quer de continuidade da observação, quer de acção no universo do CCStop. Visa-se, a partir dos discursos, indagar sobre as condições da sua produção:

... Henri e Moscovici (1968) falam das *condições de produção de um discurso* ou do *campo de determinação dos discursos*. Para estes autores, a análise de conteúdo não se propõe estudar a língua ou o discurso em si-mesmo, mas caracterizar as suas condições de produção.⁶³

•

63. VALA, Jorge – A análise de conteúdo. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 104.



Evolução da abordagem metodológica: primeiras formulações do investigador⁶⁴

A primeira via que me ocorreu para abordar a observação e recolha no CCStop pode ser apelidada de “Estratégia do Palhaço”. Ela consistia em usar, em todos os meus contactos, um “Chapéu Captador” munido de aparelhos variados de captura de áudio e vídeo.

A estratégia tinha vantagens. Por um lado, todos os registos teriam a unidade formal conferida pelo tipo de captação. Por outro lado, o chapéu permitir-me-ia encarnar um personagem bizarro e com isso poderia superar a minha própria timidez. Abandonei-a, obviamente, mas ela continha já as perguntas certas: como integrar a minha pessoa e o meu papel num contexto social em marcha, e como organizar uma rotina de registo que respondesse às futuras exigências, quer de análise, quer de comunicação do trabalho?

A hipótese do inquérito organizado já tinha sido posta de lado desde o início porque era ainda mais desadequada do que a “Estratégia do Palhaço”. O formalismo do inquérito não seria adequado nem à dimensão do CCStop, demasiado pequena e diversa para admitir ser tratada por via da estatística e da generalização, nem ao seu carácter, que parece alimentar-se precisamente do desalinhamento perante a ordem externa, nem mesmo às orientações teóricas do estudo, que exigem o menor nível possível de mediação e das suas interferências. Mas, pior do que tudo isto, destruiria a reputação do investigador e com ela qualquer hipótese de proximidade e de integração. No CCStop, deixar um formulário para preencher ou mesmo conduzir presencialmente uma entrevista nele baseada parece conduzir apenas a um procedimento bizarro, seco e destinado a ser mal entendido por parte da generalidade dos entrevistados neste universo. Qualquer abordagem deverá ter um carácter exploratório, evitar ser refém de resultados e privilegiar uma evolução ditada pela interacção dos interlocutores. Até o uso de instrumentos de captação de áudio e vídeo, cujo efeito de pressão todos já conhecemos por experiência própria, terá que ser bem enquadrado mas é, mesmo assim, preferível à seta seca do inquérito. A um jogo defensivo, agreste e mal entendido por parte dos interlocutores, contrapuseram-se logo de início as formas do encontro informal e da entrevista aberta ancorada em algumas ideias simples abertas à evolução em função das interacções do momento.

•

64. Compilação e adaptação de anotações tomadas durante o trabalho de campo.

Findas as duas primeiras sessões de trabalho, só posso confirmar as minhas intuições iniciais e levá-las definitivamente a sério. A entrevista deve ter um fio condutor simples, não agressivo, fácil de pedir e responder, de resultado imediato, mas que permita conduzir a conversa no sentido do seu aprofundamento. Esse fio é o mapa. A ideia de fazer um mapa do CCStop que inclua os seus habitantes, a sua produção, as suas permutas, os seus movimentos, as suas frequências permite um encadeamento de perguntas simples, imediatas e capazes de reunir curiosidade e boa disposição em torno da recolha. Por outro lado, a partir do mapa é possível aprofundar cada movimento, cada presença, cada história. O mapa centrar-se-á no momento actual, mas pode também escavar o passado de cada sala e de cada projecto, o que lhe conferirá uma dimensão temporal. Como qualquer outro, e na impossibilidade de abarcar toda a realidade, este mapa terminará nos limites físicos do CCStop, mas indicará as principais vias, destinos e fluxos que com ele se relacionam.

Devo encontrar uma rotina de registos que me permita não falhar nada de crucial em cada sessão e me dê no final a oportunidade de compilar massiva e sistematicamente os registos. Não tenho ainda ideias claras sobre isto, mas avanço uma lista de registos obrigatórios por sessão:

Áudio

Um registo áudio completo, sempre que possível. Ou seja, ligar o gravador no início da sessão e deixar correr até ao fim.

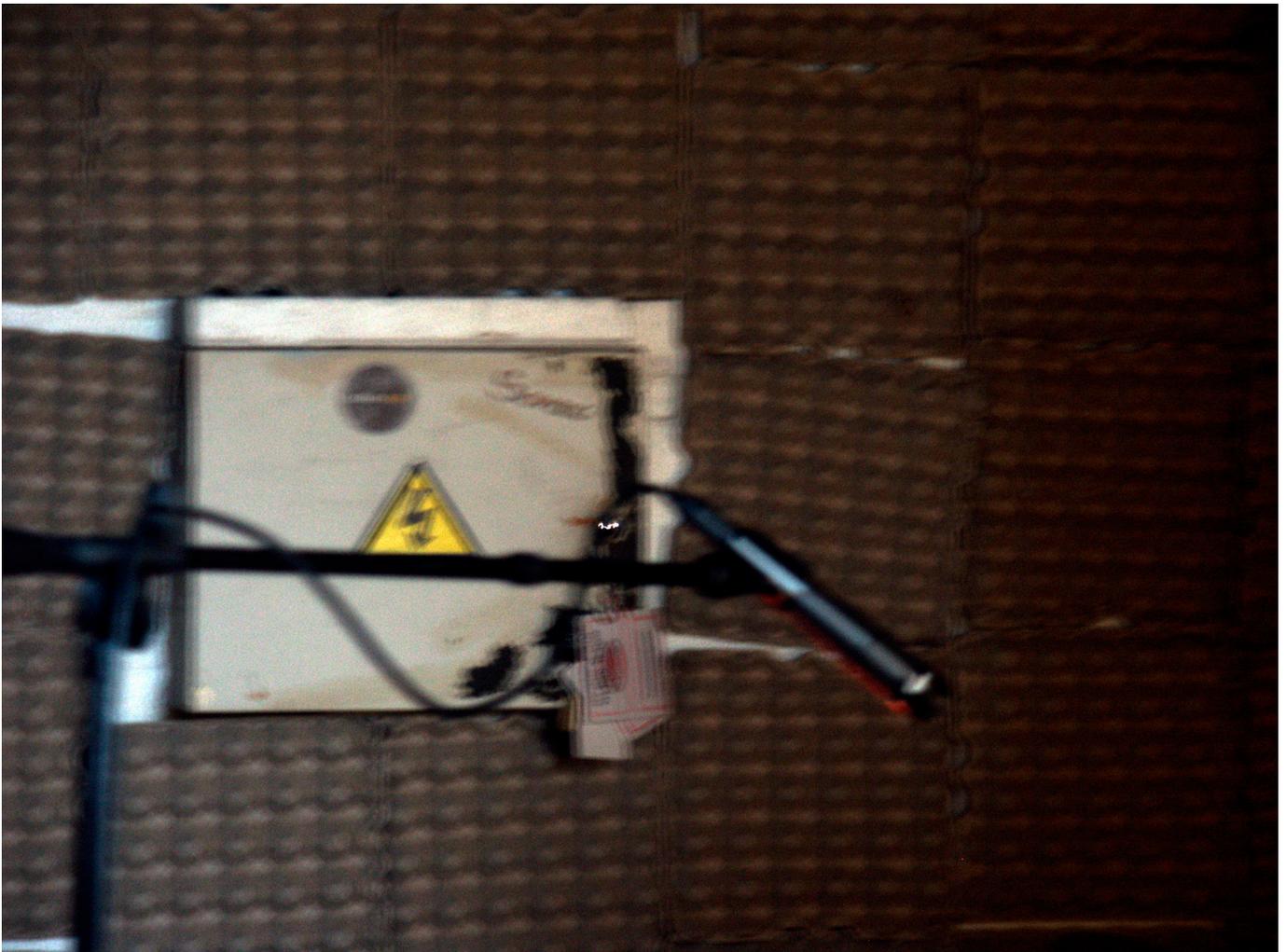
Vídeo

O registo da fisionomia dos presentes, fazendo a sua própria apresentação. Panorâmica geral do interior e do exterior da sala. Momentos da performance musical.

Fotografia

Elementos visuais considerados determinantes da imagem da banda: cartazes, logótipos, crachás, o dístico do bombo, etc. O sofá da sala, no caso de existir. Objectos, instrumentos e ferramentas usados na produção musical. Outros detalhes julgados importantes (olho vivo).

A ordem de trabalhos será então a seguinte:



1. Colocar o gravador áudio, ligá-lo e esquecê-lo até ao fim da sessão, a não ser por necessidades técnicas (mudança de card, pilhas, volume...)
2. Expor a ideia do mapa. Abrir um suporte em desenho (a definir, mas uma folha grande, em branco, e um marcador será suficiente desde que eu consiga manter mentalmente a sistematização) sobre o qual se possam traçar os dados: quem são, quem mais ensaia na sala, quem já ensaiou, que relações existem entre os membros, com projectos de outras salas, para fora do CCStop via Internet, salas de espectáculos, editoras, etc. Fazer todos os registos de modo participado e, de preferência, divertido.
3. Propor um momento de ensaio que permita o registo do som da banda e das suas metodologias de trabalho. Este momento deve ser utilizado para os registos em vídeo da performance.
4. Induzir um momento de conversa onde se possam aferir dos sinais identitários da banda, das suas relações com correntes musicais conhecidas ou escondidas, das suas ânsias de integração em contextos específicos de divulgação e prática musical.
5. Abordar as questões mais sensíveis do desígnio da banda: sucesso?, realização pessoal?, imperativo da alma?, (...) que papel tem a música?
6. Sugerir a apresentação de cada elemento da banda para a câmara de vídeo.
7. Pedir um momento no final para recolha de imagens do sítio, em vídeo e em fotografia, com calma. Se houver pressão de tempo, é preferível marcar outra sessão para completar o registo.

Muito importante: é absolutamente essencial controlar o humor e o ritmo da sessão em cada um dos seus momentos. A desinibição e a boa disposição são essenciais; o ritmo deve ser pausado, sem pressas. Cada coisa com o seu tempo, sem atropelos. Este é um aspecto em que devo estar especialmente atento, já que eu serei a pessoa mais pressionada na altura e portanto com tendência a acelerar a sessão. EVITAR!

Muito importante: Todos os temas mais delicados (nomeadamente os pontos 4 e 5) devem ser colocados na mesa através de perguntas simples e objectivas. Perguntas como "Qual é o vosso desígnio?" ou "Quais são as vossas influências?" ou introduções pseudo-filosóficas dos temas são constrangedoras e quase de certeza confrangedoras,

como já tive oportunidade de confirmar na minha primeira entrevista. Como induzir uma conversa que traga estes assuntos para a mesa? Os temas terão que ser pescados em dados objectivos, do tipo “Ali aquela banda naquele poster quem são?” ou “Disseste que ficaste desiludido com a reacção do público no concerto X. De que é que estavas à espera?”

Evolução da abordagem metodológica: retrospectiva do trabalho de campo

“As situações vão-se sucedendo, quase sempre com escasso controlo por parte do investigador”.⁶⁵

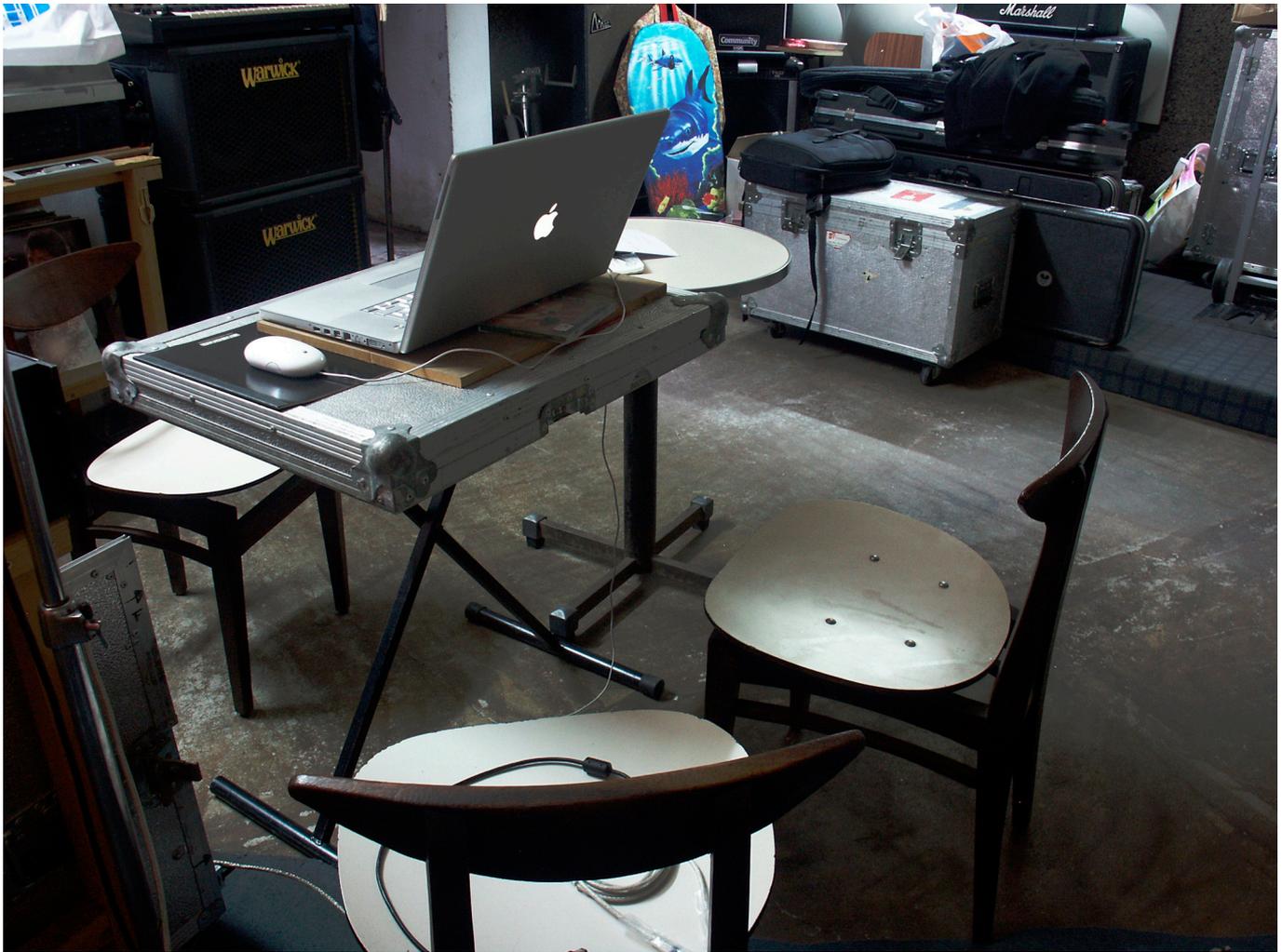
O trabalho de campo organizado teve início efectivo a 19 de Abril de 2008⁶⁶, com as primeiras incursões no Centro Comercial que visavam já o contacto com as bandas e o seu registo efectivo, e decorre ainda no momento deste escrito. A presença mais assídua deu-se entre meados de Junho e meados de Julho, quando foi possível uma maior disponibilidade por parte do investigador. Foram realizadas 41 sessões de contacto pessoal registadas dentro do Centro Comercial, nas quais se contam maioritariamente presenças ocasionais em ensaios, visitas combinadas às salas e entrevistas. Somam-se a estes registos outros feitos no espaço público interior e circundante ao CCStop, um número não calculável de encontros esporádicos ao longo da deambulação pelo sítio, pesquisas na Internet em função das pistas que foram aparecendo no terreno e ainda a presença em oito concertos com a participação de bandas ou músicos ligados ao CCStop. Acrescentam-se finalmente nove entrevistas a personalidades externas ao Centro Comercial, cuja visão foi julgada interessante para a reflexão sobre o sítio e, principalmente, para iniciar um confronto do trabalho com o interesse que poderá suscitar em áreas e actividades adjacentes ou confluentes.

As acções no terreno ganharam uma aceleração definitiva a 19 de Junho, quando, o posto de trabalho da investigação passou a estar no próprio CCStop, na Sala 316, a partir de

•

65. COSTA, António Firmino da – A pesquisa de terreno em sociologia. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 133-134.

66. Ver Anexo 3, *Diário do investigador*.



agora designada como Base. A estadia prolongada no espaço do Centro entre 19 e 28 de Junho⁶⁷ permitiu presenciar e registar ambientes e factos até aí desconhecidos, como sejam a actividade musical durante a manhã e o ritmo das pessoas que lá trabalham para além dos músicos. Foi também neste regime e a horas improváveis da manhã que a Base se viu incluída numa investigação policial às salas alugadas no CCStop⁶⁸, e que se estabeleceu contacto com o antropólogo americano James Beard⁶⁹.

No início do trabalho de campo organizado fora decidida a manutenção de um sistema de notas composto por um diário das actividades e por um registo da evolução das decisões metodológicas sujeitas ao impacto do terreno. Este sistema foi tido como necessário para complementar o conteúdo registado nos aparelhos áudio e visuais, e para manter optimizado todo o processo. A verdade é que a presença no terreno tomou rapidamente estas intenções de ordem e sistematização. Os poucos dias de presença contínua não foram suficientes para dissipar a urgência de deambular pelos sítios e provocar contactos: subitamente, o tempo revelava-se escasso para percorrer um universo que aumenta à medida que nele se entra. Em consequência, a manutenção dos diários começou a escassear e desapareceu. A manhã, inicialmente destinada à ordenação dos registos e aos relatos, foi frequentemente liquidada, quer por noites longas de presença nos ensaios, quer pela morosidade da organização de registos, quer ainda pelas solicitações do objecto mesmo ali ao lado, com vida a registar desde muito cedo. Em compensação, ficou organizado um acervo de registos que permite rapidamente reconstruir histórias, analisar discursos em maior profundidade ou procurar elementos simbólicos que sustentem e representem ideias. Este acervo tem sido especialmente útil na fase de escrita, durante a qual é possível agora re-ouvir entrevistas e ensaios, rever ambientes, confirmar ideias e dados, ou seleccionar citações.

As duas fases do directório

A montagem da Base fora precedida da afixação pública de uma planta dos pisos do Centro Comercial em tamanho gigante na montra da Base, disponível para a inscrição de

•

67. Estas datas coincidem com as férias do investigador.

68. Ver descrição, pág. 30.

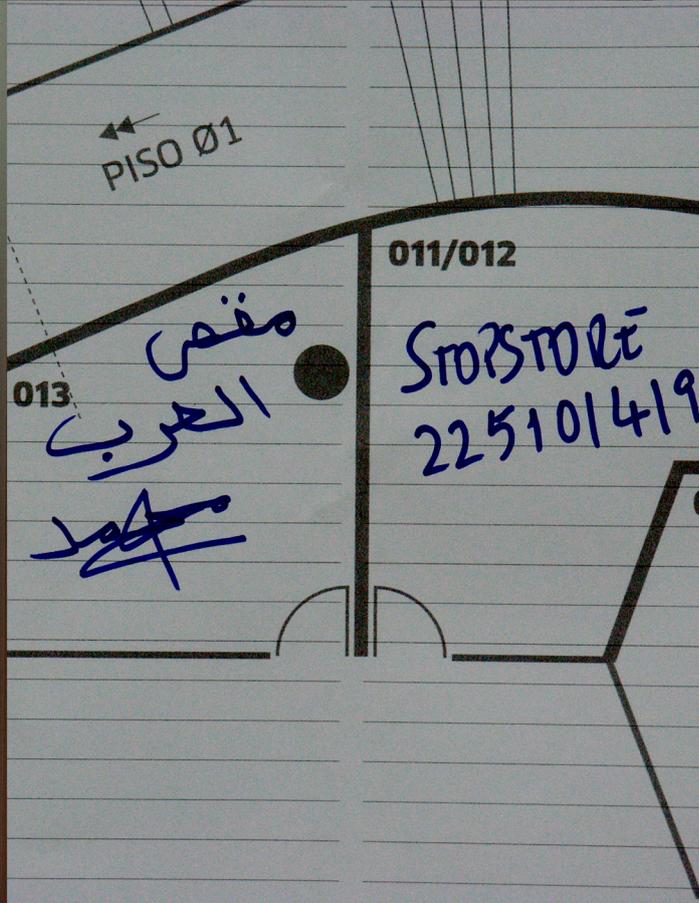
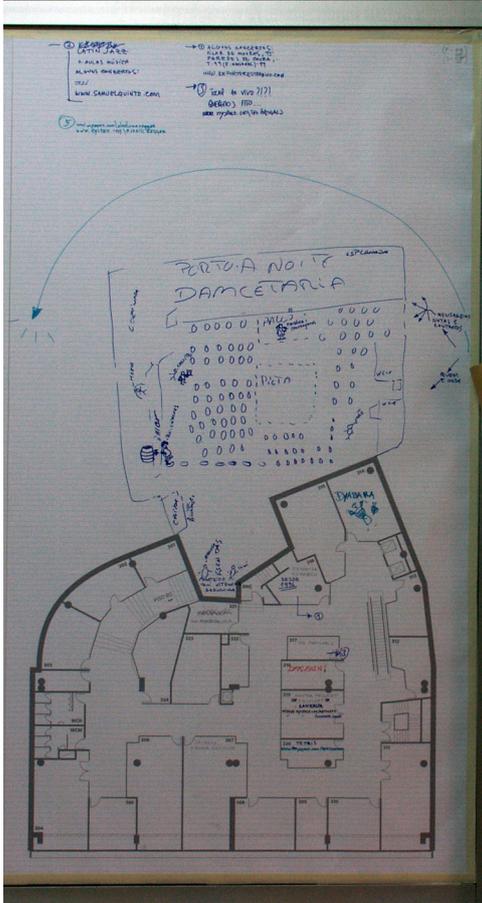
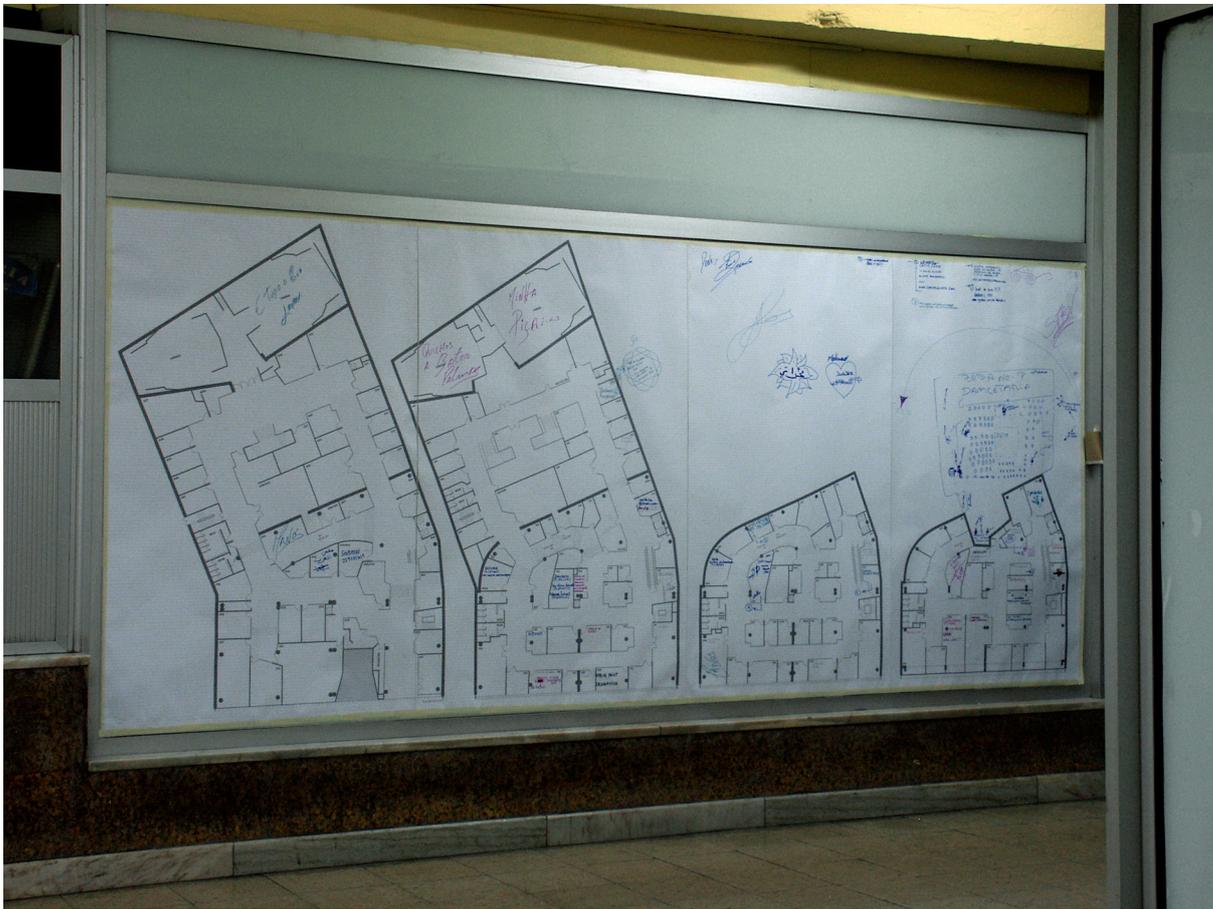
69. Este estudioso aproveitava a sua estadia no Porto dedicada ao estudo de comunidades religiosas para indagar sobre o destino de espaços comerciais relegados para um plano de abandono e marginalidade.

Cronologia de acções no trabalho de campo

- ▲ 20071124 Concerto Tchakare Kanyembe, Alfândega
- 20080419 Entrevista com Pedro Figueiredo, Sala 202
- 20080419 Entrevista com Tetris, Sala 320
- ▲ 20080419 Concerto Nuno Prata, Senhorio
- ▲ 20080424 Festival STFU, Fábrica de Sons
- 20080429 Entrevista e registo de ensaio com Tetris, Sala 320
- 20080501 Entrevista com Soopa, ex-ocupantes da Sala 207
- 20080502 Entrevista com Bruno Silva, Sala 213
- 20080502 Entrevista e registo de ensaio com OliveTreeDance, Sala 204
- ▲ 20080503 Concerto OliveTreeDance, Manif_ProErva, Praça D. João I
- ▲ 20080503 Concerto no Metalpoint
- 20080509 Entrevista com Sr. Freire, representante da administração no Stop
- 20080616 Montagem de Planta Gigante do CCStop na montra da Sala 316
- 20080619 Montagem de um posto de investigação na sala de ensaios do Repórter Estrábico
- 20080619 Entrevista com Edamir, Samuel Quinto Trio, Sala 212
- 20080619 Entrevista com António Vinhas, construtor de guitarras, Sala 11/12
- 20080619 Registo de visita-surpresa de polícias à paisana
- 20080620 Entrevista com André, músico e sócio da Stop Store
- 20080620 Entrevista e registo de ensaio dos The Portugals, Sala 317
- ▲ 20080620 Concerto de Slow Motion Beerwalk+BedNoise+Lulaby, Plano B
- 20080621 Entrevista e registo de ensaio dos EarthRise, Sala 114
- 20080621 Visita e registo dos Noose, Sala 203
- 20080621 Entrevista e registo de ensaio dos Variety Vier, Sala 116
- ▲ 20080621 Concerto Echidna, PortoRio
- 20080622 Entrevista e registo de ensaio dos Dogma, Sala 103a
- 20080622 Entrevista e registo de ensaio do colectivo Original Pressure, Sala 226
- 20080622 Visita à danceteria Porto à Noite
- ▲ 20080623 Concerto Fabrica de Sonhos, Associação...
- 20080624 Visita e registo da sala dos Mandrágora, Sala 321
- 20080624 Visita e registo de "jam session", Sala 207
- 20080624 Entrevista e registo de "jam session" SG SoundSystem
- 20080624 Entrevista com Francisco músico e sócio da Stop Store
- 20080625 Visita e registo de ensaio de jazz, Sala 207
- 20080625 Visita e registo da Sala 313
- 20080625 Entrevista e registo de ensaio dos Secrecy, Sala 306
- 20080626 Entrevista e registo de ensaio dos Slow Motion Beerwalk, Sala 125
- 20080626 Entrevista e registo de ensaio com Paulo "Congas", Sala 134
- 20080627 Entrevista e registo de ensaio da Fábrica de Sonhos, Sala 129
- 20080627 Registo ocasional na Sala 213
- 20080627 Registo ocasional do grupo Y?, Sala 148
- 20080628 Registo ocasional na Sala 114
- 20080628 Distribuição de formulário, Fase 2 do directório
- 20080701 Entrevista com Eugénia Azevedo e João Pedro Barros, jornalistas na área da música
- 20080703 Registo de ensaio dos Tchakare Kanyembe, Sala 134
- 20080704 Registo de ensaio dos DMG, Sala 306
- 20080704 Registo de ensaio dos Loss Sp Of Pure, Sala 306
- 20080708 Entrevista com Hugo, gerente do Metalpoint
- 20080708 Episódio do fim dos formulários
- 20080708 Registo de ensaio dos Mesa com Rui Reininho, Sala 207
- 20080715 Entrevista com José Ferrão, músico e historiador
- 20080716 Entrevista com Miguel von Hafe Pérez, curador e crítico de arte
- 20080716 Colocação de Versão dois do directório do CCStop
- 20080717 Entrevista com Daniel, técnico e sócio da Fábrica de Sons
- 20080717 Entrevista com José Madureira Pinto, sociólogo
- 20080718 Entrevista com Gustavo dos MotorNoise, Sala 304
- ▲ 20080719 Concerto Fanfarra Os F.R.I.C.S, Praça do Marquês
- 20080719 Entrevista e visita ao CCStop com Carlos Guedes, músico e professor na ESMAE
- 20080722 Entrevista com o Dr. Ferreira da Silva, administrador do Centro Comercial Stop
- 20080722 Entrevista com Pedro Figueiredo, Sala 202
- 20080722 Entrevista e registo de ensaio dos Plus Ultra, Sala 131
- 20080724 Entrevista e visita ao CCStop com Nuno Azevedo, administrador da Casa da Música
- 20080729 Entrevista e visita ao CCStop com Pedro Burmester, Fernando Sousa e Filipa Leite, responsáveis artísticos e de programação na Casa da Música
- 20080731 Entrevista com Carlos Azevedo, músico e professor na ESMAE
- 20080731 Reunião de preparação no Festival Future Places, Sala do Condomínio

● marcos formais da presença no terreno; ■ entrevistas externas;





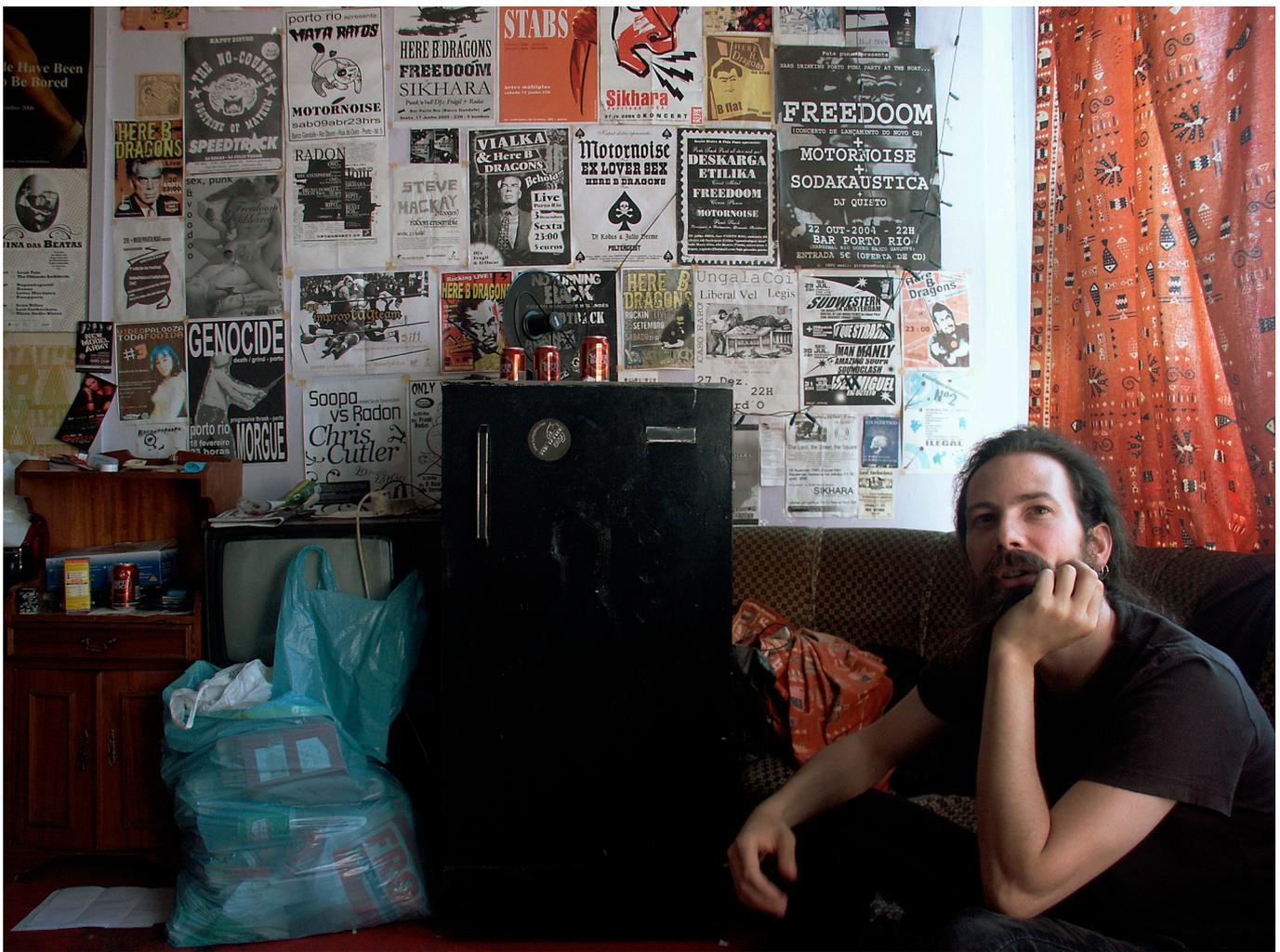
dados dentro ou fora do contorno das salas. A iniciativa visou tornar visível o projecto em curso e dotá-lo de um discurso explicativo simples: fazer um directório do CCStop. De facto, no momento desta acção, já a ambição de um complexo mapa de relações e narrativas havia sido moderada, pelo impacto das primeiras incursões. A hipótese das entrevistas exaustivas, organizadas e passíveis de darem origem a narrativas detalhadas caso a caso, mostrava-se tão morosa que impediria a experiência da diversidade e uma visão de conjunto, essas sim, essenciais a um primeiro esboço do objecto. Para os entrevistados, a extensão da entrevista raramente pareceu problema – em geral, há muito conteúdo guardado, pronto a dizer – mas para o investigador era evidente a necessidade de moderar as ambições de registo. A ideia do directório parecia o compromisso e o pretexto correctamente dimensionados para navegar por entre esta realidade com uma âncora e poder experimentar a sua diversidade sem perder as oportunidades de aprofundamento. As entrevistas passaram a fluir mais atentas às vontades dos entrevistados do que a uma agenda do entrevistador.

A 28 de Junho, a planta afixada na montra da Base apresentava já um conjunto de registos interessante, mas os espaços em branco continuavam a clamar por intervenção. Nesta data foi decidida a distribuição por todas as salas de um convite/formulário para participação no directório afixado na Base. Em primeiro lugar, foram identificadas todas as salas dedicadas à música num percurso sistemático na companhia do segurança de serviço⁷⁰. Em seguida, o convite foi afixado na montra de cada loja e acompanhado com cartazes na entrada do Centro Comercial e na montra da loja de instrumentos. A decisão foi tomada na consciência de que se estavam a contrariar premissas definidas no início do processo e que desaconselharam este tipo de instrumentos. No entanto, revelava-se premente a necessidade, quer de dar um impulso ao registo das bandas, quer de compensar uma ausência inevitável do investigador (entre 30 de Junho e 7 de Julho). Parecia também, à data, que o projecto sofrera já uma disseminação e uma presença que sustentaria uma acção deste tipo.

O processo foi acompanhado por visitas nocturnas. Noite após noite, as fichas mantiveram-se no seu sítio, descontando algumas que caíram acidentalmente no chão, como se não fossem para tocar. Até os seguranças e funcionários da limpeza respeitaram

•

70. São os seguranças do Centro que distribuem os recibos do condomínio pelas salas. Aliás, é o seu chefe que trata da contabilidade. Ninguém melhor do que eles pode ajudar a um dimensionamento deste universo.







religiosamente a intervenção. A 7 de Julho, véspera do regresso do investigador, foram encontrados alguns convites amarrotados no chão, sinal aparente de reacção hostil. A 8 de Julho todo o material exposto foi recolhido. O gesto destinou-se a provocar um silêncio momentâneo do projecto, uma espécie de reequilíbrio ecológico, quer no sítio, quer no processo interno do próprio investigador. A 16 de Julho foi afixada a segunda versão do directório, que persiste até à data deste escrito. Nesta versão, são já exibidos mais de 60 registos devidamente organizados por salas, e mantém-se o espaço disponível para adição de novas bandas ou registos complementares de informação. O formulário foi remetido à presença mais discreta da banca da loja de instrumentos. Diga-se que esta nova versão correspondeu já a uma desaceleração drástica do ritmo de registo. Mas a presença, quer do directório, quer dos formulários, cumpre outra função, que é a de manter uma presença do projecto no espaço, mesmo na ausência do investigador.⁷¹

Avaliação das ferramentas práticas

As premissas iniciais quanto à adequação dos formulários pareciam correctas. A resposta foi muito reduzida face aos dados compilados por contacto pessoal: foram obtidas 25 participações por este meio, algumas das quais feitas por músicos que já tinham sido entrevistados ou conheciam directamente o trabalho. Quanto ao registo directo nas plantas afixadas, assinala-se o maior sucesso da primeira versão. É certo que a primeira planta foi disponibilizada numa altura em que todo o universo estava disponível e a segunda planta surgiu quando as unidades mais activas e assíduas já tinham registado a sua presença. Mesmo assim, o registo na primeira planta, cujo nível de organização e abstracção é menor (já que se restringe às plantas dos edifícios) recolheu contributos mais livres e diversos.

Por sua vez, os cartazes não evidenciaram eficácia. Podemos ponderar, por um lado, a inadequação da linguagem, muito próxima das formas de comunicar das instituições. Por outro, questiona-se até que ponto neles faltou uma pessoa, uma autoria. A entidade abstracta criada e para a qual foi remetido todo o contacto – o e-mail

•

71. Ver Anexo 4, *Cartazes e formulários*.

heroisdostop@gmail.com –, apesar de remeter para uma comunidade do CCStop, não terá tido a credibilidade necessário junto do público para provocar uma interacção. É que, pelo contrário, quando as mesmas premissas foram apresentadas pessoalmente, o sucesso foi praticamente total. Olhos nos olhos, a resposta e a participação foi sistematicamente positiva em todas as iniciativas. Até o reconhecimento ou o simples pressentimento da importância de um estudo académico neste lugar foi muito mais imediato do que o esperado. Podemos estar perante dois traços definidores desta comunidade de pessoas. O primeiro será o facto de elas rejeitarem os formatos institucionalizados, seja por indiferença, receio ou repulsa. O segundo será a inércia provocada por visões e rotinas de procedimentos, muitas vezes vestida de preguiça, e cuja superação exige medidas mais fortes.

Desaceleração do trabalho de campo e primeiro desafio

Todo o trabalho de contacto ocasional, visitas e entrevistas decorreu entretanto até ao fim do mês de Julho. Em meados do mesmo mês, surgiu a oportunidade de o CCStop integrar colectivamente o programa do Festival Future Places, a ter lugar no Porto em Outubro de 2008, uma data muito próxima. A iniciativa partiu da organização do festival e apresentou-se desde logo como uma possível agitação da comunidade com um alcance mais largo e possibilidade de trazer vantagens para as bandas e para a comunidade Stop como um todo. O objectivo da participação centrou-se precisamente na revelação do CCStop como um exemplo e manifestação de cultura local e na exploração de algumas possibilidades de mediatização e registo, justificando a sua inserção no tema do festival, *Digital Media and Local Cultures*.

Tornava-se necessário uma abordagem do tema com a comunidade. Esta abordagem teria como objectivos sondar a adesão à hipótese levantada e partilhar a discussão das formas possíveis de participação. Nesta data, estava já provada a grande probabilidade de fracasso de uma convocatória com algum nível de mediação e anonimato. Optou-se, pois, pelo convite pessoal a um conjunto de pessoas de círculos e actividades diferentes, cujo empenho e interesse num sentido comunitário aparentara ser maior durante os



O STOP MOSTRA O QUE VALE.

**DIRECTÓRIO
DE MÚSICA
DO STOP**
VERSÃO 2 DISPONÍVEL
NA MONTRA DA LOJA 316,
PARA TODOS OS PROJECTOS
DO STOP LIGADOS À MÚSICA.
MAIS INFORMAÇÕES
NA STOPSTORE.

O STOP MOSTRA O QUE VALE.

**DIRECTÓRIO
DE MÚSICA
DO STOP**
VERSÃO 2 DISPONÍVEL
NA MONTRA DA LOJA 316,
PARA TODOS OS PROJECTOS
DO STOP LIGADOS À MÚSICA.
MAIS INFORMAÇÕES
NA STOPSTORE.

contactos no terreno, e que se aproximava de um fórum representativo⁷². Nesta altura, uma entrevista com a administração já constatará a sua predisposição para apoiar estas iniciativas, pelo que a reunião decorreu na sala de reuniões do condomínio, cedida para a ocasião. Foi tratado o tema proposto, embora insistentemente contaminado pelos problemas comunitários: a necessidade de uma associação, os problemas do espaço, as possibilidades e a importância da comunidade. Tornou-se gritante a falta de um instrumento de comunicação para a comunidade⁷³.

O processo de contacto e exploração desta possibilidade está em curso no momento deste escrito, através de um alargamento da discussão por e-mail e cartazes. As primeiras reacções começam a chegar: são positivas, animadoras e poucas⁷⁴. O processo prova mais uma vez a existência de uma propensão para o isolamento por parte das bandas, mas não prova que as bandas não admitem a sua superação, já que o contacto pessoal tudo inverte. Será necessário uma presença no terreno mais prolongada e activa, para que esta contradição se resolva.

De volta aos princípios metodológicos iniciais

A presença no terreno proporcionou um conjunto de experiências e confirmações valiosas, contributivas para futuras acções de desenvolvimento. Podemos afirmar que a generalidade das premissas lançadas mantém a sua validade e que o trabalho de campo ainda agora começou. O investigador começa a ser reconhecido e a ter um papel dentro da comunidade; existem temas e interpelações activos que podem germinar acções mais consequentes como provam discursos e ideias que têm surgido no decurso do trabalho e que começam a voltar ao investigador, já apropriadas; está em gestação uma rede de colaboração entre pessoas mais empenhadas que podem compreender e colaborar em desígnios colectivos. Em contraponto, persistem sensações de estranheza, de exotismo, de desconfiança. Quando se elevam os níveis de compromisso, ou quando um certo

•

72. A convocatória, feita pelo telefone com recurso aos dados entretanto recolhidos, teve uma adesão surpreendente. Numa lista de 15 pessoas, a resposta foi positiva nos dez casos em que existiu contacto efectivo (os restantes não atenderam os telefonemas) com disponibilidade para conciliar a agenda e curiosidade para o que poderia passar-se. As presenças contaram com três baixas, compensadas com pessoas que, entretanto souberam da reunião e quiseram participar.

73. Este problema não terá resolução simples. Já em data mais recente, um músico empenhado tomou a iniciativa de criar um fórum na Internet dedicado à discussão e à recolha de contactos. Para o divulgar, utilizou a lista de e-mails recolhida no decurso deste trabalho. Um mês após a sua abertura o fórum apresentava dois tópicos: uma proposta de estatutos com zero respostas e 11 visualizações, e um apelo a ideias e sugestões com três respostas e 27 visualizações. Na secção dedicada à recolha de contactos existiam duas entradas, vistas treze vezes.

74. Ver Anexo 5, *Festival Future Places no CCStop*.

status quo de marginalidade e “génio artístico” é posto em relação, geram-se processos que não são sempre pacíficos.

O nível reduzido de estruturação de conteúdos e da sua análise correspondem, quer a um passo de aproximação onde foi privilegiada a extensão e a diversidade dentro dos recursos disponíveis, quer às orientações que remetem exactamente para a recusa de categorizações precipitadas e desadequadas. Em todo o caso, as recolhas efectuadas permitem a preparação de passos futuros com um conhecimento já assinalável do terreno, agora passível de ser aprofundado em trabalho “laboratorial”. Assinale-se que a matéria agora disponível não diz respeito apenas às recolhas no Centro Comercial Stop mas também a um conjunto de relações deste com sistemas externos na geografia e no tempo, mas que com ele se integram.

O exercício de aproximação entre as Ciências Sociais e o Design da Imagem encontra progressivamente sentido num processo em que se tratou de inverter uma ordem generalizada: em lugar de perseguir um resultado guiado por objectivos predeterminados, qualquer finalidade objectiva e concretizada em eventuais objectos visuais passa a surgir no trabalho de campo, na medida em que o processo e o objecto os solicitam.



Conclusão

Nos capítulos anteriores procedeu-se à circunscrição do estudo e dos seus objectivos, à definição das metodologias e fundamentos teóricos orientadores, ao registo da diversidade do lugar e ao início de um trabalho de análise visando os traços definidores e as questões pertinentes para o âmbito do trabalho.

A circunscrição do trabalho define-se em primeiro lugar pelo limite geográfico do lugar, sem deixar de cuidar das ramificações espaciais possíveis, entre as quais se trataram especialmente o bairro e a cidade. Importa desde já deixar registado que o espaço da Internet e a relação com exterior em larga escala, apesar de não estarem ausentes da recolha e do texto, deverão merecer maior presença em evoluções futuras do trabalho, pois completam as escalas necessárias às leituras e às acções. A música, como prática central do lugar e razão do seu interesse para o presente estudo, foca a observação nos contextos de criação e nos seus processos de permuta com a organização social, transportando a discussão para o papel das actividades criativas na experiência e na evolução social e cultural, onde se evidencia a sua integração com a Imagem. Por fim, os imperativos teóricos e metodológicos apontados também definem balizas no processo, conferindo à presente dissertação a tarefa de iniciar o registo, a reflexão e o

ensaio da acção, com vista a afinar processos de aproximação e formular questões de desenvolvimento futuro.

A metodologia ensaia uma aproximação às ciências sociais, nas quais reconhece afinidade e competência passível de ser incorporada numa prática do Design da Imagem. É com o apoio da visão sociológica que se ensaia a revisão do campo de produção da Imagem, propondo um foco maior nos seus impactos sociais e culturais como fundamentos da produção. Trata-se de reforçar a consciência de que, ao produzir Imagens, o designer está, de facto, a desenhar relação social e cultural. A matéria de estudo do investigador alarga-se assim à questão da sua própria interferência, na qual a Imagem passa a ser instrumento para além de produto. Na prática, enunciaram-se orientações metodológicas centradas na observação participante, destinadas a enquadrar a interferência do investigador e a eleger a realidade estudada quer como a fonte das questões, quer como o contexto para cuja evolução o processo deve reverter.

Em consonância, definem-se como princípios teóricos essenciais:

- 1) um esforço dinâmico de problematização dos formatos sociais e linguísticos vigentes, para o qual é necessário
- 2) reivindicar o contacto tangível com as realidades, evitando qualquer excesso de mediação.

Só assim se pode observar e questionar uma relação entre a produção de Imagem – e criativa em geral – e as realidades para as quais pretendem legitimamente reportar. Neste sentido, elege-se a supremacia do “valor de troca/signo”⁷⁵ como o fenómeno dominante de formatação de significados que mais se torna imperativo problematizar.

O trabalho de campo levou à prática esses mesmos princípios, ao fazer o registo do lugar e da sua diversidade através do desempenho de um papel no seio do tecido social estudado. O investigador assumiu a tarefa de realizar um directório das bandas do CCStop e partiu deste mote para percorrer a diversidade presente. A realidade actual e interna do Centro Comercial – o edifício, os projectos, a música – foi enquadrada com as suas escalas geográficas próximas, mas também com um envolvimento histórico onde

•

75. BAUDRILLARD, Jean – *Para uma crítica da economia política do signo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

se perscrutam cumplicidades entre a música e os Centros Comerciais do Porto desde a década de 1980 e o modo como elas reflectem o próprio desenvolvimento sociocultural. Retenha-se também esta matéria como um ponto a merecer atenção futura, quer como corpo narrativo do qual o CCStop pode ser considerado herdeiro, quer como recurso essencial à compreensão das realidades presentes e das suas possíveis evoluções.

A análise toma o Projecto – na prática, as bandas e outras unidades activas no CCStop – como sua componente mínima, sucessivamente colocado em diálogo com outras dimensões e escalas. No primeiro confronto, a categorização do mundo da música apresenta-se como a estrutura que hoje determina a relação das bandas com a comunidade, num processo de submissão a formatos que estabelece um paradoxo: os músicos privam-se da investigação expressiva, a indústria estanca as suas possibilidades de produção, e a relação social perde o estímulo da descoberta. Num segundo exercício de comparação, é o próprio processo comercial do CCStop que se revela como espelho da produção musical submetida a formatos cuja raiz se perdeu, especialmente no modo como encetou a relação com o seu público e como o carácter dessa abordagem determinou os seus resultados. Em suma, uma produção destinada ao consumo arrisca-se, de facto, ao abandono. Seguidamente, realça-se a face laboratorial do lugar como génese de um caminho alternativo e lança-se esse potencial quer sobre o trajecto da música quer sobre as possibilidades de crescimento comunitário através da actividade criativa. Quanto a estas últimas possibilidades, ficou em evidência um dilema entre as dimensões criativa e institucional, correspondente ao choque entre a expressão individual e a sua exposição pública, que importa resolver.

Reequacionamento da natureza da troca

Se o Design – e a música – assumirem uma prática sobre a cultura que não é já nem consequência inadvertida nem acção ingenuamente focada na usabilidade e na estética dos objectos, mas sim primado da sua actividade à luz do qual todo o projecto será equacionado, é toda a natureza da troca que está em questão. Uma interacção social e, portanto, humana, não pode remeter-se ao cálculo: bem pelo contrário, ela não pode abdicar da livre partilha de possibilidades, ao abrigo da urgência de lhes conferir valor. Este é o apelo da sala de ensaios.

Para subverter radicalmente a lógica do valor de troca, não basta restituir a autonomia ou a gratuidade do valor de uso; é preciso restituir a possibilidade de dar, isto é, mudar a forma de relação social.⁷⁶

Baudrillard convida a ignorar o combate contra o valor, que mais se aproximaria da quimera de uma reversibilidade impossível, para focar a atenção no acto da **troca**, no sentido de o libertar. Particularmente quanto à produção criativa, o acto da descoberta tem obrigatoriamente que conduzir os processos, desde que se dedique ao seu papel de interacção com o social. O valor – muito particularmente o valor económico e não obrigatoriamente o lucro – é consequência necessária que não pode ofuscar as restantes dimensões e possibilidades da troca.

Se o CCStop se dirigir nesta linha, pode recolher contributos nos exemplos dos programadores de software livre ou na massa imensa das pessoas que disponibilizam conteúdos na internet a troco do simples gozo da partilha. Fenómenos como estes são importantes não porque se dedicam a minar o monopólio dos fabricante de software ou das produtoras de conteúdos, mas pura e simplesmente na medida em que isso já não lhes interessa. Essa é a via que encontraram para consumarem as experiências em lugar de as consumirem.⁷⁷

Reequacionamento do ambiente e das práticas

Em termos mais prosaicos, como é que invertemos a ordem de modo a que o verdadeiro espírito de investigação passe a liderar, e não a ser liderado pelo cálculo? Invertam-se então os termos e, no caso da música, à questão “como posso eu integrar um formato vigente, de modo a encontrar aí uma possibilidade de expressão individual e de integração social?” suceda uma outra “como envolver o público nas práticas musicais mantendo simultaneamente os níveis necessários de inteligibilidades e a capacidade ‘subversiva’ de regressar à experiência original da música?” Também a isto se fazia referência quando, na análise, se registou o pouco tempo dedicado pelas bandas à sua relação com o exterior.

•

76. BAUDRILLARD, Jean – *Para uma crítica da economia política do signo*. Lisboa: Edições 70, 1995. p. 221.

77. Esta articulação entre os dois termos é também usada por Baudrillard.

Os desafios aqui lançados envolvem a própria Economia ao contrário de a escamotear. A relação com os recursos económicos não pode ser afastada do conjunto das dimensões sociais, mas também não pode passar a dominá-lo. Pelo contrário, sugere-se a hipótese de enquadrar tal relação num mesmo espírito criativo e especulativo quanto à necessidade de novas respostas às solicitações sociais. Para isso, torna-se necessário, tanto à economia como às actividades ditas criativas,

1) a revisão da semântica característica dos formatos dominantes – cristalizações da economia de mercado – como primeiro passo de

2) uma aproximação às realidades que afaste os níveis obstrutivos de mediação.

Um dos níveis semânticos é o das próprias instituições, mesmo que nada digam.

O CCStop evidencia a clivagem entre iniciativas de ruptura por parte dos criadores e as instituições formais e informais que regem o tecido social. No entanto, observamos como um e outro lado da contenda perdem, na medida em que os criadores não encontram um contexto adequado e as instituições perdem sentido social. Nem os criadores conseguem o alcance estratégico, nem as instituições beneficiam com a investigação criativa para além das suas próprias formatações. O movimento proposto aponta para a convergência cuja metáfora volta a ser uma sala de ensaios onde se estabelece um verdadeiro regime criativo, com os olhos postos na experiência social. É este regime que exige o reequacionamento da natureza da troca.

Perfil do CCStop

Encontramos no CCStop um contexto receptivo a este tipo de contributos e merecedor de um relevo que corresponda à sua já inquestionável dimensão e ao seu potencial. É certo que reportamos o fechamento das bandas e a sua relativa indiferença à dimensão social e comunitária à escala do CCStop; mas também observamos como isso corresponde em parte a uma intuição protectora do espaço de liberdade vital para uma prática expansiva e criativa.

Por outro lado, encontramos capacidade de auto-organização, quer ao nível prático da gestão das salas e da logística interna, quer ao nível da disponibilidade para encontrar

e tomar um papel num grupo: é inquestionável a sua experiência quanto ao confronto de ideias e possibilidades, e quanto à integração de hipóteses num projecto comum, tal como se passa numa banda.

Sem apontamos o défice de sentido estratégico no que diz respeito ao relacionamento da produção musical com os seus efeitos perante os públicos, preferimos contribuir para realçar o poder intuitivo, a dedicação pessoal e a capacidade técnica e criativa presente e disponível.

Estas qualidades manifestaram-se originalmente no próprio processo de ocupação do espaço, num gesto de redução e de reutilização que é, desde já, seu património. O resultado é uma infra-estrutura portadora e receptiva da diversidade que, tanto por isso como pela sua representatividade, pode emergir como lugar central de acolhimento da música urbana no Porto. Ao colocar esta possibilidade, abrangem-se não só as práticas presentes, mas também uma perspectiva de pesquisa e de registo histórico.

Existem pois todas as condições internas para avançar para a construção de repertórios próprios e radicados no lugar.

Trabalho em curso e desafios futuros

Quer das linhas gerais traçadas quanto aos contextos de produção criativa – que apontam no sentido da confluência de saberes e esforços – quer do perfil do CCStop e das suas possibilidades, emergem linhas possíveis de acção para o futuro que se deixam registadas, apesar de se considerar que a sua formulação não deve precipitar a sua implementação. Em acordo com o perfil metodológico que tem vindo a ser seguido, a aproximação orienta-se pelo ritmo de interacção do próprio espaço, embora progressivamente activa na criação de oportunidades.

- Toda a narrativa recente da música de expressão urbana no Porto está por pesquisar, relacionar e registar. O CCStop pode constituir-se como pretexto, ponto de partida e, ambiciosamente, plataforma de acolhimento para esta exploração.
- Preconiza-se que é a produção musical urbana que está em causa e que ela solicita, a par de uma autonomia algo periférica, uma colaboração em áreas estratégicas, das quais

se reportam duas, interligadas, e qualquer uma delas com possibilidades para originar linhas de investigação:

1) pontes entre a produção musical e os públicos ao nível da imagem, dos meios e da produção;

2) novas possibilidades para a economia da produção musical.

- A relevância do CCStop na cidade do Porto quase exige que se encontrem formas de relação com outros pólos de produção e exposição da música. Considera-se este um movimento de importância vital no sentido do contexto criativo que se tem vindo a defender. Trata-se de proporcionar o entrecruzamento de práticas, expressões e públicos para fomentar, quer a diversidade de possibilidades, quer a própria formação individual dos músicos. Mas é também um movimento com grau de risco elevado, já que coloca em causa a organização espontânea do lugar, o que belisca certamente a sua essência. O problema relaciona-se com as possibilidades de organização interna do CCStop, e é internamente que deve ser solucionado.

- À data da conclusão deste documento, está em curso a participação do CCStop no Festival Internacional “Future Places”, dedicado ao tema “Digital Media and Local Cultures”. A oportunidade chegou através do organizador do festival Prof. Doutor Heitor Alvelos. Foram já relatadas as primeiras acções de preparação⁷⁸. No momento presente, Gustavo, músico participante em vários grupos e que ensaia na sala 304, estruturou já uma peça de música a ser executada em simultâneo pelas bandas presentes na data do evento. A participação terá ainda alguns passos de preparação e será aberta a todas as bandas. Perante tudo o que temos vindo a defender, esta é uma oportunidade preciosa, em perfeito acordo com a hipótese lançada em páginas anteriores⁷⁹, na qual se apontavam as iniciativas práticas e de efeito visível como as indicadas para caminhar em direcção à formação de uma comunidade no CCStop. Será o primeiro acontecimento público em que o CCStop se apresenta como um colectivo. Geram-se, neste momento, boas expectativas.

•
78. Ver p. 138.

79. Ver p. 74.

Regresso ao enquadramento académico

Pode perguntar-se, neste momento, afinal, onde está o trabalho de imagem. Serão as fotografias expostas neste documento? A resposta é: sim. Mas não é a imagem destinada à mediação do objecto num sentido tradicional, nem mesmo ao puro gozo estético. É registo espontâneo resultante da experiência tangível no terreno. É discurso paralelo e autónomo que chama para o lugar e propõe leituras alternativas e mais aprofundadas. É instrumento metodológico comparativo que permite a elevação do sentido, à semelhança da comparação de duas escalas do mesmo objecto.

Mas o trabalho sobre a imagem não se remete à produção. Em resposta à ambição inicial de participar na resposta às exigências de reformulação permanente da prática do Design, reafirma-se que o presente trabalho

- 1) abre caminho a futuras contribuições aqui localizadas e destinadas ao desejado “desenvolvimento de contextos públicos de comunicação e fruição através do Design”⁸⁰,
- 2) propõe e inicia o registo de realidades que merecem lugar na memória colectiva por se revelarem capazes de um discurso poderoso e radicator, e
- 3) encaminha a actividade de investigação em Design para um papel social activo.

Este é um passo inicial. É em si o levantamento e a afinação de uma hipótese, na convicção de que se contribuiu desde já para uma nova forma de pensar o tecido social e cultural contemporâneos e, conseqüentemente, uma nova forma de viver a actividade criativa no nosso quotidiano.

•

80. Nota documento de enquadramento académico.

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean – *Para uma crítica da economia política do signo*. Lisboa: Edições 70, 1995. Tradução de: Aníbal Alves. ISBN 972-44-0535-4.
- BAUDRILLARD, Jean – *O Sistema dos Objectos*. 4ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo, Brasil: Editora Perspectiva, 2006. Tradução de: Zulmira Ribeiro Tavares. ISBN 85-273-0104-0. (Os itálicos da edição consultada apresentam-se aqui em tipo regular. Manteve-se a ortografia original da tradução, em Português do Brasil.)
- COSTA, António Firmino da – A pesquisa de terreno em sociologia. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 129-148.
- ESTEVES, António Joaquim – A investigação-acção. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 251-278.
- FBAUP, Departamento de Design – *Áreas de Investigação*. Porto: Departamento de Design da FBAUP, Jun 2007. Pdf. (ver anexo 1)
- FRAYLING, Christopher – *Research in Art and Design*. London: Royal College of Art, 1993.
- ITURRA, Raúl – Trabalho de campo e observação participante em antropologia. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 149-163.
- KLEIN, Naomi – *No Logo*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2002. Tradução de: Pedro Miguel Dias. ISBN 972-708-673-X.
- STAVENHAGEN, R. – Comment décoloniser les sciences sociales appliquées. In COPANS, J. (org.), *Anthropologie et impérialisme*. Paris, Maspero, 1975. p. 417, citado em ESTEVES, António Joaquim – A investigação-acção. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 270
- TURCHIN, Valentin F. – *The Phenomenon of Science, a cybernetic approach to human evolution*. New York: Columbia University Press, 1977
- VALA, Jorge – A análise de conteúdo. In PINTO, José Madureira e SILVA, Augusto Santos, *Metodologia das Ciências Sociais*. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986. p. 101-128.
- <http://www.geocities.com/Eureka/2330/habermas.htm>

Anexos

Anexo 1 . Documento de enquadramento académico

Áreas de Investigação

Departamento de Design da FBAUP

v.Jun07

O presente documento articula o trabalho de Investigação e Desenvolvimento do Departamento de Design da FBAUP como gerador de investigação consequente, e de uma capacidade acrescida de projecção desta para o exterior. Nas áreas abaixo discriminadas, inserem-se projectos de Mestrado e Doutoramento, projectos de investigação aplicada com outras Faculdades, Universidades e parceiros institucionais, matéria curricular e ambições de longo curso.

Saliente-se que as áreas aqui definidas são passíveis de articulação entre si, ou seja, será possível inserir um determinado projecto em mais de uma área. Cada área tende a ter equipas adstritas, actualmente em formação, tendencialmente lideradas por docentes e investigadores doutorados envolvidos em projectos específicos.

Saliente-se ainda que não existe qualquer sequência nem precedência pré-determinadas entre as áreas abaixo descritas.

Topografia do Design Gráfico em Portugal

Portugal possui uma História extremamente rica no campo do Design Gráfico, e uma das mais peculiares no âmbito do Design europeu. No entanto, e em parte devido ao surgimento tardio de uma consciência do Design como prática de autor e dotada de um reportório próprio, muita dessa História continua por inscrever, correndo o risco de desaparecer definitivamente a partir do momento em que os seus objectos e protagonistas eles próprios desaparecem. A presente Área de Investigação tem como missão a recuperação desse espólio histórico, analisando-o à luz de factores culturais, sociais, narrativos e tecnológicos, por forma a contribuir decisivamente para uma visão do Design contemporâneo alicerçada num passado que o explica e fundamenta.

Design no Espaço Público

A presente Área de Investigação agrega um conjunto de contribuições que definem o espaço público como espaço privilegiado de operação do Design, interessando enunciar "espaço público" como uma multiplicidade de universos, sejam eles geográficos, mentais ou mediáticos. Fortemente marcada por grandes questões sociais e ideológicas, reconhece-se a urgência de um debate consequente no contexto português, presentemente numa profunda crise de consciência de comunidade e de identidade. Acresce a este facto uma forte e gradual privatização do espaço público a nível mundial, ditando-se a absoluta necessidade de análise e acção sobre as formas possíveis de recuperação e desenvolvimento de contextos públicos de comunicação e fruição através do Design.

Imagem Narrativa e Documental

Ao abrigo do acordo governamental de desenvolvimento tecnológico com a Universidade do Texas em Austin, a respectiva equipa de consultores considerou, numa primeira abordagem, que esta será uma das áreas de desenvolvimento prioritário para Portugal.

A presente área de investigação define como prioridade a produção de reportórios visuais que alicerces o emergir de novas formas de pensar o reportório cultural circundante. Num momento em que a imagem é sobre-abundante e aparentemente aleatória, parecendo indiciar o seu esvaziamento semântico, torna-se particularmente decisiva a definição de formas e estruturas de identificação e concessão de conteúdos, critérios e funções ao campo visual potencialmente infinito. Acresce a esta necessidade o facto de Portugal conter igualmente, no seu passado e presente, um reportório visual extremamente rico mas de sistematização e alcance extremamente residuais. A presente Área de Investigação pretende a potenciação desse reportório visual através do Design de Imagem.

Espaços Computacionais de Criação, Colaboração e Comunicação

Os meios digitais têm vindo a definir uma mudança profunda nos processos de criação e percepção associados ao Design, mudança essa que se constitui num efectivo novo universo de possibilidades. De extrema complexidade e codificação, o universo computacional, e em particular os contextos online e generativos, tendem a ditar novos modos de pensar conceitos de autoria, propriedade e sociabilidade. A presente área propõe-se agregar projectos cuja ambição seja a de explorar o potencial de contextos emergentes de comunicação, colaboração, aprendizagem e criação, bem como contribuir para a adaptabilidade de contextos tradicionais em meios digitais e online.

Design para o Desenvolvimento Social e Cultural

Perante um mundo crescentemente complexo e assimétrico, o Design tem vindo a compreender a absoluta necessidade de contribuir em esferas da dimensão humana muito para além da estética ou comunicação. A presente área pretende assumir um compromisso público de missão do Design na melhoria da qualidade do tecido social, cultural e humano a nível nacional e internacional. Esta missão, em última instância, é comum às áreas anteriormente enunciadas, mas encontra uma expressão própria em projectos que de forma mais acentuada e dedicada demonstram a vontade de mudança e intervenção.

Porto, Junho de 2007

O Departamento de Design da FBAUP

Anexo 2 . Bandas do CCStop acom presença no Myspace em Julho de 2008

Bal Onirique

Gótica / Rock

From: Porto, Portugal

Profile views: 8690

Last Login: 17-07-2008

Sounds like: as always...

About: And the chant of the night will echo across eternity, through the words from the poets of transgression...

As far as the tale goes, it was wrapt in a curtain of smoke, from the Porto underground layer, that Bal Onirique had their dawn... The year and hour of these new tenants, dressed with colours of sacred and profane desire, is a mystery that will continue to endure somewhere amidst the rings of the night and of the times.

It is known however that the name Bal Onirique occurred while going through the pages of a book on the Life and Work of the Eternal Salvador Dali which alludes to an assumed celebration of a surrealist ball in 1934. The famous Dream Betrayal (Bal Onirique) took place by the hand of Caresse Crosby, US in honour of Dali before his departure to the old Europe.

The description of the sceneries and atmospheres awoke, in the body and soul of the group, an accumulation of sublime Dali-like wanderings, of insane and surreal developments, inherent to and shared by each members celebrated tastes, becoming at once of one the main source of artistic and poetic inspiration of the themes in their texts where Art and Literature are a strong magical and theatrical component. Thus, acquiring the angular and evasive expression in the imagery and surreal universe of their music which is always directed into incorporating spiritual abysses as well as to awake the abysses of our subconsciousness where Love and Death forever dwell in symbolic constant metamorphosis.

Allied with this they pantomime with aesthetic ambiguity which is clearly influenced by the archetypes of the late XIX century Dandyism and by the dense and dark outfits of goth character.

The nature of the Bal Onirique quintet is composed by: P.A. on vocals; David Teves on the guitar; Francisco on the bass; Jorge on the guitar and Alberto on the drums. The outcome of this union was converted with the beginning of their studio sessions around the Spring of 2006 to record Jadis et Naguère and Slow Lane which had the precious collaboration of Gonçalo Vasco (Coimbras University Radio - 1978) on the recording itself and

David Reis (ex-Trauma and Phantom Vision) with the subsequent production.

Jadis et Naguère (Before and After / Formerly and Recently) it is above all a passionate Ode that mirrors the chimerical ardor, impulsive and lewd of one of the stormiest passions ever: Verlaine and Rimbaud - two lovers of the twilight, two arabesque stars, two of the most beautiful poets that commanded the nocturnal skies.

CDs:

Agenda:

Influências: many and none...

BedNoise

Rock

From: Porto, Portugal, Portugal

Profile views:14229

Last Login: 25-07-2008

Sounds like:

About: BedNoise, s. m. o que faz barulho com a cama (bed noise); produtor de som agudo e continuado; banda de musica rock, iniciada em 2003. Projecto com horizontes muito abertos e com influencias tao variadas que cada um faz o seu juizo. No entanto nao deixa de ter um som verdadeiro, simples e caracteristico. Muita dedicacao, muito trabalho e sobretudo muito gozo no que fazem, entusiasma os BedNoise e faz seguir em frente com o projecto. Assim nascem os BedNoise...

CDs:

Agenda: 27 Jul 2008, 16:00 – Fnac Santa Catarina, Porto; 28 Jul 2008, 22:00 – Lever, Porto; 29 Jul 2008, 21:00 – Fnac Norteshoping, Matosinhos, Porto; 31 Jul 2008, 21:00 – Fnac Braga, Braga; 9 Ago 2008, 21:00 – Praia da Apúlia, Esposende, Braga

BlackBerry

Rock

From: Porto, Portugal

Profile views: 19766

Last Login: 17-07-2008

Sounds like:

About: Os BlackBerry são um colectivo rock, oriundos do Porto. Praticam um som rebelde com influencias variadas, do punk da decada de setenta ate as sonoridades de hoje. Ja com alguns concertos realizados preparam-se agora para edição do 1º e.p. No entanto pode-se ja

encontrar no disco de beneficência da AMI "A Cause" (saído no final de 2006 e que conta com Xutos & Pontapes, Rui Veloso, GNR, Blind Zero, Blunder, entre outros...), o tema "Mau Vício Meu". Encontra-se também a rodar o respectivo videoclip. A segunda metade de 2007 marca a 1ª aparição dos Blackberry na televisão, com o tema "Menino da Mamã" o rodar diariamente na nova série dos Morangos com Açúcar.

CDs:

Agenda:

Damage my God

Thrash / Metal / Hardcore

From: Porto, Portugal

Profile views: 3565

Last Login: 28-07-2008

Sounds like:

About: A curta história dos DAMAGE MY GOD (EX-D.M.G.), tal como são agora, começa quando dois amigos (Drazil e Chicago) por amor à música, começaram a tocar músicas conhecidas dos dois... daí a começarem a criar algo próprio foi um pequeno passo.. Movidos pela curiosidade natural de quem quer muito algo, daí em diante nada mais parou, revistas, pesquisas, orçamento de álbuns.. tudo o que pudesse ajudar a estar a par do que de bom se fazia e como se fazia! depois vieram os festivais, concertos.. e começamos a trabalhar em algo mais maduro e pessoal, com o nosso toque!! Com um estilo definido, depois de muitas transformações tanto de membros como de sonoridade os D.M.G fixaram-se num único objetivo fazer o que mais gostam pelo simples prazer e gozo que nos dá...

Não queremos ser conhecidos mas sim reconhecidos pelo trabalho que fazemos!

Sem clichés, tretas ou imitações somos apenas mais uma das muitas bandas portuguesas à procura de um lugar ao sol, evoluir e fazer disto o nosso ganha pão! sabemos o quanto difícil é.. mas acreditamos!! nem tudo se resume a dinheiro, ou tem de ter uma explicação lógica.. talvez seja vício!!

CDs:

Agenda:

Influências: ANNIHILATOR, SLAYER, WOLFBRIGADE, DEATH, MUNICIPAL WASTE, D.R.I., GBH (...)

Dealema

Hip-Hop

From: Portugal

Profile views: 128730

Last Login: 28-07-2008

Sounds like: V império tour

About: Numa era em que a música se distancia cada vez mais da sua verdadeira essência o colectivo DEALMATICO resiste à industrialização da arte...o império renasce das cinzas, é o poder da reflexão. é a grandiosidade da escrita, é a força de um pensamento a elevação espiritual....podemos ser todos nós!!! Bem vindos ao 5 IMPERIO

CDs:

Agenda:

Dogma

Rock

From: Porto, Portugal

Profile views: 24698

Last Login: 27-07-2008

Sounds like: dogma

About: Os Dogma acabam de lançar "O Segredo", o seu primeiro registo oficial. Do E.P. "O Segredo", cuja produção esteve a cargo de João Bessa, constam os temas "Despir A Pele De Vítima", "Voltar", "Dia Seguinte", "Zé-Ninguém", "Manual De Instruções" e obviamente "O Segredo", canção que dá nome ao álbum. Este tema passa desde 23 de Junho diariamente na série "Morangos com açúcar". O disco foi gravado nos Boom Studios (Pedro Abrunhosa) e no Miramar Sessions (João Bessa). A banda, que se estreou ao vivo em Setembro de 2007, no Porto, tem actuado um pouco por todo o lado; Fnacs, Via Rápida, Houdini, Hot 5, Tambor Que Fala ou Uptown, entre muitos outros. Para fazer download do álbum basta ir a www.ouvedogma.com.

CDs: "O segredo"

Agenda: 23 Ago 2008, 23:00, 11:00 PM – Festival de Música Moderna Portuguesa de Gondom; Gondomar, 27 Set 2008, 17:00, 05:00 PM – Fnac Sta Catarina, Porto; 27 Set 2008, 22:00, 10:00 PM – Fnac Norteshopping, Matosinhos; 28 Set 2008, 17:00, 05:00 PM – Fnac Gaia shopping, V. N. de Gaia

Influências: as mais diversas

Dyabara

Subt/Género

From: Porto, Portugal

Profile views: 7257

Last Login: 27-07-2008

Sounds like:

About: A música tradicional da costa oeste de África (Guiné Conakry, Mali, Costa do Marfim e outros), tem vindo a tomar o seu lugar entre os estilos musicais mais ouvidos um pouco por todo o mundo. Esta cultura ancestral, rica em simbologia ligada à natureza e à humanidade, é caracterizada por ritmos explosivos, danças frenéticas e cantos harmoniosos tornando este estilo numa forte experiência, que toca no âmago de cada espectador!

O amor por esta cultura, fez com que em 2004, Nuno Rebelo (director artístico) criasse os Dyabara. Com o passar do tempo o projecto cresceu, acolhendo membros oriundos de Portugal, França e Guiné-Bissau e incorporando a dança como parte fundamental do espectáculo. Desde então, o grupo dedica-se ao estudo desta cultura, através de intercâmbios com mestres de música e dança, e também efectuando viagens de estudo a África.

No seu percurso, os Dyabara já actuaram de norte a sul de Portugal, destacando-se a participação no festival Super Bock – Super Rock 2005, festival de música e dança Andanças 2007, e também no festival de percussão Fiestizaje 2007 (Leon-Espanha).

Respeitando o conhecimento tradicional e acrescentando a sua própria experiência, através de arranjos musicais e danças coreografadas, Dyabara è um espectáculo pleno de cor e movimento, envolvendo o espectador numa celebração à Vida!

Sendo esta cultura, uma linguagem universal acessível a todos, os Dyabara promovem também cursos de percussão e dança, de modo a partilhar esta energia.

CDs:

Agenda:

Influências: Famodou Konaté, Mamady Keita

EarthRise

Metal

From: Porto, Portugal

Profile views: 185

Last Login: 13-07-2008

Sounds like:

About:

CDs:

Agenda:

Influências: Iron Maiden, Masterplan, Yngwie Malmsteen, Symphony X, Iced Earth, Jorn Lande, The Everly Brothers

Echidna

Thrash / Death Metal

From: V. N. Gaia, Portugal

Profile views: 63446

Last Login: 28-07-2008

Sounds like:

About: Echidna was founded in the year 2001, in the city of Vila Nova de Gaia (Portugal). It took 4 years for the band to achieve a reasonable stability and coherent objectives. During this initial period Echidna focused on a need to grow up as a band and tried to define the goals and objectives that would lead to what Echidna are presently. As a result of this initial period, Echidna reached its current line up: Frik on the Vocals, David Doutel and Pedro Lima on the Guitars, Miguel Pinto playing Bass and Tiago Cardoso on the Drums. The first live appearance took place at the well-known concert house of Portugal, Hard Club in March 2005. Between this first concert and the end of 2006 Echidna gathered a reasonable amount of live appearances and even won first prize for two times on different band contests. Echidna was growing and this sudden flow of concerts gave the band some notoriety in the Portuguese Metal underground. Eventually, reviews were made online and on Portuguese metal magazines. Above everything else, the global feedback from their listeners was great and a studio recording started to become imminent in the band's path. Having this in mind Echidna decided to record a self-funded demo with 6 tracks called "Tearing The Cloth" at "Fábrica de Som" studios with the producer Daniel Carvalho. Although the recording process took longer than initially planned, Echidna managed to finish the post-production of the Demo in November 2006 and in January 2007 "Tearing the Cloth" was ready to become public. 500 copies were independently released and distributed in Portugal, receiving excellent reviews from metal magazines, webzines and blogs, as well as from the general listeners of Metal in Portugal. During 2007 Echidna focused on promoting their most recent recorded work, playing live throughout Portugal and gathering new fans along the way. By the end of this year full of activity, Echidna knew it was time to grow up and acquire maturity and stability, which lead the band to decide recording again, this time the objective was to create a full length album that could present clearly what the band was capable of – "Insidious Awakening". The album was recorded and edited once again at "Fábrica de Som" studios with Daniel Carvalho, and mixed and mastered by Daniel Cardoso at Ultra Sound Studios. By the end of January 2008, the album was ready and it took another 4

months until Echidna managed to sign with Portuguese label "Rastilho Records". "Insidious Awakening" debut album will be released in June 21 in Portugal, Germany and the Netherlands, and currently Echidna's goal is to distribute the album worldwide and hopefully keep the ascending path that is present from the beginning.

CDs:

Agenda: 9 Ago 2008, 20:00 – Echidna@AllianceFest - www.alliancefest.com, Carcavelos; 13 Set 2008, 19:00 – Echidna@Festival de Vagos Elegy, Aveiro; 3 Out 2008, 22:00 – Echidna@alpha bar, Leiria; 7 Nov 2008, 20:30 – Echidna@Porto Rio, Porto

Elementos...

Experimental / Folclórica

From: Portugal

Profile views: 1773

Last Login: 17-07-2008

Sounds like:

About: Movidos por uma sede experimental, juntaram-se para erguer pontes e cruzar caminhos entre diferentes formas e experiências musicais e, dito por não dito, eis um "projecto" que se estende para lá da barreira do convencional.

Ousado canal de emoções, transparece o urbano... o provinciano; a electrónica... a folk, aliado a um forte sentido estético da palavra.

Fruto de interrogações, despido de preconceitos, atiramos a ouvidos transeuntes uma fâsca para singulares reflexões.

CDs:

Agenda:

Influências: A cultura urbana e a rural, o senso comum, o sexo, a depressão, a alma, a natureza, as drogas, a amizade, a tecnologia, a história, e a música...

Emotinal fire wall

Rock / Indie

From: Portugal

Profile views: 6782

Last Login: 13-07-2008

Sounds like:

About: Os EmotionalFirewall são um projecto rock de originais, iniciado em Abril de 2006 e que já conta no seu currículo com alguns concertos em bares, várias presenças em festivais de bandas de garagem estando em destaque pela presença na Final do Festival De Bandas De Garagem da FAP 2007 e tendo vencido a

edição de 2007 do Festival Tiro ao Rock.

Este é o novo Myspace, onde podem obter informações actualizadas sobre nós.

Quem não tem talento, tem que jogar baixo para conseguir alguma coisa na vida, e por haver pessoas assim, retiramos do nosso Myspace temporariamente o tema Ela Nasce. Estamos no momento a gravar uma pequena demo, em breve esperamos ter novidades

CDs:

Agenda:

Influências: As nossas influências são diversas, do rock dos anos 70 ao punk, new wave, grunge... Bandas como Deep Purple, Joy Division, Pink Floyd, Pearl Jam, Placebo, Nirvana, Rage Against The Machine, são bandas que estão frequentemente nas nossas playlists.

Equaleft

Metal

From: V.N.Gaia/ Porto, Portugal

Profile views: 16087

Last Login: 29-07-2008

Sounds like: Metal full of groove, power, melody and insanity ...

About: Equaleft were born in 2003 from the ashes of ex-members from Mysterium, Tremble and This Grace with the aim of playing an eclectic and dynamic sound. Influenced by the likes of Pantera, Machine Head, Tool, Mastodon, Fear Factory, The Dillinger Escape Plan, Meshuggah, Slayer and others, their sound is best described as Metal full of groove, power and melody. See more about on Equaleft's on this site: www.equaleft.pt.vu (only in Portuguese)

CDs:

Agenda: 18 Out 2008, 22:15 – Indy Bar - C/ Molestia+Anonymous Souls + Last of Them, Medas, Porto;- 22 Nov 2008, 22:00 – Indy Cat Piano Bar C/ Crushing Sun + E.A.K., Medas/Gondomar, Porto

Influências: Music we like, gender is for labels to sell

Fábrica de sonhos

Alternativa

From: Porto, Portugal

Profile views: 14490

Last Login: 27-07-2008

Sounds like:

About: A "Fábrica de Sonhos" nasceu do cruzamento da vida de sete pessoas. Foi no ano de 2006, onde depois de uma semana em que a música foi o principal elo de ligação

descobriram que, em conjunto, poderiam criar e evoluir sob a forma de um projecto musical com as mais variadas influências, e com um imaginário diferente. Na busca de novas emoções, tornam-se, também amigos, o que faz com que o trabalho intenso flua tornando-se uma necessidade, o abrir as portas à sua obra. A banda estreia-se, da melhor forma – na sua primeira actuação ao vivo, ao vencer o Concurso Nacional de Bandas Termómetro.

A partir daí a receptividade tem sido muito boa, mas tornando o grau de exigência ainda maior. Isso faz com que a banda evolua e procure na fusão das novas músicas do mundo, uma infinidade criativa, contando, também, para isso, com boas infra-estruturas a nível de uma vasta instrumentação.

No início do ano de 2008 a “Fábrica de Sonhos” consegue o seu primeiro EP. Um suporte que vai tornar importante a divulgação da sua música, que procura um espaço no panorama nacional. Um projecto onde os predicados como a: criatividade, originalidade e credibilidade são motivos que não nos vão deixar, certamente, indiferentes.

CDs:

Agenda: 1 Ago 2008, 22:00 – Praia cortegaça, Espinho, REGGAE BEACH PARTY; 5 Ago 2008, 23:00 – Figueira da Foz; 15 Ago 2008, 4:30 – Boom festival 2008 sacred fire, Alentejo; 13 Set 2008, 22:00 – Festival AnoZero, Pateira de Fremantelos, Águeda; 17 Out 2008, 22:30 – Teatro Circo

Falling

Rock / Alternativa / Grunge

From: Porto, Portugal

Profile views: 8024

Last Login: 28-07-2008

Sounds like: Falling Eden - Mean video-clip (Falling Eden EP 2004)

About: The present formation dates back to the year of 2001, year that the band was presenting live gigs all over the country with a different line-up. The project was created in 1998 with the intention to flow for strong rock original themes. Since then, Falling Eden has been having excellent critics to his shows and presentation recordings such as the demo cd's "the fall" and "nothing". The band decides to be more daring and accept the challenge for record and do a small edition their first EP with 5 themes, a video, and a tour. The band is: Pedro Amorim- Drums; Percussions Ricardo Oliveira – Lead Guitar Miguel Santos – Bass, Back Vocals Hugo Melo – Vocals; Rythm Guitar

CDs: "Do What you Got to Do"

Agenda:

HeavenWood

Metal / Gótica / Rock

From: Oporto, pt

Profile views:

Last Login:

Sounds like:

About: Heavenwood was originally formed as a death metal band under the monicker Disgorged in 1992. In 1995 tragedy struck the band as their current bass player committed suicide. They signed a record deal with the German label Massacre Records and their name changed to Heavenwood and released two albums. "Diva" was promoted with two European tours, the first in the end of 1996 with Atrocity and In Flames and the second one in the spring of 1997 together with Theatre Of Tragedy and Lake Of Tears. They also played with bands such as Cradle Of Filth and Moonspell between others in their home country. In 1997 DIVA was released in the Japanese market through MARQUEE BELLE EPOQUE Records with some extras. Their second album "Swallow" released in 1998 features guest appearances from Theatre Of Tragedy's female vocalist Liv Kristine and Gamma Ray's mastermind Kai Hansen. 1998 was the year for the first Portuguese Metal act on the famous WACKEN OPEN AIR FESTIVAL playing for a full WET STAGE with fans from all over the world followed by more European Tours with bands such as Atrocity, Solitude Aeternus, Saviour Machine and more. HEAVENWOOD would be considered Band sensation in many important Metal Magazines such as METAL HAMMER, ROCK HARD and a 4 in 5 in TERRORIZER Magazine was " a gift " for the Portuguese newcomers effort in the music scene.

Heavenwood were frozen from 2001 to 2003 due to some internal problems. After several line-up changes Bruno Silva turned into the second Guitar-player. October 2003 was the Official Return Show for HEAVENWOOD on the most important Live Rock Club in Portugal with a fullhouse night where almost 1000 people received the band with open harms followed by many gigs in Portugal and Spain. HEAVENWOOD 3rd album was frozen regarding a more dark-rock influence crashing with the interests of their label. February 2007 was the year chosen by Ricardo Dias, Bruno Silva and Ernesto Guerra to record some preview songs. Take my hand, Fragile, From dust to dust, Red Harvest, The sun burns red, Forthcoming hate, Slumber, Abyss masterpiece, 2012 a.c. were some of the new HEAVENWOOD tracks recorded in Studio 213 as a Advance Promo Cd. HEAVENWOOD played in two Portuguese Fests in 2007 presenting session musicians to complete " The wood legacy " with Luiz

Ferreira (drums) and Hugo Pires (bass). HEAVENWOOD Symbol was developed by Polish artist Wojtek Blasiak who designed MOONSPELL, VADER and many other bands Artwork. JMELLO Design from Brasil is the responsible for the official Myspace from HEAVENWOOD. HEAVENWOOD has set "Redemption" as the title of its third album, due in September 2008 via Recital Records (label that signed with them a record deal on last December). The group has tapped Jens Bogren (OPETH, SOILWORK, AMON AMARTH) who mixed and mastered the effort on the last April at Fascination Street Studios in Örebro, Sweden. The initial recording sessions for the CD took place at Ultrasound Studios with Daniel Cardoso and Ricardo Dias. HEAVENWOOD's forthcoming album will feature guest appearances by singer Tijs Vanneste of the Belgian progressive metallers OCEANS OF SADNESS, Firewind's Gus G and the unique Jeff Waters of Annihilator.

CDs: "Diva", "Swallow", "Redemption"

Agenda:

July Thirteen

Punk / Hardcore

From:

Profile views:

Last Login:

Sounds like:

About: July Thirteen had begun its musical history since 1998, when A.C.B. and De La Silva had made the band and some few songs. Later they needed a vocal player, Coimbra was at the same room as the other two and joined the band, Guito was the last member to join the band. They had made some shows and records along this time until they had a little conversation with Vitor Vitamina to play the drums and make those faster songs that you can listen on. In our days the band is more mature and sounds different too. Coimbra had left the band with some throat problems, A.C.B. had returned after a long period in Lithuania to play the bass, Guito is now the lead vocal and we are ready to rock all spots around the world. If you had enjoyed our songs, our Band and also the Merch we have, contact us at julythirteen.hc@gmail.com. We are waiting for you Bastardz... cheers 2007 Good news! We have a new formation since 13th July 2007 !! There's a new guy in the band: Ivo has joined the band to play bass after André leave to work elsewhere. Ivo played in punk rock bands like Radio Havana or AOK. Nowadays we're very motivated and eagerly waiting for the next gigs. This means we've been practising our new songs and we will soon be playing them live. For now you can check some new photos in our pics section and be

aware to this page for news and finally the tour dates for the presentation of our debut album!

CDs: "13 problems"

Agenda:

Kings of the road

Rock

From: Porto, Portugal

Profile views: 535

Last Login: 28-07-2008

Sounds like: Kings of the road

About:

CDs:

Agenda:

Loss spectra of pure

Metal / Death Metal / Trash

From: porto, portugal

Profile views: 52175

Last Login: 28-07-2008

Sounds like:

About: Well, the founders of the band were Ima and Ricardo (vocals and guitar) in the beginning of 2005, Porto - Portugal. After an arduous and long research (experiencing with other guys) it was found the respective members Pedro Souto, Pekas and Nuno (guitar, bass and drums) that were already friends of the band. At this time the band has been coming to compose and write music. The band has a lot of influences such as death metal, thrash and some metal and noisecore. Um obrigado muito especial para ti Pekas, pois foste um grande elemento :).

CDs:

Agenda: 4 Out 2008 20:00 Metalpoint, Porto

Made in PRC

Rock

From: porto, Portugal

Profile views: 521

Last Login: 02-07-2008

Sounds like: MadeinPRC

About: Em Junho de 2002 Hugo, Guilherme, João Paulo, Nuno e Bruno formaram a PRC Band, e, por brincadeira, decidiram tocar num café-bar da zona em que habitam, por alturas do S. João. Tocaram apenas covers de músicas portuguesas, com congas e guitarras acústicas sem amplificação. Pouco tempo depois, Guilherme e Nuno

deixaram a banda e os restantes elementos decidiram continuar com o projecto, mas com um novo nome, "Four Costumers", ao qual se junta o vocalista André. Este projecto falhou devido a motivos pessoais de cada um e Hugo sai da banda, juntando-se com Guilherme num outro projecto. Mais tarde, devido à incerteza que reinava nos "Four Costumers", João Paulo juntou-se também a este novo projecto, ainda sem nome. Por fim, a convite de Hugo, André junta-se a esta formação. Hugo na guitarra, Guilherme no baixo e coros, André na voz e guitarra e João Paulo na bateria formavam, assim, os Made in Prc que no seu primeiro ensaio compuseram a primeira música. Em meados de Dezembro de 2002, André surge com uma nova letra e música. A banda começava, então, a ganhar forma e o projecto tornava-se mais forte, até que na noite da passagem de ano de 2002/03, os quatro reúnem e escolhem para a banda o nome Made in PRC . O nome da banda surge do nome do espaço onde costumavam ensaiar, a P*ta Real Cave . Uma vez que o projecto teve nesse espaço o seu início, fazia todo o sentido que a banda se chamasse Made in PRC . A banda iniciou a sua viagem pelo mundo da música sem ter um estilo definido. Contudo, à medida que o tempo foi decorrendo e as músicas foram surgindo, pode-se dizer que a música dos MIP se confunde com um estilo Punk/Rock. Os Made in PRC optaram por escrever em português, seguindo um pouco o movimento "Venham mais cinco" , as letras são inspiradas no dia a dia, nos sentimentos, nas pessoas Em Março de 2003, já com originais ensaiados e prontos a serem apresentados e após uma persistente procura de local para montar uma sala de ensaios, fixam-se no coração da cidade do Porto, abandonando assim a Cave onde tudo começou e que lhes serviu de inspiração para o nome. Em simultâneo, começam a percorrer bares e cafés-concerto pelo Norte do País, dando a conhecer os seus temas. O primeiro grande teste dos Made in PRC foi o Festival de Música Moderna de Gondomar em 2003, onde durante quinze minutos electrizaram toda a plateia, com a melodia contagiante de Lady D., o poder da Timor, o aviso da B.b. e por último com a mais sentida música da noite, Estranho. A participação da banda neste festival trouxe-lhes experiência e motivação para dar continuidade a este projecto. Desde então a banda tem participado regularmente neste e noutros festivais e concursos de bandas. Em Julho de 2005 a banda foi escolhida para a final do concurso de bandas Tiro ao Rock ficando em quarto lugar entre bandas vindas de todo o país. Também, em Julho de 2005, um dos elementos decide abandonar a banda, juntando-se o Xony na guitarra.

CDs:

Agenda:

Influências: Xutos, Primitive Reason, Pearl Jam, Nirvana, Metallica, Incubus, Blind Zero, Falling Eden, Jorge Palma, Tool, RATM, Linda Martini, Pink Floyd

Mandrágora

Folclórica

From: Porto, Porto, Portugal

Profile views: 45937

Last Login: 29-07-2008

Sounds like: Free Folk

About: Mandrágora is a name of a plant that possesses fertilizing and aphrodisiac virtues, a medicinal root whose fruit, identical to a small apple, exhales a strong and fetid odour. The root of the plant has the form of a human being and in the popular belief, the mandrágora cries out as people when it is pulled out of the land.

Mandrágora is also the name of young band of OPorto, that distinguish themselves for the creativity of their original compositions, evoking the Portuguese musical tradition, and exploring the meeting with other cultures and still revealing a great diversity of influences of modern music.

The first meeting between Filipa Santos, Ricardo Lopes and Pedro Viana was in 1999.

In 2000 the trio formed Mandrágora with the recording of 3 musics that wonned the 2nd place in "Prémios Maqueta" (folk category), followed by the live debut of the band in the 1st Intercéltic Festival of Sendim now with Luis Martinho and Nuno Silva as part of the band.

In the following years the band preformed with different formations throughout Portugal and abroad. It was also chosen to represent Portugal at 2nd European Meeting of Young Traditional Musicians (Eurofolk 2002, Parthenay - France).

The CD "Mandrágora" was released in 2005 and was well received by the press and online community, winning also the "Carlos Paredes 2006" award, awarded annually to the best Portuguese instrumental music.

After Sergio Callisto and later on John Serrador were invited to join the band, the quintet begun to work in its 2nd album of originals.

The group made a musical in residence Langonnet (France) with the musical direction of Jacky Molard, which followed a tour in the region of Brittany with the musical guests Simone Alves on vocals and Guilhaume Le Guerne in Tenor saxophone and clarinet.

The 2nd album "Escarpa" was released in May 2008 and once again receive the critical praise. The nacional musical

guests are: Helena Silva on vocals and Francisco Madeira on vocals and guitars. The international music guests are: Matteo Dorigo (sanfona) and Simone Botasso (diatonic accordion).

CDs: "Mandrágora", "Escarpa"

Agenda:

Mantra Projekt

Experimental / Alternativa / Rock

From: Porto, Portugal

Profile views: 5509

Last Login: 25-07-2008

Sounds like: Mantras

About: MaNtRa Projekt nasceu em Outubro de 2006 pela vontade de M, N e P. Depois de entradas e saídas de colaboradores o line-up estabiliza em Fevereiro de 2007 com a entrada de R.

O objectivo do projecto veio em consequência da necessidade de divulgar o efeito dos sons e ultra-sons (mantras) do Yôga Antigo (SwâSthya Yôga), e assim tornar acessível a todos, através da música, uma das técnicas deste Yôga milenar.

A repetição dos sons e ultra-sons têm um efeito biológico de extroversão e a roupagem dada pelos MaNtRa Projekt vai apenas tornar acessível esta técnica e os seus efeitos. Outro dos objectivos do projecto é "Quebrar Paradigmas", mostrando que o mantra pode atravessar um universo musical muito vasto. Pelas influências pessoais dos elementos o som dos MaNtRa Projekt situa-se entre o rock alternativo até à música mais ambiental e experimental.

Durante 2007 o projecto gravou a DEMO 0.1 (em 4h no 1º de Maio), actuou 3 vezes (Durante o Festival do Yôga, na Póvoa do Varzim e no Cais de Gaia) e na Fábrica de Som onde partilharam o palco com os EQUALEFT. Tiveram também como o tema "Jaya Guru ÔmKara" no CD da edição nº 24 da revista Underworld, sendo estas pequenas mas importantes conquistas para um projecto tão recente.

Com os primeiros dias de Novembro e um ano depois do início do projecto, Pedro por motivos profissionais vê-se obrigado a deixar os MaNtRa. M, N e R encontram-se a redefinir e a descobrir o seu som, explorando mais os ambientes das melodias originais dos mantras.

Dez2007

CDs:

Agenda:

Influências: Mantras, Yôga, Lifestyle, Alternative Rock, Metal, Rock, Nature and also our own personal favorite bands.

Nanook

Blues / Rock / Funk

From: Gaia, Porto, Portugal

Profile views: 5703

Last Login: 27-07-2008

Sounds like: nanook

About: A formação da banda ficou completa a 28 de Agosto de 2006 após um ano de experiências e entradas de novos elementos. O primeiro concerto foi dado um mês depois, e desde aí, outros se seguiram na FEUP (Guitarmageddon), em Matosinhos (Nova Era Café, com "as luzes" ;) e em Arcozelo (grandes recordações!!!). Os ensaios eram "caseiros" na zona de Gaia (Arrábida) e recentemente mudamo-nos para o CC stop: "stop spot" rende! De momento procuramos um(a) teclista com criatividade e motivação para integrar um projecto em evolução. As músicas disponíveis foram obtidas em ensaios/jams através da gravação com um microfone geral e com um trabalho mínimo de edição, e outras ao vivo. Desta forma pretendemos divulgar o espírito e o som que procuramos. MySpace Layouts

CDs:

Agenda:

Influências: Pink Floyd, Janis Joplin, James Brown, Jimi Hendrix, The Doors, Jobim, Miles Davis, John Scofield, Morphine, Radiohead, Herbie Hancock, DEP, Led Zeppelin, Tom Waits, Joss Stone, Erykah Badu, Zappa, Marva Whitney, Elis, Ella

Negative gain

Death Metal / Grindcore / Experimental

From: Portugal

Profile views: 1317

Last Login: 11-07-2006

Sounds like: Tragedy.

About:

CDs:

Agenda:

Noose

Rock / Grunge

From: Portugal

Profile views: 4460

Last Login: 08-07-2008

Sounds like:

About: Depois de terem partilhado vários projectos, em Outubro de 2005 Nuno Silva, Paulo Caridade e Mosca juntam-se para formar os Noose. Munidos com uma

guitarra rockeira uma bateria notável e um baixo intenso, os noose não escondem que o rock é estilo de eleição da banda. Em meados de 2006, e depois de sensivelmente ano e meio de audições para encontrar um vocalista, a banda decide começar a compôr musica com a voz de Nuno Silva, e no inicio de 2007 viria a gravar a primeira maqueta (volupia). Desde então banda continua a compor novos temas com a actual formação.

CDs:

Agenda:

Influências: Rock bands

Nova Arcadia

Acústico / Experimental

From: Porto, Portugal

Profile views: 57019

Last Login: 27-07-2008

Sounds like:

About: Os Nova Arcadia são um projecto electro-acústico experimental, nascido no Porto em 2006. Com uma sonoridade actual e universal, de raiz portuguesa, marcada pelas violas, o baixo, as percussões e a guitarra portuguesa (de Coimbra), propoem-se transportar-vos para um cenário de experiências sensoriais que ultrapassam a audição, alojando-se no âmago pelo seu intimismo...

CDs:

Agenda:

OliveTreeDance

Acústico / Psicodélico / Trance

From: Oporto, Portugal

Profile views: 103853

Last Login: 27-07-2008

Sounds like: The heart bumping without stop

About: ..> Acoustic full on! HIGH ENERGY DANCEMUSIC "Olivetree" is music poetry for the earth! It invites to explore spirituality through movement and pays homage to dancemusic produced only with real acoustic instruments. - Is a simple idea of complex rhythmic games. The geniality of this sound, highly energetic, is played using only a regular set of drums, percussions and didgeridoo, the aborigine instrument of Australia, or ..Yidaki.. wich opens the doors of the "Dreamtime" and connects us to the big spirit. Using just real instruments with an astonishing capacity, without any effect, sample or overdub, "Olivetree" is a trio with strong live energy, that plays a fusion of latin and afro brasilian styles full of ancient sounds with contemporary rhythms of tecnoland

which creates a vibrating and fresh organic dancemusic, featured by irregular tempos and tasty grooves. They had real presence in the last internacional didj fest of Amsterdam RUIGOORD. Their participation in the ETNIC FESTIVAL of OPORTO ..ETNIAS 05.. rewarded them with splendid reviews on the national press .. BLITZ : ..Coming from another planet..is the best sound that is being made in Portugal!..... BLASTED "XAMÃ" OLIVEDISCLAIMER: Here is the thing. I love all the mail and comments I get, but I can't possibly answer and post each and every one. Please know that I DO read all of them and I appreciate your time and energy. Also, "Thanx for the add!" comments are now a thing of the past as are comment images that haven't been resized to fit the design of this page. I'm not all that big on graphics in the comments, unless they are truly amazing. In short, "Thanx For The Add" and graphics: Denied!

CDs:

Agenda: 26 Jul 2008, 23:00 – IV - FESTIVAL TRIBAL 08, Nelas-Viseu; 1 Ago 2008, 22:00 – Cerka'l Festival - Barcelona, Pueblo de Piera, Barcelona; 2 Ago 2008, 22:00 – Abertura FESTIVAL dos OCEANOS, Lisboa; 4 Ago 2008, 23:00 – ANDANÇAS, S. Pedro do Sul, Viseu; 7 Ago 2008, 22:00 – ANDANÇAS, S. Pedro do Sul, Viseu; 9 Ago 2008, 22:00 – Festival ANDANÇAS, S. Pedro do Sul, Viseu; 13 Ago 2008, 22:00 – STONE FESTIVAL, Pedras Salgadas, Vila Real; 14 Ago 2008, 23:00 – FESTIVAL M.U.N.D.O., Viana do Castelo; 19 Ago 2008, 22:00 – Aniversário da Casa da Juventude de Sines, Sines; 21 Ago 2008, 21:00 – Festival MARÊ de AGOSTO – Abertura do palco principal, Sta Maria, Açores; 17 Set 2008, 22:00 – Café Concerto TEATRO VIRIATO-pt, Viseu

Influências: World Trance , Drum n' Bass , Jazz, African and brasilian music, classical, ethnic.

Only Time Will Tell

Death Metal / Black Metal / Experimental

From: Porto, Porto, Portugal

Profile views: 5526

Last Login: 24-07-2008

Sounds like: Only Time Will Tell

About:

CDs:

Agenda:

Influências: All the living and dead things around us, the first knock of a coffin by the morning, the dove that flies by the cemetery while a funeral is occurring, the sound of the wings of the devil, flesh rotting, being cut, being torn into pieces. Basically all that is inspiring, all that is music, all that is people, all that is horrifying, out of this world,

dark, influencial, dead and alive. Ghosts, horror movies, scary shit. We all love SILENT HILL!

O Projecto é Grave!

Alternativa / Outro

From: Porto, Portugal

Profile views: 5063

Last Login: 07-06-2008

Sounds like: Banzé

About: O Projecto é Grave nasceu no 25 de Abril de 1999 no bar Aniki Bobó para comemorar a data com interpretações das músicas da revolução. A formação de então com um contrabaixo e um baixo sugeria um jogo de sonoridades graves que contribuiu para o nome. Hoje em dia, a banda com 7 anos de existência, tem outra formação e carácter musical, passou por muitas actividades criativas que trouxeram outro significado ao seu nome. Sérgio Martins, o irmão do contrabaixista veio para o grupo como baterista e surgiu a Marta Bernardes na voz principal. A banda começou a compor originais e a organizar concertos por conta própria que começaram a chamar a atenção de alguns agentes musicais. Em 2004 o grupo aumentou com a inserção de vídeo em palco com Telmo Sá e Thierry Lambert aka iNDIVIDEO que tornaram levaram o espectáculo a outras dimensões. Em 2002 começaram a trabalhar com a Banzé de Zé Costa e o ritmo de actividades aumentou consideravelmente. De registar concertos no Hard Club no Festival Super Bock Super Rock, palco secundário do Festival do Tejo, vários concertos no café concerto e grande auditório do Teatro Municipal Rivoli, Aniki Bobó, Festival Blue Spot 2002 Teatro Sá da Bandeira, Passos Manuel, Maus Hábitos, etc. Entretanto a banda organizava outros concertos por conta própria. Com o ritmo de actuações regular a banda ficou em condições de gravar um primeiro EP. Este não chegou a ser editado. Passado 1 ano foi gravado um outro EP de gravação totalmente caseira. Neste momento existe o álbum Benjamim que reúne muito deste material.

CDs:

Agenda:

Original Pressure

Drum and Bass / Jungle / Breakbeat

From: Porto, Portugal

Profile views: 8140

Last Login: 28-07-2008

Sounds like: Drum and Bass; Breakbeat; Jungle; Techno; Psy; Liquid; Tech-step; Jump-up;neurofunk;dubstep

About: Original Pressure surge em 2006, de um grupo de amigos, com o gosto mutuo pelo Drum and Bass em diferentes vertentes. Inicialmente focado na arte do djing, este movimento alastra-se pelo campo da produção electrónica, com tendencias que variam entre o liquid, jump-up e tech-step, nao estando "agarrado" a só uma vertente deste estilo. O próximo passo de Original Pressure é mudar o conceito que se associa o Dj a uma rave, inserindo uma tendencia pouco vista nesta area, associando Live-Act e/ou concerto a rave, de modo em que as batidas possam estar ligadas ao ouvinte na forma mais expressiva da musica eletrónica, o espirito rave. Original Pressure brevemente apresentará neste espaço as suas músicas, e também se apresentará ao vivo mal estejam reunidas as condições suficientes para um bom espetaculo.

CDs:

Agenda:

Influências: John Coltrane, Miles Davis, Herbie Hancock, Jojo Mayer, Nerv, Noisia, Pendulum,goldie,D bridge,bad company,hi fidel cartel, DJ ODER,calyx,spor,Future Prophecies, Audio, High Contrast, Black Sun Empire,lynx;drumsound and bassline smith; dj hype,ed rush and optical,agent alvin,Infected Mushrooms, Goa Gil, Domestic, Kindzadza, Ravi Shankar , Zakir Hussain, Olive Tree and much much more...

Plasticina

Reggae / Ska / Other

From: Porto, Portugal

Profile views: 18081

Last Login: 2/2/2006

Sounds like: Novo Reggae Popular Urbano

About: Plasticina sao do Porto, uma banda com cerca de 2 anos e meio.

Juntaram-se com o intuito de se divertirem e fazer da sua música um meio de transmitirem a sua mensagem. Optam por cantar em portugues porque e a lingua mais bonita que conhecem. As letras falam de amor, paz e da necessidade de mudar a nossa sociedade tornando o mundo um espaço de respeito entre os homens e a mãe Natureza, com mais prazer em viver.

O estilo musical de Plasticina situa-se algures entre o Reggae e Ska, com algumas influencias de musica tradicional portuguesa e africana. Autodenominados como mentores do Novo Reggae Popular/Urbano. Plasticina tem previsto para muito breve o primeiro trabalho/demo gravado em estudio.

Neste momento so e possivel ouvir Plasticina em algumas gravacoes ao vivo.

Paz Alegria Amor Sabedoria

CDs:

Agenda: 15 Ago 2008, 22:00 10:00 PM – Festival ByonRitmos
Baião, Baião, Porto -

Pestifer

Death Metal

From: Oporto, Porto, Portugal

Profile views: 9385

Last Login: 28-07-2008

Sounds like: pestifer

About: Pestifer start to spread the plague in the year of 2000. In 2004, with our first complete line up, Pedro Silva (vocals/lead guitar), Morto (rhythm guitar), João Pedro (drums) and Valter (bass), we played our first show.

Since then we share the stage with bands like Fleshgore, Lost Soul, Decrepidemic, Caustic, Sanatorium, Fetal Incest, Infernal Kingdom, Pitch Black, Encephalon, Fili Nigrantium Infernalium, etc. In 2006 we played in SWR's Metalfest - Barroselas, one of the most brutal and famous metalfests organized in Portuguese territory, with such metal acts as Bolt Thrower, Carpathian Forest, Suhrim, Adorior, Hate, God Dethroned, Katakism and many more. Late at the same year, drummer João Pedro and bass player Valter left the band. We started searching for new members. Drummer Gabriele was found, entering the band in early 2007. More Information will be posted soon. DEATH IS OUR PURPOSE!

CDs:

Agenda:

Influências: Morbid Angel, Rebaelliun, Angel Corpse, Krisiun, Monstrosity, Diabolic, Slayer, Possessed, Bathory, Sacrifice, Mercifull Fate, Dissection, Unleashed, Razor, Infernal Magesty, Dark Throne, Whiplash, Venom, Malevolent Creation, Suffocation, Death, Kreator, Sodom, Centurian, Judas Priest, Deicide and many more...

Plaggio

ROCK / INDIE / PROGRESSIVE | PORTO, PORTUGAL

From:

Profile views:

Last Login:

Sounds like:

About: Os Plaggio surgiram nos finais de 2005 com vontade de criar um rock alternativo sedento nas novas tendencias de modulação algures no universo Rock e Electronica, vingando-se numa lirica intensa, por vezes intimista, em Portugues obviamente. Todos os membros

da banda deambulam pela INVICTA embora cada qual venha de cidades distintas como: Vila Real, Guarda, Macedo de Cavaleiros, Albergaria-a-Velha... O que da um aspecto "colectivamente" individual ao genero pois cada musico se distingue dos outros por entre variadas influencias. Contam desde ja com um curriculum vasto de concertos por todo o país, dos quais se destacam a abertura da queima das Fitas do Porto com Blasted Mechanism, Queima das fitas de Viana do Castelo com hands on approach e Rock in Rio Lisboa 2008 no palco sunset com Cla, Pato fu, Buraka som sistema, entre outros.

CDs:

Agenda: Jun 26 2008, 8:00PM – Festejos São Joaninos, Porto

PontoG

Rock / Rock / Rock

From: Porto, Portugal

Profile views: 1230

Last Login: 28-07-2008

Sounds like:

About: Ponto G é o meu projecto a solo. Tem por base o rock nas suas formas mais variadas. O caminho esse ainda é longo... mas o espírito e o suor estão cá bem presentes...

2008 foi o início

O rock é um forma de vida, uma escolha...

A canção rock será sempre eterna...

Por isso

Long Live Rock n' Roll

Ponto G

CDs:

Agenda:

Repórter Estrábico

Pop / Rock / Eletrônica

From: Portugal

Profile views: 6874

Last Login: 29-07-2008

Sounds like:

About: Ever since 1985, Repórter Estrábico have been flooding the market with their pertinent techno pop, in equal measures innovative and ironic, on such essential albums as "Uno Dos" (1991), "1Bigo" (1994), "Disco de Prata" (1995), "Mouse Music" (1999), "Requiem" EP (2002), and 2004's "Eurovisão".

Mixing digital programming with the performance of

accomplished musicians in the classical pop recipe that is their unmistakable signature sound, garnished with a vast and varied salad of sources and accompanied with a deliciously full-bodied beat, the result is a truly exciting dish.

Widely regarded by their audiences and critics alike as one of pop's most interesting bands, Repórter Estrábico tread their path with relentless confidence in the face of adversity, and leave indelible footprints in the history of modern music.

In 2007, they are inviting DJs and producers worldwide to REmix their considerable musical legacy.

CDs: "UnoDos", "1Bigo", "Disco de Prata", "Requiem", "Mouse Music", "Eurovisão"

Agenda:

Samuel Quinto

Jazz / Latino

From: Oporto - Portugal, Brasil

Profile views: 12041

Last Login: 28-07-2008

Sounds like: Samuel Quinto Trio - Nith and Day

About: Samuel Quinto is a pianist with great expressive resources, therefore he unites the improvisation capacity - that coming of the free-jazz's practice - to the memory of Brazilian and Latin American popular music in general, that gives to him to make an use of the piano as an instrument with double function to emphasize and to amplify melodies and voices and over all to support or even to base the rhythm, the cadence of the phrases, sometimes as if he incorporated the percussion.

While a producer of the Brazilian singer-composer of the MPB Vanessa Pinheiro, in Portugal, I could follow the participation of Quinto in Coimbra (at Teatro Académico de Gil Vicente, it belongs to Coimbra's University) and in Viseu.

At this concert in Coimbra, where only the pianist makes a duo with the singer, I just watched great solos, just fascinating, for the emotion that crossed the room, with 400 spectators. In the memory, continues those beautiful cadences, following a song of Andalusian tone, and an interpretation - piano solo - of a famous and melodic song (Luíza - Tom Jobim). That concert was just unforgettable for all of us.

After this, I watched some concerts of his project "Latin Jazz Thrill" and I can affirm that Samuel Quinto dedicate seriously in any occasion, at the same time also he enjoys of the pleasure that he can provide.

CDs: "latin jazz thrill"

Agenda: 10 Set 2008, 21:30 – Auditório Jazz ao Norte

– Solo, Porto; 6 Dez 2008, 14:30 – Jazz Ao Norte –
Masterclass – Latin Jazz, Porto; 6 Dez 2008, 21:30 – Jazz
Ao Norte – Solo, Porto

Sankalpa

Ambiente / Alternativa / Progressivo

From: Porto, Portugal

Profile views: 3267

Last Login: 17-07-2008

Sounds like:

About: Sankalpa uma palavra Sanscrita. Lingua esta que ja se encontra extinta. Significa intencao, intencao na accao,.. a intencao em fazer-se algo. "Semente que fertiliza toda a accao." PROF. LUIS LOPES (Presidente da Federacao de Yoga do Norte de Portugal). SanKalpa o nome dado a este projecto de tres Instrutores de SwaSthya Yoga que demonstram uma das mais belas tecnicas de auto-desenvolvimento e auto-conhecimento, atraves do seu raro e unico espetaculo. Os Mantras, sao vocalizacoes de sons e ultra-sons surgidos ha mais de 5.000 anos na India. Estas vocalizacoes sao extremamente poderosas, e actuam directamente nos varios estados de existencia do Ser Humano (corpo fisico, energetico, emocional, mental, etc.). Funcionam atraves da aplicacao da repeticao dessas vibracoes produzidas de maneira correcta. No projecto SanKalpa todo o esforco foi concentrado em manter intactas essas vocalizacoes milenares, valorizando-as, ornamentando-as, e fortalecendo-as com o conhecimento musical de cada um dos membros.

CDs:

Agenda:

Scarificare

Black Metal

From: Portugal

Profile views: 8142

Last Login: 28-07-2008

Sounds like:

About: scarificare was formed in late 2006 by Crusher (Bass/Vocals) and Quetzalcoatl (Guitars), ex-members of Serpent Lore and Wrath, and Sothis (Drums).

The main purpose of the band is to make extreme metal music inspired in the dark part of the human mind and form the strength that we afford from it. In early 2007 and based in that ambition Inverno was invited to make part of Scarificare to play Bass leaving Crusher totally dedicated to the Lyrics and Vocals.

After some gigs in Porto (local town) and Covilhã highly acclaimed by the audience, Scarificare enter in studio to record their first demo-tape "Sulphurous Wrath" by the Portuguese label Misanthropic Records in the cold winter of 2007.

In early 2008 Sothis leaves the band giving place to Bellerophon (Drums).

During this year, the band will promote the demo expecting to record a new one again on winter fall.

CDs:

Agenda:

Sculp

Metal / Death Metal / Progressivo

From: Porto, Portugal

Profile views: 2135

Last Login: 27-07-2008

Sounds like: Metal

About: The flames begun to consume every single bone in the first half of 2006... building a structure of empty veins that link us in our endless search for freedom. Lifeless we breathe while the blood wrings itself from a beautifying death created to kill the inner pain. Through all barriers we ascend... descending mediocre hearts from this life.

CDs:

Agenda:

Influências: Death, Quo Vadis, Arsis, Behemoth, Nevermore, Nile, Machine Head, Carcass, Dew Scented, Exodus, Kreator, Atheist, Cynic, Anata, Lykthea Aflame, Psycroptic, CarnalForge, Cryptopsy, Necrophagist, Decapitated, Dying fetus, Suffocation, Vile, Vomitory, Vader, Deicide, Obituary, Children Of Bodom, Kataklysm, Hypocrisy, Hate eternal, Deeds of flesh, Arch enemy, Morbid angel, Cannibal Corpse, Amon amarth, Slayer, Pantera, Testament, Megadeth, Severe Torture, Immolation, Hate, Lamb Of God, Jorn, Masterplan, Ark, [...]

Secrecy

Gótica / Metal / Rock

From: Oporto, pt

Profile views:

Last Login:

Sounds like:

About: "SECRECY WERE BORN IN 2001 OFF THE ASHES OF TWO PREVIOUS PROJECTS (IGNOTO DEO AND MY FALLEN ANGEL). IN THAT SAME YEAR THEY GET SPONSORED TO

RECORD A DEMO CD, WHICH LATER HAD WON PRIZES FOR "BEST DEMO" AND "BEST SONG" ("COLD AS ICE").

IN 2002 THE BAND GETS SELECTED TO RECORD THE SONG "FALLING", WHICH WAS RELEASED ON A COCA COLA GARAGE BANDS COMPILATION. IN 2003 THE BAND SIGNS TO ETHEREAL SOUND WORKS AND STARTS RECORDING THEIR DEBUT ALBUM "BENEATH THE LIES", WHICH SEES THE LIGHT OF DAY IN 2004 AND GETS EXCELLENT REVIEWS FROM ALL OVER THE WORLD. TWO SINGLES FROM THE ALBUM ARE ALSO RELEASED IN 2004 AND 2005: "PERFECT ISOLATION" AND "FALLING". THE TRACK "SECRECY" IS ALSO RELEASED ON RUSSIAN LABEL SHADOWPLAY'S "A KISS IN THE REPTILE HOUSE" COMPILATION IN 2006. ALONG THE LAST FEW YEARS, SECRECY HAVE PLAYED WELL OVER 50 LIVE GIGS AND HAVE VISITED ALMOST EVERY GOOD STAGE IN PORTUGAL. THE BAND HAS ALSO SHARED STAGES WITH IMPORTANT BANDS SUCH AS INKUBUS SUKKUBUS (UK), SANGUIS ET CINIS (AT) AND STAR INDUSTRY (BE).

NOW, AFTER SOME LINE-UP CHANGES, SECRECY HAVE JUST RECORDED A PROMOTIONAL EP "SWEET DARK LOVE" AND ARE MAKING WAY FOR THEIR SECOND ALBUM IN 2008."

CDs: " BENEATH THE LIES", "FALLING"

Agenda:

Sektor 304

Experimental / Industrial / Psicodélico

From: Porto, Portugal

Profile views: 16666

Last Login: 28-07-2008

Sounds like: A construction site

About:

CDs: "Transmissions", "Primary Interface"

Agenda:

influências: Dissecting Table, Einsturzende Neubauten, Test Dept, Linija Mass, Vetrophonia, ZGA, S.P.K., Swans, Glenn Branca, King Crimson, Celtic Frost, Larry Young, German Oak, Don Caballero, Gila, Massada, King Tubby, Siloah, Wolfgang Dauner & Et Cetera, Alex Cline, Seesselberg, Edgard Varèse, Dub Specialist, Robert Fripp, Area, Him(Doug Scharin), Iannis Xenakis, Floh De Cologne, Blood From The Soul, Bill Laswell, El Hombre Trajeado, Dies Irae, Butthole Surfers, Slayer, Godflesh, Ministry, Stephan Micus, Maria Zerfall, Throbbing Gristle, Isolrubin Bk, Neu!, Alcatraz, Hawkwind, Funkstillesender, Young Gods, kim Fowley, Genocide Organ, Acid Mothers Temple, Pink Floyd, Carcass, Comets On Fire, Comus, Amon Duul, Amon Duul II, Groundhogs, Achim Reichel, Eloy, Conrad Schnitzler, Stars of Lid, Asmus Tietchens, Klaus Schulze, Frank Zappa, Absolute Zero, Hella, Massacre, Univers Zero,

Karlheinz Stockhausen, John Zorn, Archon Satani, Nurse With Wound, Andrew Iles, Lard Free, Nocturnal Emissions, A.R. & Machines, Autopsia, Zoviet France, Captain Beefheart, Zu, Lustmord, Esplendor Geométrico, Tangerine Dream, John Duncan, Kraan, Neurosis, Palais Schaumburg, Annexus Quam, Brainticket, La Dusseldorf, Z'ev, Ramleh, old Laibach, Skullflower, Deuter, Manuel Gottsching, Floh De Cologne, Kollektiv, Pyramid, Limbus 3, Limbus 4, Consumer Electronics, Luigi Russolo, F.M. Einheit, John Murphy, Kraang, Knifeladder, Holger Hiller, Negativland, Renaldo & Loaf, AMM, Monte Cazazza, Napalm Death, Art Bears, James Plotkin, Soft Machine, Head Of David, Brainstorm, Cornucopia, Arcane Device, Meira Asher, Luc Ferrari, Sun Ra, Pierre Schaeffer, John Watermann, Thomas Koner, Band Of Pain, Schloss Tegal, PGR, Amon, Grim, Fall Of Because, Non Toxique Lost, Der Plan, Tortoise, Ui, Gong, Vivenza, Julian Cope, Pere Ubu, Labradford, Atrax Morgue, Popol Vuh, Can, Faust, Sunn O))), Sutcliffe Jugend, Haus Arafna, Bourbonese Qualk, Hospital Psiquiátrico, Osso Exotico, No Noise Reduction, Ocaso Épico, Ode Filipica, L'ego, Hist, Sikhara, Most People Have Been Trained To Be Bored, Wolfskin, Pyrolator, Naked City, Lost Gorbachevs, Erkki Kurenemi, Intrinsic Action, Illusion Of Safety, Contrastate, Brighter Death Now, In Slaughter Natives, Soopa, Velehentor, Urna, Maurizio Bianchi, YAO 91404 D, Coil, Bardoseneticcube, Thu 20, Pan sonic, Scorn, Geins't nait, Cluster, Kluster, Harmonia, Guru Guru, Agitation Free, Zweistein, This Heat, Swell Maps, Xhol Caravan, Art Zoyd, Kraftwerk, Organisation, Le Syndicat, Cabaret Voltaire, Ash Ra Tempel, Cosmic Jokers, H.N.A.S., Foetus, Genetic Transmission, Organum, and many more...

Slow Motion Beerwalk

Rock / Alternativa / Grunge

From: Porto, Portugal

Profile views: 27799

Last Login: 28-07-2008

Sounds like: Rockiiiiiiiiiiii!!!!!! :)

About:

CDs:

Agenda: 06 Set 2008, 22:00, 10:00 PM – Festival do Ave (por confirmar), Riba de Ave, Famalicão

Influências: Cada um tem a sua, mas como ponto em comum est.. o som de Seattle

Sun of a beach blues band

Blues / Rock

From: Porto, Matosinhos, Valongo, Gaia, Portugal

Profile views: 8606

Last Login: 23-07-2008

Sounds like: Hard Bluesy Rock

About: The band was formed in 2005 in Porto city (Portugal), we have met in high school and we have tried to make a rock band. And we've made it. We have always heard Hard Rock and Blues like AC/DC, Deep Purple, Led Zeppelin and also Pink Floyd, Queen, etc... We needed to do something like that too! Like a tribute to that Rock gods!

CDs:

Agenda:

Influências: AC/DC; Ugly Kid Joe; Led Zeppelin; Deep Purple; Jimi Hendrix Experience; Black Sabbath; ZZ Top; Steppenwolf; etc...

Tchakare Kanyembe

Afro-beat

From: Porto, Portugal

Profile views: 3648

Last Login: 03-07-2008

Sounds like:

About: LOOKING FOR A VOCALIST!! IF YOU ARE INTERESTED READ BELLOW! After 3 years working with vocalist Simonal Bie, Tchakare Kanyembe and himself found it was the right time to go separate ways. Thus they are now searching for a new soul to express in words and melody the spirit of the band. For doing so, they have gathered four songs from an album's pre-production they were working on, MAYEN KAYA - DUB VERSION being one, and are giving them without the vocal tracks to those who wish to try out for the band, so they can work on the songs before they audition. If you think you got what it takes leave a message and we'll get back to you asap. Until they find the perfect piece to fill the void, they are filling it themselves, performing instrumentally, still playing live as much as possible, still striving to release themselves and those who join them from all demons.

CDs:

Agenda:

Teia

Rock / Experimental / Outro

From: Porto | Oporto, Portugal

Profile views: 21347

Last Login: 01-07-2008

Sounds like:

About: Fundados em 2004, os Teia são uma banda

de “rock’s”! Usam o som em função das palavras. Inevitavelmente, o “som rock” mostra-se por vezes escasso para responder às inquietações da banda na hora de comunicar. Resultam numa fusão de múltiplas sonoridades que convergem num rock talhado, e retalhado, por uma parafernália de influências oriundas de toda a parte. Editaram em 2007 o E.P “LENGALENGA” produzido por Rodolfo Cardoso e pelos Teia.

CDs:

Agenda:

Tetris

Rock / Progressivo

From: Porto, Porto, Portugal

Profile views: 15619

Last Login: 22-07-2008

Sounds like: T E T R I S

About: Da união de três amigos, descobriu-se o gosto comum pela Música...Depressa surgiu a vontade de fazer algo próprio, mas diferente, deixando para trás as primeiras Covers. Com o passar do tempo, começam a despontar novas pessoas que querem participar, sítios onde se emitem os primeiros sons e experimentalismos... todos ficam na memória. Finalmente, em 2007, o projecto ganha a sua Identidade. A juntar-se às guitarras com pormenores melodiosos e distorções mais agressivas, surge uma bateria segura e criativa, que dá cor às primeiras músicas. Mas algo continua a faltar, que marque pela presença e originalidade: aparece, então uma voz, limpa e suave, mas cheia de força para contrastar com um Rock de raiz mais directa. Toda esta mistura culmina em algo a que chamamos T E T R I S: o encontro e encaixe de cinco peças, cinco personalidades distintas, aliadas às diferentes influências musicais que cada um dos elementos carrega: partindo do Rock, passando pelo Jazz, Country, Blues, Pop, Indie, etc... Esta fusão vai sendo criada pelo Porto, para os lados de Campanhã, estendendo-se a Amarante e Viana do Castelo. Tendo como base o Rock, que pretendem que seja alternativo e cativante para todos, os TETRIS vão começar o seu Jogo, tendo a certeza que o melhor “Prémio” será certamente não haver “O Fim do Jogo”.

CDs:

Agenda:

Influências: Emaranhado de Influências, culminando num estilo Tetriano. Desde o Rock mais Vintage até aos Experimentalismos Sónicos mais Inventivos.

The Mad Dogs

Rock / Blues / Rockabilly

From: PORTO-Bolhão, Portugal

Profile views: 29409

Last Login: 28-07-2008

Sounds like:

About: Os “The Mad Dogs” são uma Banda de Rock N’ Roll do Porto nascida em 2004 pela união de 5 elementos apaixonados por uma sonoridade e atitude: o ROCK n’ ROLL. Influenciados pelo Blues e pelas bandas de rock dos anos 60 e 70 os “cães do Bolhão” praticam uma abordagem feroz do rock n roll e deixam a sua marca em todos os palcos que põe os pés. O Festival Rock A Lot na Póvoa de Varzim, a Queima das Fitas no Porto, Festival do Avante, Hard Club e Semana do Enterro de Aveiro, são alguns dos palcos por onde já passaram. “This is rock n roll, the blues electric soul...”o comboio já partiu, corram atrás dele, Rauf N..Roll!!!!

CDs:

Agenda: 17 Jul 2008, 22:00 – Plano B,Porto; 29 Ago 2008, 23:45 – VieiraRock08, Vieira do Minho

Influências: The Rolling Stones, Guns N’ Roses, The Who, Led Zeppelin, Jimy Hendrix, Velvet Revolver, Iggy Pop and The Stooges, Sex Pistols, the Bark of a Dog, The Cream, Jack Daniels, The Datsuns, Aerosmith, Henry Miller, Pearl Jam, AC/DC, Queen,SRV, Janis Joplin, Robert Johnson, the Doors, the Beatles, Muddy Waters and all masters of Blues and Rock N’ Roll!!!!

The Portugals

Indie / Pop

From: Portugal

Profile views: 40268

Last Login: 29-07-2008

Sounds like: sweet & romantic pop songs! tipo tony de matos.

About: Não era caso pra tanto! O Né, Emanuel e a andreaia, três bandalhos a estudar em coimbra, formam os The Portugals em 2004. Em resposta, cada português põe uma bandeira espetada na janela! Os The Portugals agradecem e retribuem com sandes de queijo e marmelada. Estes 3 meninos ensaiavam no quarto, baixinho e cuma mantinha a cobrir as perninhas. Para ganhar coesão o meio-campo dos the portugals fez entrar paulo barreto (uma espécie de jaime magalhães) para arrumar a casa. durante o processo os the portugals ficam reduzidos a dez unidades (né e paulo). Em maio, quem sabe, no dia 13 começam a tocar ao vivo. eh pah!, olha o que vem já aí em baixo! num é que é o videozinho

da give it to me...

CDs:

Agenda:

Influências: conjugam-se em trios: picture picture, wes, pulp | slowdive, whitesnake, los del rio | the radio dept., kings of convenience, josé malhoa | adelaide ferreira, battles, air | afonsinhos do condado, ratatat, blonde redhead

Uno Esquimo

Rock

From: Portugal

Profile views: 97

Last Login: 08-01-2007

Sounds like:

About:

CDs:

Agenda:

Unumani

Alternativa / Rock / Experimental

From: V.N. Gaia / Porto, Portugal

Profile views: 2595

Last Login: 25-07-2008

Sounds like:

About:

CDs:

Agenda: 5 Jul 2008 22:00 VERSÃO 1.3 @ INFINITUS CAFFE MAIA

Influências: Space Oditty

Urban War

Metal / Thrash / Hardcore

From: Oporto, Porto, Portugal

Profile views: 26665

Last Login: 28-07-2008

Sounds like: ... nothing you have ever heard before...

About: It was in the end of 2005, after a long search for a vocalist, that the formation of "Urban War" was finally complete. At that time, Ricardo "Chipa" (vocals), joined Pedro "Espinha" (guitar), Emanuel "Nelo" (drums), Filipe (bass) and Chico (DJ).

The 5 elements of the band, brought a lot of different influences, from the heaviest metal, to punk, ska, funk or even reggae, bringing life to a very characteristic sound that defines "Urban War".).

Since then, there have been appearing new songs and

new ideas, and in March 2006, "Urban War" gave their first concert, that went beyond all expectations.).

Many other concerts followed in different places in the city of Oporto and surroundings, such as "Maus Hábitos", "Bar Condicionado", "Maré Alta", among others, until, in the middle of 2006 there was a setback. Chico (DJ) left the band and it forced a reorganization witch lead to change the rehearsal place and to the much considered decision of continuing without a DJ.).

New songs were created and the oldest ones had to suffer several modifications in a way to adapt to the new formation of the band. The "Urban War" became "heavier", more cohesive and more alternative. The band was stronger than ever and ready to move on and get back to the concerts, witch happened in October of that sabe year.

The first concert without DJ was the confirmation that there were conditions to continue with only 4 elements. It was time to go back creating new songs...

2007 Was the year of the consolidation of the band. The "Urban War" were been defined with a very characteristic identity and there was a big investment in gear to improve the quality of the concerts. It was time to present the band and the first work (demo) named "7h3 WAR 1S COM1N6" was recorded with two original songs ("Devil's Throat" and "Unable to Die"). T-Shirts, stickers and pin's were made to spread the work.

2008 Will be the year of the recording of the first EP and it will be made an even bigger bet in concerts. There will be introduced new works and expect meny surprises this year.... You can count on it!!!!

CDs:

Agenda: 8 Ago 2008, 20:00 —Who's watching you? tour@ Improviso bar, Espinho; 15 Ago 2008, 20:00 – Who's Watching You? Tour@ Festival de música moderna Gondomar, Gondomar, Porto; 22 Ago 2008, 0:00 – Who's Watching You? Tour@Concentração Motard de VILAR DE MOUROS, Vilar de Mouros

Variety Vier

Rock / Rock / Rock

From: Porto, Porto, Portugal

Profile views: 1202

Last Login: 27-07-2008

Sounds like:

About: A ideia surgiu há cerca de um ano atrás. Cinco raparigas da mesma escola, unidas pelo rock, decidiram juntar-se e formar uma banda. Na altura "Hard Candy" contava com a Cláudia (vocalista), Diana (teclista), Inês (Baterista), Chiné (guitarrista) e Rupa (baixista). Era um

bom projecto mas com muitas dificuldades para arrancar. Por motivos pessoais, a Cláudia e a Diana decidiram sair da banda, e aí encontramos a actual vocalista - Kokas. Os problemas regressaram e a Inês abandonou também a banda, sendo substituída pela Né. Após uns meses sem ensaios por falta de tempo e também de motivação, conhecemos a Ana Filipa que acabou por entrar para a banda como baterista. Assim, com a Kokas na voz, a Chiné na guitarra, a Rupa no baixo e a Pippa na bateria a banda ficou completa e decidimos recomeçar do zero, dando um novo nome à banda "Variety Vier". Estamos inspiradas e o caminho está a nossa frente, não vamos desistir até apresentar a nossa música! Beijos e muito Rock para todos!

CDs:

Agenda:

X-Cons

Punk / Hardcore / Rock

From: Porto, Porto, Portugal

Profile views: 27655

Last Login: 27-07-2008

Sounds like: Getting out of Jail

About:

CDs: "Pride of the free"

Agenda: 19 Jul 2008, 20:00 – Sto Tirso, Porto; 4 Out 2008, 20:00 – TBA, Sesimbra, Lisboa; 5 Out 2008, 17:00 – Corroios

Influências: Every Punk rock bands that we've have listen thru all this years

Y?

Rock / Metal / Alternative

From: Oporto, Portugal

Profile views: 140201

Last Login: 7/10/2005

Sounds like:

About: Y? got together on March 2005 to start their course in music. Gathered by numerous influences, the band members, total strangers until then, joined in an Alternative Hard Rock sound. Metallica, Iron Maiden, Guns Roses & Korn, among others, are some of the major inspirations they have in common. The songs talk about everything, but mainly focus on relationships, not strictly love but in general. The bands logo is filled with images and meanings. Its an answer and a question to the bands name. Y? wants to give people something to think about, something to identify themselves with.

Less than a year and a half later, more than ten original songs and a good round of concerts played, the band decided to enter studio to record what would be, their first Promo CD. Produced by Luis and Paulos Barros - from Metal band Taratula - at the Rec N Roll Studios on July 2006, this Promo CD self entitled Y? was recorded in 20 hours, and shows two original songs: Glad Its Over & Stop It!

Y? have played all clubs in their Hometown and are now planning to go through their country. But their main goal is to release a Long Play next year.

Heard outside Portugal, the critics have been positive and the bands struggling to reach the biggest amount of people they can.

Last year they played one of the major festivals in their home country. This was the prize of a contest with over 150 bands!

Future seems bright now that they've earned the possibility to sign a record deal with a major label.

Os Y? juntam-se em Março de 2005 para iniciar o seu percurso na música. Juntos por inúmeras influências, os membros da banda, até então totais desconhecidos, fundiram-se num Hard Rock Alternativo.

Metallica, Iron Maiden, Guns N' Roses e Korn são algumas das suas influências em comum.

Após pouco mais de um ano de existência, a banda decidiu entrar em estúdio para gravar aquele que viria a ser o seu primeiro trabalho. Produzido por Luís e Paulo Barros (TARANTULA) nos estúdios Rec 'N Roll em Julho de 2006, o PROMO CD – Y? – foi gravado em 20 horas, é constituído por dois temas e foi lançado a 30 de Setembro de 2006.

Contando já com concertos em algumas salas do Porto, entre elas HARD CLUB, PORTO RIO, MARÉ ALTA E BLÁ BLÁ, onde também foram incluídos 3 showcase acústicos pelas FNACS, os Y? querem fazer aquilo que mais gostam : tocar ao vivo e fazer chegar a sua música e a sua palavra ao máximo de público que conseguirem.

No ano passado, a banda contou com a vitória no SUPER BOCK SUPER ROCK PRELOAD, que lhes valeu a oportunidade de actuar no FESTIVAL SBSR de 2007.

CDs:

Agenda:

Influências: Zeromancer; Kidneythieves; Guns N' Roses; Marilyn Manson; etc

Anexo 3 . Diário do investigador

Relato 1 · 19 e 20 de Abril de 2008

Chegou a hora de ir para o terreno. Tenho fugido deste momento desde o início desta empreitada. É certo que não tenho ido muito ao Stop mas, que diabo, ensaio lá há 12 anos e nada daquilo me é estranho. Sempre tive até carinho pelo sítio. A verdade é que me vejo perante um grande vulto negro. Eu sei que não conheço aquilo, e é esse o dilema. Decidi que vou avançar sem um guião definido e que pegarei numa ponta do novelo para depois lhe seguir o rasto. Concentrar-me-ei no simples movimento de aproximação. Uma vez confrontado com as primeiras pessoas, farei os acertos necessários na abordagem. O Serginho vai ser a ponta por onde vou começar. O Serginho é um percussionista que conheci quase por acaso há uns meses atrás. Desde a primeira hora me pareceu um bom ponto de partida. Sei que ele ensaia no Stop. Ronda os 20 anos, é completamente dedicado à música, tem uma formação incompleta no ESMAE e salta entusiasmado de projecto em projecto. Logo na altura em que o conheci fiz uma investida que visava já o futuro trabalho de campo no Stop. Na altura, em Novembro de 2007, fui testar os meus futuros instrumentos de trabalho (uma câmara de filmar e um gravador áudio digital portátil) com os quais registei um concerto do seu grupo, os Tchakare Kanyembe, no recinto da Alfândega do Porto. A aproximação aos instrumentos foi útil. De resto, senti-me mal. Os músicos foram acolhedores, aparentemente correu tudo bem, mas senti-me deveras deslocado no tempo, no espaço, na linguagem, no “groove social”. Terá sido também por isto que o trabalho de campo foi sendo sucessivamente remetido para a gaveta? Seja como for, decidi hoje, 19 de Abril, que este é o dia de início do trabalho de campo, sem mais adiamentos. Chove. Deus não ajuda. Telefono ao Serginho: – Serginho? É o Anselmo, lembras-te? Lembras-te de eu te falar que estou a fazer um inventário da música que se faz no Stop? Estava a pensar em ir ter convosco um destes dias... – É pá, fixe, mas olha, já não faço parte daquele grupo que tu viste, disse-lhes hoje mesmo que saía; aquilo está muito estranho. Lembras-te que nós íamos gravar em Dezembro, quando falámos a primeira vez? Pois o vocalista foi a Barcelona a meio da gravação e ficou lá sem dar cavaco, nunca mais veio para

acabar o trabalho, ficou tudo suspenso, especado. O trompetista saiu logo a seguir, e eu hoje também deixei... já não ensaio no Stop... – Chiça, que pontaria... – Mas olha, hoje vou tocar com um projecto novo onde estou, o Nuno Prata. Tocamos no Senhorio (...)
E agora? Decidi que começava hoje, mas não tenho ponta de novelo. Chove e Deus não ajuda, mas tem que ser. Pego na mochila e carrego as tralhas: o gravador áudio, uma câmara de vídeo, uma máquina fotográfica, tudo portátil e digital. Avanço rumo ao Stop. Conheço bem o caminho, mas é como se fosse em direcção a um sítio desconhecido. Não me sinto nada confiante. Chego, estaciono e entro no Centro. No café da entrada estão algumas figuras familiares. Aquelas barbas, os piercings, os andrajos pretos, a pose flutuante, todos os sinais do rock se plantam à minha frente como obstáculos à aproximação. Vacilo. Entro e deambulo um pouco pelo Centro. Não me sinto com força para avançar. Preciso de um copo. O café da entrada não tem o que eu quero. Vou ao café ao lado da loja de instrumentos e, oops!, agora é um café marroquino. Não, não é chá que eu procuro. São cinco da tarde. Saio do Centro e vou ao tasco mais próximo, onde bebo um trago enquanto aprecio uma suecada jogada entre alguns machos já bem bebidos, que me entretenho a distribuir entre o desemprego, a invalidez precoce e a reforma. Noutra mesa, três reformados de pleno direito põem a conversa em dia (ou em hora). O cheiro é difícil de suportar. Com o trago, volto ao Stop mais decidido. Os primeiros tipos que avisto com ar de rock já não me escapam. Abordo-os: – Olá, sou o Anselmo, sou do Repórter Estrábico, ensaio aqui na 316. Tudo bem? Vocês ensaiam aqui? – Sim, a nossa sala é já ali. – Estou a fazer um inventário da música que se faz no Stop, gostaria de falar convosco um destes dias, quando vos der jeito, pode ser? – Fixe, na boa. Olha, esta é a nossa sala. Eu sou o Tiago dos Echidna, mas ensaiam aqui também os Nanook, este é o André, olha é o Anselmo dos Repórter Estrábico quer vir falar connosco (...)
Abertura completa, tudo disponível, mas o momento é de arrumações e concertos. Como não vou poder ir aos concertos, acerto um novo contacto para a semana seguinte. Vitória.

Sigo escada acima. Encontro um tipo sozinho, a fumar à porta da sala de ensaios e avanço de imediato. Este recebe-me desconfiado. Não se deixa levar pela primeira abordagem. Quer saber mais. Ele quer mesmo é que eu o deixe em paz, mas eu, motivado pela primeira vitória, não desisto. Tanto insisto, que ele cede e concorda em fazer uma sessão logo ali, naquele momento. Entro, peço licença e ligo o gravador. Ele está nervoso, inseguro e claramente não vislumbra qualquer sentido na minha intervenção. O sim foi apenas a sua maneira de dizer não. A entrevista é um fracasso. Ele não avança para nada de substancial, eu caio na filosofia barata e nada se aproveita. Bom, não é bem assim: ele é baterista e tocou um pouco para o gravador. O registo do som dos pratos foi o melhor da festa. No final, sugiro-lhe que se apresente em directo para a câmara de vídeo. Ele acede relutante, sem encarar a câmara. Insisto e peço-lhe ainda que me deixe filmar e fotografar o sítio. A verdade é que ele faz-me sentir um intruso. Não consigo paz para fazer uma recolha decente e não aguento muito tempo. Saio e prometo uma versão da gravação para ele. Não posso esquecer-me.

Continuo a subir e chego ao terceiro andar. Uma sala entreaberta dá-me a desculpa para meter o pé. Com a apresentação do costume, meto conversa com a menina que me recebe. Ela não é música mas o amigo está a chegar, foi só comprar tabaco e é guitarrista de uma das bandas (aqui também ensaiam duas). O guitarrista (Eduardo, dos Tetris) chega e recebe-me com franco prazer. Vêm à conversa acontecimentos recentes com a polícia, a propósito de queixas de ruído. Ligo o gravador, continuamos a conversa e só paramos duas horas depois. Começam a formar-se silhuetas no vulto escuro: o Stop alberga um sem número de projectos; as mesmas pessoas saltam de uns para os outros, ou pertencem a vários em simultâneo; a malta fala-se e entreajudada-se em questões práticas (ó vizinho, tem por aí uma ficha tripla que nos empreste?). Existem bandas de referência que são o orgulho da mole. O Manuel Cruz, ex-Ornatos Violeta, parece estar à cabeça. Seguem-se os Mosh e o rigor obriga-me a mencionar o Repórter Estrábico. Existem bandas que aspiram a um lugar ao sol. Outras ainda (como os Tetris do Eduardo) assumem o seu estatuto amador e carola. Nem por isso deixam de tratar com grande esmero o seu material e imaterial. Amplificadores Fender, guitarra

Gibson, pedais míticos. Tudo o que é preciso.

O Eduardo não deixou de lançar olhares fugazes para o gravador durante toda a sessão. A evidência do registo (o gravador estava bem visível entre nós) não o intimidou, mas moldou claramente o seu discurso. Terá passado a conversa a dar às suas respostas a forma de declaração. Esta subtileza formal é mais perceptível na amiga, que foi participando na conversa. Recolho contactos para marcar sessões de ensaios nos próximos dias, despeço-me e saio. Está na hora de jantar e reconheço que o dia acaba por estar a correr bem. Comecei por perder um fio mas já tenho duas meadas a enrolar e há ainda um concerto para ver no Senhorio. Que sítio será este, e o que andaré a fazer o Serginho?

Perto da hora do concerto, chego à Rua Duque de Loulé (a rua indicada pelo Serginho para o local do concerto), e não me lembro do número da porta. Percorro a rua e não vejo nenhuma indicação de um local chamado "O Senhorio". Intrigado, entro num café e pergunto pelo sítio. 'O Senhorio? Não conheço. Tem a certeza que é nesta rua? Olhe que eu conheço bem isto e não há aqui nenhum Senhorio...' Telefono ao Serginho e confirmo. O Senhorio é mesmo por ali, mas é um sítio aparentemente clandestino, que funciona à porta fechada, sem agitação à porta, apenas com um cartaz discreto anunciando o ciclo de concertos. Toco a campainha, a porta abre-se, eu subo uma escada íngreme e deparo-me com um hall onde algumas pessoas cavaqueiam em tom familiar. Uma mesa improvisada serve de bancada. Informam-me que a entrada custa três Euros e dá direito a chá e bolachas. Também há sangria e cerveja a um euro.

Pago a entrada, subo mais um lanço de escadas e encontro o Serginho já com o nervoso miudinho do concerto. O sítio compõe-se de duas salas e uma cozinha. A primeira sala ao lado da escada é pequena, interior, tem uma bancada com um computador e duas pequenas colunas, preparadas para uma sessão DJ. A sala seguinte é maior, dá para a rua numa altura equivalente a um segundo andar, e tem a dimensão de uma sala de estar. É nesta última que vai acontecer o concerto. Do outro lado da escada encontro a cozinha, que funciona como bar, onde me oferecem o prometido chá com bolachas. Tenho a nítida sensação de ter entrado na casa de alguém, alguém que a adaptou provisoriamente para o evento do dia. Dirijo-me à sala do concerto já munido do meu chá, e

procuro um lugar na sala entre pessoas já sentadas em almofadas espalhadas pelo chão no centro da sala, e em cadeiras e sofás encostados às paredes. Encontro um lugar para me instalar, saco do meu gravador portátil e ligo-o. Estou pronto para o furto. Alguém me toca no braço. É a Ana. Como vieste aqui parar?! O concerto está gravado e corresponde em grande parte ao repertório de Nuno Prata gravado no seu disco “_”. Actuaram três músicos: o Serginho é o homem dos sete instrumentos (percussões várias, metalofone, melódica, pé no chão, baixo...); o Nuno Prata é o protagonista, toca guitarra e canta; o terceiro músico chama-se “_” e toca uma bateria de fabrico próprio que incorpora cartão canelado, garrafa de plástico e lata velha.

Uma taça com papéis contendo o nome das músicas roda pelo público para que, sucessivamente, um membro da assistência saque um deles. As músicas vão sendo tocadas pela ordem em que saem os papéis. No fim há direito a duas versões do Carlos Paião para soltar a emoção.

Lembrei-me que, há dois anos, já tinha visto a dupla Nuno Prata / Baterista no Palácio de Cristal e não tinha gostado (o Serginho, como já ficou claro, é uma aquisição recente). Na altura, tinha-me dado pena ver aqueles dois músicos a lutar com um espaço inóspito, cujo único ponto quente foi um público a clamar por adrenalina. Claramente não era lugar para eles. No Senhorio funcionaram lindamente: o contexto não clama por adrenalina mas sim pela provocação social que os sons e as palavras de hoje muito bem lançaram. No dia seguinte, dediquei-me a sistematizar o material recolhido e a seguir algumas pistas na Internet.

Quase todas as bandas que registei no Stop têm um endereço no Myspace. Sei pelo Eduardo dos Tetris que existem algumas iniciativas que se reclamam do Stop (um lugar no Myspace, um fórum de discussão, uma associação...), mas não encontrei nada. Encontrei, sim, o colectivo Soopa que me parece também uma boa meada. Enviei um e-mail anunciando as minhas intenções. Sessão cumprida.”

Relato 2 · 24 de Abril de 2008

A semana trouxe-me mais duas meadas preciosas: consegui o número de telefone do Manuel Cruz e o Soopa já me respondeu ao e-mail na pessoa de um tal Johnatan que eu vou conhecer hoje num festival

na Fábrica de Som, na Av. Rodrigues de Freitas, bem perto do Stop. Estava indeciso se devia ir ou não, mas o Johnatan vai lá estar e aproveito para nos conhecermos. O cartaz deste evento invadiu quase todos os endereços do Myspace que eu encontrei ligados ao Stop na minha busca da semana passada. No entanto, entro na “Fábrica” à hora do concerto (23h) e a casa está deserta.

Arrasto-me um pouco pelo espaço. A luz fraca dá um toque sinistro a um lugar que parece até bem cuidado e organizado. Desço para a cave, para o bar, e daí sigo para uma sala contígua, interior, preparada para um concerto. Alguns aparelhos de fabrico caseiro ladeados de pequenas mesas de mistura e pedais de efeitos aguardavam o momento de entrar em acção. Sobre eles, três máscaras de papel artesanais marcavam o lugar dos protagonistas. Fiz algumas fotografias para passar o tempo, apercebi-me que na sala estaria o Johnatan. Telefone e... já está. És tu. Conversamos. Ele está em processo de mudança, mas mantém ainda uma ligação ao Stop. Entretanto, vários grupos ensaiam já na sua sala. Esta prática da partilha e da simultaneidade parece enraizada... A seu tempo deslindaremos este novelo.

Esta noite assisti a 5 concertos, com uma duração aproximada de meia hora cada e que alternaram entre a sala da cave e uma sala no 1º andar. No bar passaram vídeos de autores locais que também fazem parte do festival. Apenas em dois deles participaram elementos ligados ao projecto Soopa e ao Stop. Mas o próprio lugar terá uma relação com o Stop que valerá a pena esclarecer futuramente. Fiz os meus registos em áudio, vídeo e fotografia. Este exercício de registo começa a ser profícuo em quantidade, mas também em diversidade. A adversidade das condições da recolha incita, impõe e proporciona o improvisado. Esse improvisado dá-me gozo, mas perco o controlo nomeadamente sobre a necessidade de fazer registos mais objectivos que permitam materializar a história. Será necessário?

Relato 3 · 29 de Abril de 2008

Ontem fiz telefonemas para os contactos que já angariei. Já marquei com o Soopa para quinta-feira. Hoje é dia de Tetris. Estes são as minhas cobaias. Cheguei e estavam três já na sala. Vim a saber depois que são os fundadores, aqueles que tocam juntos há mais tempo. Em poucos minutos chegou toda a gente: a cantora, acompanhada da irmã (no final, tinham

o pai à porta do Stop, de motorista, à espera) e o baterista. Existe alguma expectativa no ar, alguma excitação, até. O facto de eu ser do Repórter Estrábico não os deixa indiferentes. É uma bela chave para entrar, mas uma vez lá dentro ela tem um peso com o qual devo contar, provavelmente comparável à presença de um gravador ou de uma câmara de vídeo: provoca sempre um pouco mais de controlo e de pose. Tratei de induzir a maior naturalidade possível, comentando banalidades e introduzindo o meu projecto como uma coisa simples, banal: um mapa da actividade do Stop. No entanto, a coisa já não era assim tão simples porque a minha promessa no primeiro contacto tinha sido mais empolgada. Ainda assim, acho que a ideia de mapa resulta.

Enquanto a malta montava os seus instrumentos, eu montei os meus. Microfone no centro da sala, câmara de filmar debaixo de um banco. Sugerir que tocassem algumas músicas e, se possível, que também trabalhassem mais num sentido de pesquisa, o que foi aceite sem pestanejar. Este grupo tem obviamente um grande gozo em estar ali a fazer o que está a fazer em conjunto e mostra uma grande avidez em se abrir a quem os queira ouvir. Aproveitei a sessão de música para tirar algumas fotografias. Nos intervalos fui evitando os olhares ou as perguntas de circunstância. Eles claramente admitiram que eu poderia liderar a sessão, mas eu não quis fazê-lo. Foi com a naturalidade deles que se decidi o intervalo. Eu aproveitei o momento para provocar a conversa. Comecei com perguntas objectivas, como se de uma ficha técnica se tratasse. A conversa desenrolou-se com facilidade a partir destes dados simples. As histórias começam a desfilar e até a atropelar-se. Se todos tiverem assim a língua solta, as minhas dificuldades vão ser limitar os discursos e canalizá-los para onde me é mais útil, sob pena de gastar horas infinitas e inúteis. No entanto, alguns problemas se levantam. Se eu comecei com uma ficha técnica, que coloca todas as pessoas em pé de igualdade. Nesse mesmo pé, eu não posso deixar de ouvir a história de todos (sobre a sua formação musical, por exemplo), se já ouvi a de um deles. Se, por um lado, esse tratamento equitativo e até a própria ideia de recolha massiva e sistemática me obriga a conduzir a entrevista para a exaustão dos temas, por outro, começo a ver uma massa hercúlea de dados para tratar e, ainda mais grave, uma impossibilidade física de dedicar esta ordem de tempo a cada banda. Algumas contas breves: hoje gravei duas horas de áudio e vídeo. Foi quanto durou a sessão formal.

No final, prolongamos a conversa, já num registo solto, e para fechar fizemos uma visita à minha sala de ensaios. No total, foram três horas de sessão. Se adicionar a estas três mais três para escrever os relatos, compilar e ordenar dados, são seis horas por banda. Se de facto ensaiam oitenta bandas no Stop, a seis horas por banda, precisarei de 480 horas de trabalho só para recolhas e ordenação do material (não falo ainda do seu tratamento numa qualquer estrutura de análise ou exposição). São três meses, a trabalhar vinte dias por mês, oito horas por dia. Impossível. Tem que haver cortes. Onde?

Relato 4 · 01 de Maio de 2008

Dia de Soopa. Chego com um atraso de 15 minutos para as três da tarde combinadas. Os Soopa já estão na esplanada do café marroquino, ao lado da loja de instrumentos. Na televisão passa um jogo de futebol da liga marroquina. Fazem-se as saudações e bebo um café enquanto se trocam algumas informações entre os meus entrevistados de hoje e alguns amigos (entre eles o Gustavo que, pelo que me apercebo, é um eixo que devo fixar). Cheguei a ficar entusiasmado, porque achei que os amigos se juntariam à conversa. Mas não. Estavam de passagem para o ensaio. Não obstante, a informação que se me oferece pelo simples facto de estar ali é assinalável: modos de contacto para concertos, tácticas de negociação de cachet, motivações para os passos seguintes, rotinas quotidianas, tudo se acerta em meia dúzia de frases entre a esplanada e o elevador.

Chegou a nossa hora. O Soopa está em mudança. Apesar de ainda ter a chave da sala, passou já o contrato para o nome da banda seguinte (tanto quanto me é possível saber trata-se de "O projecto é grave"). Os meus entrevistados já não querem estar na sala deles. Ainda passamos por lá, e eu aproveito para roubar umas fotos, mas acabamos por fazer a entrevista na minha sala. Se eu não tivesse ali um poiso, situações como esta seriam mais complicadas: eles entraram na sala do RE e imediatamente se sentiram em casa. Quiseram espiolhar os instrumentos, apreciaram as imagens e sentaram-se descansados, como se numa sala de estar de amigos se tratasse. Estes amigos "têm a escrita em dia". Atenção aos silêncios, respeito pelo discurso alheio e pelas hierarquias (é admirável como se reconhece imediatamente o líder); discurso estruturado, denunciando não só a preparação da entrevista, mas

principalmente o brio e a dedicação a uma carreira que se ambiciona competente e funda. Tenho novamente o problema do tempo. O discurso não pára de fluir e não devo ser eu a cortá-lo. Mas sei que estou a criar um dilema. Como irei tratar decentemente tanto material?

Relato 5 · 02 de Maio a 22 de Junho de 2008

Ara/OliveTree/MetalPoint/Sr. Freire/
SamuelQuintoTrio/TóVinhas/VisitaPolícia/André/
ThePortugals/Earthrise/Noose/Sala116/Dogma/
OriginalPressure/PortoÀNoite

Como não consegui manter um ritmo de relatos correspondente às recolhas, sintetizo agora os procedimentos desde 2 de Maio até hoje, 22 de Junho. A 2 de Maio, utilizei a minha folga de sexta-feira de tarde para prosseguir com as visitas ao Stop. Levava outra intenção, da qual não me lembro, mas fui surpreendido pelo eco de uma batida diabólica que me mudou os planos. Segui o som, esperei por um silêncio e bati à porta. Uma cara divertida (o sorriso nunca se desmanchou, o que diz da sua origem) abriu-me a porta e, perante a minha apresentação, dirige os olhos aos outros dois colegas. O olhar quis dizer “o que fazemos com este fulano?” Perante a minha insistência e explicação (o mapa, o Stop, sou do Repórter Estrábico...) admitiram-me e prosseguiram o ensaio. Tocaram para mim algumas músicas e permitiram o registo fotográfico. Entretanto, numa pausa para fumar, falamos um pouco. Todos assumiram a condução da conversa pelo líder da banda. Este não é um tipo ingénuo. Controla o discurso e a imagem. Por trás da barba comprida consigo ver a cara barbeada do funcionário Sonae que já foi. O discurso cauteloso vem de uma experiência profissional onde se estudaram as implicações da informação e da forma do discurso. Sinto que não retirei deles o que necessitava. Verei depois de reescutar a entrevista. Mas não consegui claramente captar a empatia deles. Apenas cortesia. Estariam constrangidos por terem feito uma versão do Mama Papa? Terão ficado desconfiados por eu não ter participado na passa? (no dia seguinte iam participar numa manifestação pró-cannabis e eu fui ver. Voltei a falar com eles, manifestei a minha presença e enviei algumas fotos das que fiz no dia seguinte. Continuo a ver só cortesia. Não será fácil obter proximidade se não houver algo de mais forte em troca).

Segui o meu caminho e encontrei a sala 213 com gente cá fora. Esta é uma das salas mais activas do Centro Comercial e eu nunca soube bem o que lá se passa. A Pintura nos vidros faz imaginar algo de demoníaco. Meto conversa com os tipos que estão cá fora a fumar. Estão a gravar. O “responsável” pela sala é o Bruno, músico dos Heavenwood e de uma série de outros projectos. É uma velha guarda do heavymetal, grande, tímido e afável. É claramente um informante privilegiado. Para além de conhecer as várias bandas que ensaiam naquela sala, conhece muitos outros músicos que recorrem ao seu estúdio improvisado para gravar. Acho que aqui consegui empatia, para além dos dados. O Repórter Estrábico é respeitado, mesmo quando não é apreciado e acho que o Bruno aderiu naturalmente à ideia de fazer algo de espontâneo, por pouco que seja, pelo Centro. Gravei a conversa, como já tinha feito com os outros. Mas hoje o gravador e a câmara de filmar fixa (esta com a sua omnipresente luz vermelha de REC) foram claramente incómodos para os meus interlocutores. Enquanto Tetris e Soopa falaram com prazer para as gravações e controlaram o discurso para o gravador (uma discriminação positiva, portanto), OliveTreeDance e Bruno claramente deixaram de dizer coisas por desconfiarem das gravações e do gravador, no caso de OTD, por desconfiarem de mim, e no caso do Bruno também por timidez. Eu tenho muito má memória, o que me aconselha o uso intensivo das gravações. Tenho que minimizar de algum modo o seu efeito.

O dia foi, de qualquer modo, feliz e proveitoso. Muitos contactos por parte de Bruno, e a descoberta de mais uma banda curiosa. Neste dia, fiz ainda uma primeira abordagem ao chefe da segurança, para conseguir uma entrevista. A reacção foi cordial e ficámos de a fazer na sexta-feira seguinte.

No dia 3 de Maio, fui registar a manifestação pró-cannabis e à noite fui a um concerto no Metalpoint. Sem problemas de maior. Como hoje em dia toda a gente fotografa em todo o lado, eu sou apenas mais um a registar. Mesmo a minha máquina ligeiramente maior não chama demasiado à atenção. A 9 de Maio de 2008 foi o dia da entrevista com o Sr. Freire, chefe da segurança e também “administrador executivo” do Stop. O gravador e a câmara fizeram mais uma vez a sua cerimónia do discurso, mas também confere importância ao momento. Como a entrevista foi na recepção, já que ele não pode deixar de estar a trabalhar, ele esteve constantemente sujeito a interrupções. Como o gravador estava a “contar”,

ele foi tentando controlar a coisa para permitir a fluidez e a concentração da conversa. A felicidade de ter a gravação ligada é a possibilidade de captar imprevistos. Nesta sessão, foi o telefonema em directo de uma proprietária que quis esclarecer a ordem de trabalhos da reunião de condóminos. Ficou registada a versão deste entrevistado (que mais não faz do que cumprir as instruções do chefe, o verdadeiro administrador) sobre os problemas políticos que afectam neste momento o Centro Comercial.

Nesta entrevista consigo um esboço de compromisso para conseguir as plantas do Stop. Há que insistir. Por questões de trabalho, quebrei aqui o meu ritmo de trabalho de campo. Para retomar obriguei-me a meter férias. Na segunda feira 16 de Junho vim colar uma planta dos quatro principais pisos do Stop em tamanho grande, na janela da minha sala de ensaios. Com isto, o discurso muda para algo mais pragmático. Vamos fazer um directório do Stop. Posso convidar os grupos a irem lá inscrever a sua banda, dizer aos seguranças para passarem palavra. A minha presença e o meu trabalho tornar-se-ão mais conhecidos, embora de uma maneira ainda inócua. No entanto, quando regresssei e deixei lá as plantas coladas, fiquei com um receio: se aquele directório for um fiasco, é a minha reputação também que sofre? Estou de facto a expor-me mais.

Só voltei ao Stop na quarta feira dia 18 ao fim do dia. Entretanto estive a acabar algumas leituras que queria arrumar. Fiquei surpreendido, porque já duas bandas tinham tomado a iniciativa de se inscreverem no directório. Fiquei um pouco aliviado.

No dia 19 voltei ao Stop para montar a minha sede na sala de ensaios. Decididamente, a minha metodologia de base é a observação participante e eu quero aproveitar estes dias para aumentar drasticamente a minha presença no Stop. A minha intenção foi vir cedo todos os dias, fazer recolhas no Centro à tarde e noite, e utilizar as manhãs para relatar e reflectir. Não consegui cumprir este plano. O processo de contacto e registo foge constantemente das nossas mãos, porque as oportunidades aparecem, conheço as pessoas e depois não as posso mandar embora. Tenho que levar o contacto até ao fim, o que é muitas vezes longo e pouco útil. Este trabalho começa, afinal, logo de manhã. Há gente que começa cedo. E o espaço é cansativo. Depois de 12 horas dentro do Centro, já não se consegue fazer grande coisa.

Assim, os meus últimos dias têm sido passados entre conversas (umas registadas outras não), registos de ensaios, idas a concertos (que também não abonam

a favor das manhãs), passar e organizar dados nos backups e carregar pilhas. Este é o primeiro dia em que consigo escrever. Mesmo assim, estou na minha sala e ouço lá fora o ruído. Algo se está a passar que eu poderia estar a registar. Será aquilo que eu estou a perder que me daria uma resposta, um contributo novo para o trabalho? Por outro lado, se eu não escrever, perco muito. Afinal, não confio na minha memória.

Nos últimos dias travei conhecimento com um núcleo importante do Stop hoje em dia. São os donos da loja Stop Shop. Fui lá arranjar o meu baixo, e estabeleci relação a partir daí. Penso que estes são informantes privilegiados, no sentido em que passa por lá bastante gente, e querem ter um papel activo no Centro. Por outro lado, pressente-se sempre que os seus objectivos individuais presidem àquilo que aparentemente são gestos altruístas. O sócio que faz reparações de baixos partiu-me uma peça estrutural do baixo. Penso que não foi culpa dele, mas ficou-lhe mal. Não fiz nenhuma cena, mas ele ficou a dever-me uma. Afinal vou ter que ficar com um instrumento que já não é 100% original.

22 de Junho. Resolvi interromper este relato para ir ver se encontrava algo de interesse. Encontrei os Original Pressure, que já tinha tentado contactar em Maio. É assim que acontece. São provavelmente o único colectivo de dança do Centro Comercial. Mesmo assim, fico com a sensação de estar a entrar em redundância. Já não me interessa conhecer as particularidades. Como se já existisse uma lei que já não é enriquecida pelas narrativas particulares. Mas não sei. Talvez não esteja a entrar suficientemente fundo. Entro nas salas com um ambiente escuro, íntimo. Eu estou pouco à vontade. Eles também. Precipitam-se para a entrevista, para despacharem aquilo (especialmente os mais novos adquirem logo o tom formal; querem fazer a coisa mas secam-na à nascença com esse formalismo). Como estou a apostar na quantidade, não posso fazer sala para destruir esta tensão inicial e partir para um estado de espírito mais facilitador do fluir da conversa. Vou continuar a apostar na quantidade, e depois detalharei algumas histórias, se for o caso.

Entre 19 e 22 de Junho fiz mais uma série de registos mais ou menos ao sabor das oportunidades que vão surgindo (SamuelQuintoTrio/TóVinhas/VisitaPolícia/André/ThePortugals/Earthrise/Noose/Sala116/Dogma/OriginalPressure/PortoÀNoite). Sinto que não estou preparado para este tipo de actividade. Esta actuação aparentemente casual necessita de

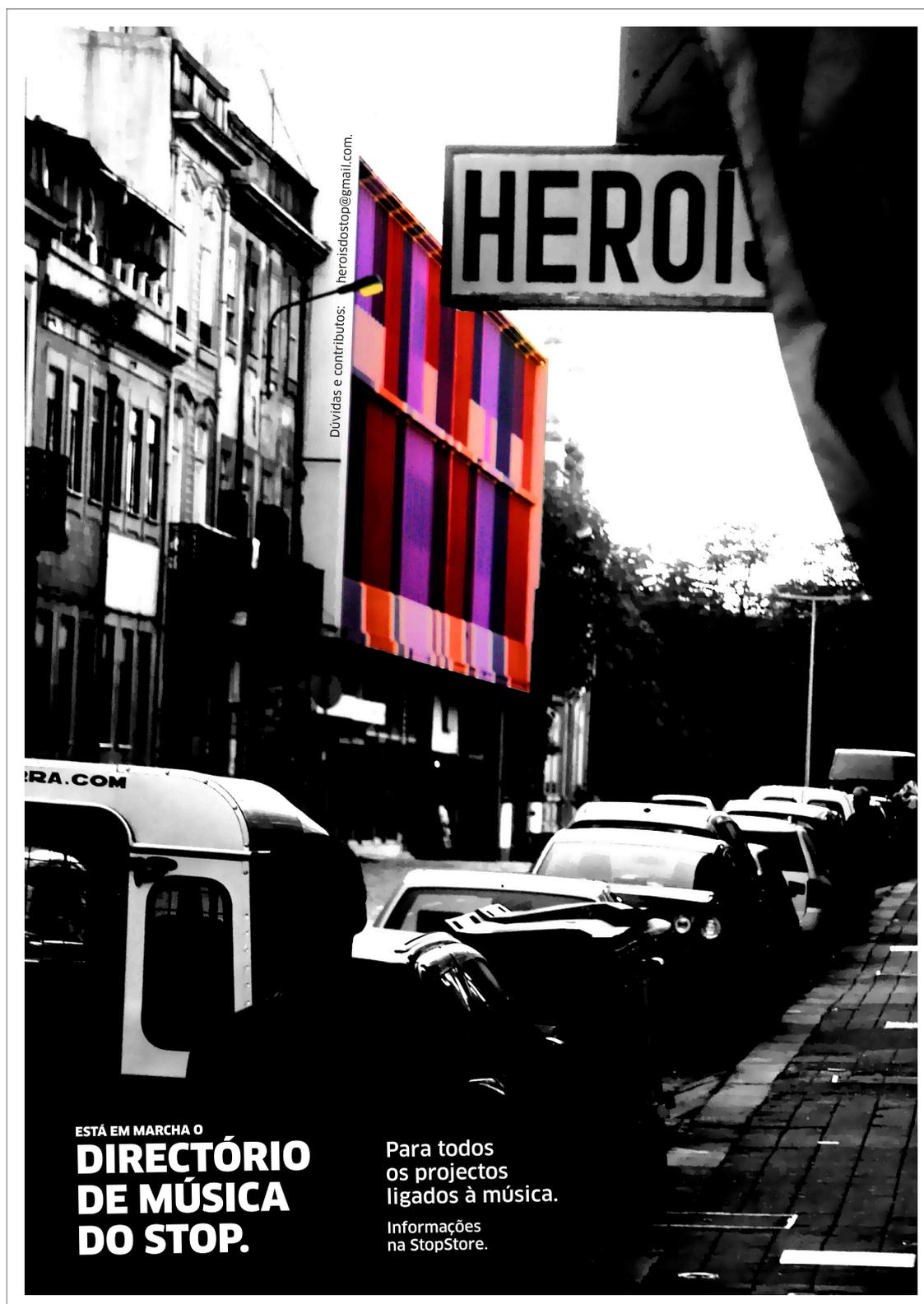
uma muito boa preparação para que os detalhes não falhem no momento da verdade. Embora eu tenha previsto isto na minha metodologia, não a executei com suficiente seriedade. Agora, as coisas escapam-me, tenho a sensação de não dominar os processos, de não recolher a informação necessária, de ter que voltar ao princípio sistematicamente.

Relato 7 · 23 a 25 de Junho de 2008

ConcertoFábDeSonhos/Mandrágora/
Sala221(Supernada)/SGSoundSystem/Xico(Stop
Store)/Sala221(ExameJazz)/Sala313/Secrecy+DMG?
Começa a ser doloroso deambular pelo Centro
Comercial. Seguir as pistas, com os telefonemas,
é praticamente impossível porque as pessoas não
garantem nada, fazem depender a coisa da sua
própria regularidade/irregularidade. Por outro lado,
começa a ser mais ou menos claro que existe um
conjunto de bandas que nada acrescentarão ao
conjunto dos contactos. Mais hormonas aos saltos
de pessoas que não levam a coisa a sério, querem
apenas um sítio para beber uns copos, fumar umas
ganzas e curtir com as namoradas. E também uma
reputaçãozita. A este nível, fica bem dizer que se tem
uma banda que ensaia no Stop.

Estou numa fase em que as pessoas já me olham
como parte da mobília, o que me tira alguma
credibilidade. Isso é especialmente notório por parte
das presenças constantes do Stop: O Sr. Freire, os
tipos da loja, um ou outro músico com quem me
cruzo. Como se não pudesse haver respeito sem
mistério. Os trutas fogem com o rabo à seringa.
Agora sou eu que os rejeito. Não quero mais falar
com o Manuel Cruz ou com o Administrador. Não
me parece também que vão adiantar alguma coisa
de muito importante. Pessoas como o Paulo Congas,
que conheci hoje na Sala dos Tchakare Kanyembe,
acabam por dar mais informação e prestarem mais
atenção ao possível alcance do trabalho. Hoje o Paulo
resumiu, eventualmente, a minha tese, sem o saber,
ao referir que, perante o microfone ligado, as pessoas
vestem automaticamente uma fatiota que inventam
espontaneamente para o momento. "Todos os dias
inventamos uma série de máscaras." Afinal, o trabalho
de pesquisa em Design da Imagem está a colocar as
pessoas sob uma nova pressão para debitemos mais
uma peça no puzzle da sua identidade.

Anexo 4 . Cartazes e formulários

A black and white photograph of a city street. On the left, there are multi-story buildings with windows. In the center, a building has a vibrant, multi-colored facade with vertical stripes in shades of red, orange, yellow, and purple. A large sign with the word 'HEROIS' in bold, black letters is mounted on a pole in the foreground. The street is lined with parked cars, and a person is visible walking on the sidewalk. The overall scene is urban and dynamic.

Dúvidas e contributos: heroisdostop@gmail.com.

**ESTÁ EM MARCHA O
DIRECTÓRIO
DE MÚSICA
DO STOP.**

Para todos
os projectos
ligados à música.
Informações
na StopStore.

**ESTÁ EM MARCHA O
DIRECTÓRIO
DE MÚSICA
DO STOP.
PARA FIGURAR, BASTA:**

- 1** escrever os dados no verso desta folha.
- 2** assinar o poster na montra da loja 316 (3º andar junto à danceteria);
- 3** deixar esta folha preenchida no correio da porta 316 ou na StopStore.

Aberto a todas as bandas e projectos.
(Uma ficha por banda ou projecto)

Dúvidas e contributos: heroisdostop@gmail.com.

Nº DA LOJA: _____ NO STOP DESDE: _____

NOME DA BANDA / PROJECTO: _____

MYSPACE: _____

SITE: _____

E-MAIL: _____

+ CONTACTOS: _____

TIPO DE PROJECTO OU MÚSICA: _____

Nº DE CONCERTOS/EVENTOS NO ÚLTIMO ANO: _____

EDIÇÕES: MAQUETA EP CD Nº EXEMPLARES _____

OUTROS DADOS / NOTAS / OBSERVAÇÕES: _____

Não é necessário preencher todos os campos.

Estes dados serão utilizados em trabalho académico.

Um futuro directório público não divulgará as bandas contra a sua vontade:

Não quero que estes dados sejam divulgados publicamente.

Não quero ser contactado para participar em iniciativas ligadas à música e aos músicos.

A recolha é da responsabilidade de Anselmo Canha (Loja 316, no Stop desde 1996) com a amável colaboração da StopStore e do pessoal do Stop.

[Uma ficha por projecto ou banda. Mais fichas disponíveis na StopStore.]



O STOP MOSTRA O QUE VALE.

DIRECTÓRIO DE MÚSICA DO STOP

VERSÃO 2 DISPONÍVEL
NA MONTRA DA LOJA 316,
PARA TODOS OS PROJECTOS
DO STOP LIGADOS À MÚSICA.
MAIS INFORMAÇÕES
NA STOPSTORE.

dúvidas e contributos: heroisdestop@gmail.com

**ESTÁ EM MARCHA
A VERSÃO 2 DO**

DIRECTÓRIO DE MÚSICA DO STOP.

PARA FIGURAR, BASTA:

- 1** escrever os dados no verso desta folha.
- 2** assinar o poster na montra da loja 316 (3º andar junto à danceteria);
- 3** deixar esta folha preenchida no correio da porta 316 ou na StopStore.

Aberto a todas as bandas e projectos.
(Uma ficha por banda ou projecto)

Nº DA LOJA: _____ NO STOP DESDE: _____

NOME DA BANDA / PROJECTO: _____

MYSPACE: _____

SITE: _____

E-MAIL: _____

+ CONTACTOS: _____

TIPO DE PROJECTO OU MÚSICA: _____

Nº DE CONCERTOS/EVENTOS NO ÚLTIMO ANO: _____

EDIÇÕES: MAQUETA EP CD Nº EXEMPLARES _____

OUTROS DADOS / NOTAS / OBSERVAÇÕES: _____

Não é necessário preencher todos os campos.

Estes dados serão utilizados em trabalho académico.

Um futuro directório público não divulgará as bandas contra a sua vontade:

Não quero que estes dados sejam divulgados publicamente.

Não quero ser contactado para participar em iniciativas ligadas à música e aos músicos.

A recolha é da responsabilidade de Anselmo Canha (Loja 316, no Stop desde 1996) com a amável colaboração da StopStore e do pessoal do Stop.

[Uma ficha por projecto ou banda. Mais fichas disponíveis na StopStore.]

10 OUT 2008

ENSAIO MASSIVO *

INTERPRETAÇÃO DO HINO
DO REINADO DE ELGALAND-VARGALAND *

1ª EDIÇÃO COLECTIVA DO STOP
COM A EDITORA ASHINTERNATIONAL *

FESTIVAL FUTURE PLACES NO STOP

* MARCA PRESENÇA ENVIANDO E-MAIL PARA:
HEROISDOSTOP@GMAIL.COM

L18W/765
Cool Daylight
Russia 0639 CE

<http://www.futureplaces.org> <http://www.elgaland-vargaland.org> <http://www.ashinternational.com>

